

Maria Carolina Alvim Barrieu

À MARGEM DO HERÓI: UM ESTUDO SOBRE A DESVALORIZAÇÃO  
DO FEMININO

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2011

Maria Carolina Alvim Barrieu

À MARGEM DO HERÓI: UM ESTUDO SOBRE A DESVALORIZAÇÃO  
DO FEMININO

Trabalho de conclusão de curso como  
exigência parcial para a graduação no  
curso de Psicologia, sob orientação  
da Profa. Dra. Flávia Arantes Hime.

Curso de Psicologia  
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
São Paulo  
2011

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe pelo amparo, amor e carinho que me deram segurança para seguir em frente.

Ao meu pai pelo incentivo de explorar o mundo, contribuindo para o meu crescimento e amadurecimento.

Ao Rafael Fava Pontes pelo apoio, paciência, disponibilidade para conversar comigo sobre o meu trabalho e ajuda nos momentos de maior dificuldade.

Ao meu irmão que participou indiretamente mobilizando muitas discussões que influenciaram a escolha do tema.

A minha tia Renata pela dedicação e empenho em destrinchar os meus escritos minuciosamente e se mostrar sempre carinhosa e atenta.

Ao meu tio José Pires por sempre me ajudar de coração naquilo que eu tenho pouco domínio e me prestigiar nas minhas realizações.

A minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flávia Arantes Hime pelo acolhimento, parceria, suporte, compreensão, estímulo que me ajudaram muito a dar vida a esse trabalho.

A Patrícia Gimenez que me ajudou a dar voz aos meus questionamentos sobre a mulher e o feminino.

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Noely Montes Moares, pela disponibilidade e auxílio na elaboração do tema.

A todos os meus colegas psicólogos ou de outras áreas que se interessaram pelo meu trabalho e me fizeram explicá-lo de forma clara e resumida, contribuindo para um processo de elaboração interna sobre as questões mais relevantes.

## RESUMO

**Área de conhecimento: 7.00.00.00-0 CIÊNCIAS HUMANAS / 7.07.00.00-1 PSICOLOGIA.**

**À Margem do herói: Um estudo sobre a desvalorização do feminino. – Maria Carolina Alvim Barrieu**

**Orientadora: Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flávia Arantes Hime.**

O objetivo desse trabalho é compreender a desvalorização do feminino no âmbito individual e coletivo. Pretendeu-se analisar como a ideologia patriarcal se desenvolveu a partir do controle e poder exercidos sobre o Feminino. Segundo o referencial da Psicologia Analítica, a repressão do feminino e do dinamismo matriarcal faz parte do processo de desenvolvimento psicológico. Dessa forma, o estudo estruturou-se como se segue: inicialmente foi apresentada uma perspectiva histórica e sociológica sobre a evolução da mulher da pré-história à pós-modernidade. Em seguida foram explicitados os pressupostos teóricos necessários para o desenvolvimento do tema. Dentre eles, a história da evolução da consciência do dinamismo matriarcal para o patriarcal, incluindo o dinamismo de alteridade, e os arquétipos da *anima* e *animus*. Enfatizou-se o desenvolvimento psicológico da mulher e o medo do feminino apresentado tanto por homens como por mulheres. Constatou-se que a mulher foi dominada pelo arquétipo do *animus* na sua participação do mundo patriarcal e público, no qual ela teve que se adaptar a um mundo masculino, e ao reprimir o feminino acabou desfeminilizando-se. Concluímos que há uma lacuna quanto ao processo de individuação da mulher, encarado como uma adaptação do modelo masculino que tem como base o arquétipo do herói, porque nesse processo ela acaba perdendo contato com as raízes que a conectam ao seu Self Feminino, inevitáveis para o seu desenvolvimento como mulher. A relevância do presente estudo está, no âmbito pessoal da pesquisadora, quanto à possibilidade de aprofundamento e ampliação dos conhecimentos adquiridos na Graduação acerca da articulação entre o embasamento teórico da Psicologia Analítica e o processo de desenvolvimento da mulher. No âmbito da pesquisa a contribuição está em dar visibilidade para o aspecto feminino reprimido e problematizar sobre o processo de individuação da mulher que está pautado num referencial masculino.

**Palavras-chave:** Feminino, mulher, anima e animus, processo de individuação

## SUMÁRIO

|                                                                         |      |
|-------------------------------------------------------------------------|------|
| 1. INTRODUÇÃO .....                                                     | p. 5 |
| 2. MÉTODO .....                                                         | p.12 |
| 3. CAPÍTULO 1 - Retrospectiva Histórica .....                           | p.15 |
| 4. CAPÍTULO 2 - Evolução da Consciência Individual e Coletiva .....     | p.35 |
| 5. CAPÍTULO 3 - Animus e Anima .....                                    | p.48 |
| 6. CAPÍTULO 4 - A mulher e o Feminino .....                             | p.63 |
| 7. CAPÍTULO 5 – O medo do Feminino por Parte do Homem e da Mulher ..... | p.77 |
| 8. DISCUSSÃO .....                                                      | p.84 |
| 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                           | p.97 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                                        | p.98 |

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho pretende-se compreender as complexidades que envolvem a questão do feminino, enquanto princípio, cuja representante principal é a mulher. O feminino normalmente é associado ao inconsciente e ao dinamismo matriarcal. Ele apresenta-se como algo difícil de ser delimitado e transformado em pensamento racional, típico do dinamismo patriarcal, através do qual estabelecer-se-ia mais facilmente um foco específico para a elaboração desse trabalho. O dinamismo patriarcal corresponde a um momento em que os opostos estão discriminados; em oposição ao dinamismo matriarcal, que o antecede, que é marcado pela indiferenciação. Whitmont (1991) teoriza que:

[...] O feminino não se interessa pelo obter, pelo pensar. Não é heróico, nem rebelde; não tem inclinações para lutar contra oposições. Em vez disso, existe no aqui e no agora e no fluxo infinito.[...] Expressa a vontade da natureza e das forças instintivas, e não a atitude voluntariosa de uma pessoa em particular. A forma da consciência feminina é global e orientada para os processos. É funcional e não abstrata e conceitual. Está isenta da dicotomia do dentro-fora ou corpo-mente (p 61).

Para esse autor, o feminino faz parte de um dinamismo matriarcal e mágico e que por essa razão é um tema de difícil apropriação segundo a lógica patriarcal vigente, na qual há uma separação consciente-inconsciente, hierarquização, relação de causa e efeito, discriminação que viabiliza a abstração, entre outras características. Acredito também, que essa barreira que dificulta a fluidez do trabalho possa estar atribuída ao fato de que se trata de uma mulher escrevendo sobre o feminino e conseqüentemente o sentido que o tema adquire na minha história de vida pessoal.

Segundo Byington (1987), historicamente a mulher foi depositária do dinamismo matriarcal assim como o homem do patriarcal, no entanto devemos buscar compreender a vivência tanto do dinamismo matriarcal como do patriarcal na identidade de cada homem e de cada mulher e como se configura a relação entre eles. Nas palavras do autor,

O dinamismo matriarcal se caracteriza por uma consciência que opera muito próxima do inconsciente [...] O dinamismo matriarcal é o mais arcaico da consciência. No desenvolvimento individual da consciência, a observação do início da vida da criança evidencia um mundo regido pela sensualidade, pelo princípio do prazer e da fertilidade, em meio a intensa proximidade

afetivo-corporal, características centrais do dinamismo matriarcal (Byington, 1987, p.46).

Podemos ampliar a compreensão do desenvolvimento individual da consciência do bebê para o coletivo já que os símbolos que observamos no âmbito individual são regidos por um arquétipo (no caso do dinamismo matriarcal – o arquétipo da grande-mãe) assim como os símbolos utilizados pelos seres humanos em diferentes épocas (Byington, 1987). O arquétipo é um termo que foi criado por C.G. Jung e que pode ser descrito como o conteúdo primordial e que por se tratar de algo que pertence ao inconsciente coletivo, é de cunho universal (Cabral e Nick, 2006).

A consciência patriarcal é segregadora e marcada por relações assimétricas, nas quais existe a possibilidade da dominação e da sujeição. São atribuídas características rígidas ao feminino e ao masculino, associados respectivamente à mulher e ao homem. O estereótipo de homem é ser forte, racional e decidido. As características mais freqüentemente atribuídas à imagem estereotipada da mulher são fragilidade, amabilidade, delicadeza, maternidade, sensualidade, sutileza, afetividade, cuidado, imprevisibilidade, entre outras. No entanto, as mulheres também podem ser poderosas, controladoras, raivosas, objetivas, racionais, agressivas entre outros aspectos que são tidos como tipicamente masculinos, mas que fazem parte também de outras facetas do feminino que muitas vezes estão contidas na sombra e podem ser observadas por meio das projeções alocadas em pessoas que fazem parte da história de vida de cada uma das mulheres de modo singular. Segundo Estés (1994 p.15),

[...] não é coincidência que os lobos e coiotes, os ursos e as mulheres rebeldes tenham reputações semelhantes. Todos eles compartilham arquétipos instintivos que se relacionam entre si e, por isso, têm reputação equivocada de serem cruéis, inatamente perigosos, além de vorazes.

A mulher selvagem que Estés (1994) entende como sendo a alma feminina é aquela que possui todas essas facetas da feminilidade de forma latente ou manifesta.

A mesma autora afirma que é possível observarmos uma redução do espaço e um esmagamento da natureza instintiva feminina ao longo dos séculos. As mulheres eram tratadas como propriedade e infantilizadas. No entanto, mesmo diante de tamanha desvalorização e falta de reconhecimento, elas não deixaram de

produzir e continuaram escrevendo, pintando e dançando mesmo que às escondidas. No que diz respeito à natureza instintiva da mulher (arquétipo da mulher selvagem), a autora esclarece: “Quando são cortados os vínculos de uma mulher com a sua fonte de origem, ela fica esterilizada, e seus instintos e ciclos naturais são perdidos, em virtude de uma subordinação à cultura , ao intelecto e ao ego – dela própria ou de outros” (Estés, 1994. pp.17-24). Neumann (2000) explicita a evolução da consciência da mulher, que envolve a passagem do dinamismo matriarcal para o patriarcal, e suas particularidades em relação ao desenvolvimento psicológico do homem. Ele afirma que na entrada da mulher no espaço público – patriarcal -, ela se distancia das suas raízes que a conectam ao seu Self feminino, e que estão atreladas ao dinamismo matriarcal que envolve a ligação com a Mãe e com o inconsciente. Como resultante desse processo ela acaba alienando-se de si mesma.

Os conceitos de *anima* e *animus* elaborados do C. G. Jung são importantes para que possamos ampliar a compreensão do conceito da feminilidade e a desvalorização do mesmo na entrada da mulher no âmbito público. *Anima* é a imagem interior de mulher contida no homem e *animus* é a figura do homem atuando interiormente na mulher. *Anima* estaria associada a Eros, que é munido de uma qualidade conectiva, e *animus* a Logos, que é o princípio da lógica e discriminação, racionalidade e julgamento. Na relação com o sexo oposto, *anima* e *animus* podem ser projetados. “O ego da mulher identifica-se com os atributos da *anima*, do feminino” e projeta o *animus* naqueles que estão ao seu redor, enquanto que o homem identifica-se com os atributos do *animus*. Esses conteúdos podem se manifestar também por meio de sonhos ou pela imaginação ativa (Salla, 2005).

“[...] Nossa cultura é excessivamente voltada para o Logos. Esse tipo de atitude, para a qual somos todos mais ou menos propensos, leva-nos a dar valor muito maior ao fazer do que ao ser, ao alcançar do que ao vivenciar, ao pensar do que ao sentir” (Corbett, 2005, p.23).

Grandes mulheres marcaram a história por terem governado países, lutado em guerras tão bravamente e ter se destacado de certa forma nos mais diferentes meios, mas acabaram por cair em esquecimento. Podemos levantar a hipótese que de tal esquecimento poderia ter-se dado porque a história das

mulheres é fruto de uma interpretação histórica feita por homens e a respeito de homens.

O movimento feminista que teve início na Europa do século XIX de certo modo contribuiu para que a história dessas mulheres poderosas pudessem ser lembradas ou mesmo descobertas. Entretanto, mesmo após todas as conquistas no âmbito de uma maior liberdade das mulheres, por exemplo, de inserção no mercado de trabalho e do sufrágio universal, parece que muitas delas objetivam a igualdade e o respeito ao diferente adotando uma postura típica daquilo que é valorizado nos homens, ou seja, os aspectos masculinos - *animus*. O trecho a seguir especifica esse movimento de repressão dos aspectos do feminino, mesmo após a luta feminista, devido a uma supervalorização do princípio masculino:

[...] a mulher na sua luta gritou por igualdade, mas se esqueceu de sua singularidade como ser humano. Homens e mulheres são iguais enquanto cidadãos, nos seus direitos e deveres. Foi um movimento necessário e de grande valia para a sociedade em geral. Para as mulheres abriu-se a possibilidade da independência econômica e cultural, a liberdade em obter o prazer e todas as possibilidades que qualquer cidadão possa gozar. Mas, alerta-se que o espaço para o feminino, enquanto princípio continuou sendo desvalorizado pela sociedade (Salla, 2005, p.42).

Uma hermenêutica determinada converteu a mulher em inferior, ajudante do homem e colaboradora; em suma, um ser de segunda categoria. Ainda hoje, 53 países do mundo discriminam a mulher e a vêem de forma muito distante daquela imagem da mulher ocidental contemporânea livre e detentora dos mesmos direitos que os homens. No entanto, apesar de todas as vitórias que se iniciaram com o movimento da luta feminista, as mulheres estão vivendo há séculos numa cultura em que o masculino é o grande princípio valorizado, o que as distancia do seu próprio princípio feminino. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho e a tentativa de pertencer ao mundo masculino, elas aceitaram os valores masculinos de forma que se tornou difícil a incorporação dos aspectos do feminino (Woodman *apud* Salla 2005, p.16). Tal desvalorização do feminino, portanto, é algo que é sustentado tanto pelos homens como pelas mulheres que ao interpretarem o mundo utilizam esquemas e categorias sociais determinadas pelo pensamento masculino.

Quando se faz menção ao feminino, não se trata de uma questão de gênero, pois o feminino assim como o masculino são princípios constituintes da identidade do ser humano (Woodman *apud* Salla, 2005, p14). Saudável seria a

harmonização entre essas duas polaridades abordadas como feminino e masculino, a princípio entendidas como opostas, mas que na verdade fazem parte de uma só unidade. Faz-se necessária a integração do princípio feminino à consciência, já que ele fora deixado de lado ao longo da história. Segundo Whitmont (1991):

[...] nossa inconsciência do adversário interno faz com que lutemos com o inimigo externo [...] Os recursos mágicos, mitológicos e femininos de lidar com a existência, abandonados há milhares de anos devem ser agora necessariamente recuperados pela consciência. Mas, comparada à passada, a nova consciência precisará ser dotada de maior clareza, mais liberdade, autopercepção e uma nova e diferente capacidade de amar (p.58).

O ser humano, tanto o homem como a mulher, provém de uma unidade. Nenhum dos dois veio primeiro que o outro e, portanto ambos são partes dissociadas de uma mesma unidade. A origem da vida se deu da complementaridade do princípio do feminino e do masculino. Uma roda com um eixo central seria uma metáfora ilustrativa para um maior entendimento acerca das relações entre as funções feminino e masculino. A mulher seria aquela parte da roda que gira e que faz com que a mesma se mova, enquanto que o homem representado pelo eixo central seria a parte imóvel e remota, mas da qual tudo provém e que é o principal sustento de toda a estrutura da roda (Sanchez Fere, 2008). Segundo Byington (1987),

[...] de uma coisa o estudo arquetípico nos dá certeza: que a consciência individual ou coletiva não consegue atingir e funcionar no padrão democrático de alteridade se suas raízes não estiverem firmemente plantadas e alimentadas pelos dinamismos matriarcal e patriarcal (p. 67).

Whitmont (1991) afirma também a importância da reintegração do dinamismo matriarcal, ou seja, dos aspectos do feminino que foram reprimidos, através da passagem: “a necessidade contemporânea de integrar a reaparição do feminino e das forças dionisíacas” (p.81).

Corbett (2005) é outra autora que também aborda a questão da feminilidade devastada e que atenta para o modo como esses aspectos acabam aparecendo nos sonhos de homens e mulheres, o que aponta para uma necessidade de uma maior conscientização a respeito desse tema. Contudo, afirma que “diariamente a sabedoria do corpo humano é devastada pela mente” o que indica a valorização do dinamismo patriarcal em detrimento do matriarcal. A autora atenta para o fato de que “sem o feminino vital para contrabalancear o princípio

patriarcal coletivo, há certa esterilidade na vida. A criatividade e o desenvolvimento pessoal são asfixiados” (Corbett, 2005, p.17).

Ainda, Menin, Loureiro e Moares (2007) complementam dizendo que a “ideologia patriarcal ergue-se sobre as bases do controle e do poder exercidos sobre os domínios do Feminino. Esse exercício de poder é inevitável durante o processo de desenvolvimento psicológico” (p.56). Assim sendo, contribuem para pensarmos na desvalorização dos aspectos do feminino.

Uma reflexão a respeito não mais do indivíduo particular somente, mas do mundo/contexto no qual ele está inserido se faz necessária nesse momento. O mundo moderno perdeu a noção do sagrado e do mágico (típicos do dinamismo matriarcal), já que se tem o poder de transformar a natureza e, portanto - considerá-la como sua propriedade. A natureza não é mais vista como sagrada e o homem e a mulher muito menos. Eles são seres pensantes e racionais que nascem, crescem e morrem. É preciso retomar esse princípio sagrado da vida e reconstruir, pois levando em conta a maneira como se dá o nosso existir atual não é possível criarmos nada, já que estamos vivendo um caos tanto no mundo exterior como interior. Nas sociedades primitivas, de organização mágica, os rituais e as maldições são considerados vitais e não há quem duvide deles. No entanto, no mundo atual, marcado pela racionalidade e pelo cientificismo não há espaço consciente para esse tipo de crença. Porém, esses aspectos continuam agindo inconscientemente na nossa psique moderna e podem nos invadir a qualquer momento. Assim sendo, é importante integrar esses conteúdos à consciência a fim de que não caiamos novamente no erro de valorização de um só aspecto, ou seja, na unilateralidade (Sanchez Ferre, 2008).

Considerando tudo o que foi dito até aqui, pretende-se com esse trabalho problematizar e refletir sobre o processo de individuação da mulher, marcado pelo arquétipo do herói (que é quem conduz a passagem do dinamismo matriarcal para o patriarcal), e que é fruto da adaptação ao modelo masculino de individuação. Para tanto, é necessária a compreensão dos diferentes aspectos do feminino e a desvalorização desse princípio diante da vigência do patriarcado.

A história de mulheres ficou perdida devido à repressão resultante da visão masculina da História da Humanidade (Sanchez, 2008). A partir dessa visão,

pretende-se situar o movimento feminista e os frutos que puderam ser colhidos dele e que ainda estão em processo de colheita atualmente; e posteriormente, entender os motivos que influenciaram a desvalorização do feminino ao longo da história e a perpetuação dessa prática nas lutas feministas e na inserção da mulher no mercado de trabalho, para que se proponha um caminho que favoreça a ampliação da consciência pela reintegração dos opostos, levando em consideração que não podemos valorizar somente um princípio, mas a integração e a unidade.

## MÉTODO

O objetivo desse estudo é apontar a desvalorização do feminino e problematizar a ausência de um modelo alternativo de individuação para a mulher, que não seja uma mera adaptação ao modelo masculino de individuação baseado no arquétipo do herói. Para tanto, o método a ser utilizado é a análise de livros e artigos que dêem embasamento teórico para que se possa refletir sobre o tema proposto nos diferentes âmbitos: social, histórico e sociológico.

O trabalho será realizado segundo a perspectiva da Psicologia Analítica que teve como precursor Carl Gustav Jung. A Psicologia Profunda, da qual provém a Psicologia Analítica, é originária da psiquiatria dinâmica que propõe uma forma mais compreensiva do que descritiva de se pesquisar, visando o ser humano em sua subjetividade mais do que em sua generalidade. No entanto, além dessa origem, a psicologia analítica está mais relacionada à filosofia romântica do que às outras teorias como a Psicanálise de Freud (idem).

É importante atentar que o método de investigação psicológica segundo essa abordagem “se dá pela apreensão dos símbolos e sua compreensão, que resulta do processamento simbólico realizado pelo pesquisador (...) A perspectiva simbólica arquetípica como forma de compreensão da realidade nos habilita a investigar os fenômenos nos contextos individual e coletivo” (Penna, 2005). Na abordagem junguiana, segundo uma perspectiva ontológica, deve-se considerar as concepções de: mundo, manifesto e encoberto; e de ser humano como um ser simbólico e que tem uma psique que abrange o inconsciente e consciente (individual e coletivo). O inconsciente não pode ser conhecido diretamente, porém é possível acessá-lo indiretamente através de suas manifestações simbólicas arquetípicas. A teoria dos arquétipos não se reduz a uma acumulação e classificação de dados obtidos empiricamente e, portanto, viabiliza a compreensão de fenômenos que não podem ser inseridos em uma investigação científica aos moldes daquilo que é diretamente observável (Penna, 2005).

O símbolo permite a conexão entre a consciência e o inconsciente a nível pessoal ou coletivo e segundo uma dimensão histórica ou universal.

A psicologia Analítica utiliza a amplificação simbólica para tornar conscientes aqueles conteúdos ainda desconhecidos pelo ego (consciência). Isto é, o conhecimento científico depende do processamento simbólico, que tem como finalidade elucidar os significados implícitos no símbolo para que sejam integrados à consciência.

Quanto ao método de investigação da psicologia analítica, Penna (2005) ensina que ele:

[...] compreende características do pensamento dialético, fenomenológico, hermenêutico, associativo, analógico e imagético. As premissas da Psicologia Analítica são condizentes com a noção atual de paradigma e com a metodologia qualitativa de pesquisa [...] demonstrando maior sintonia com a concepção de ciência atual do que com a concepção de ciência do século passado (p.78).

Segundo a autora (2005), o grande desafio na busca de métodos em Psicologia deve-se ao fato de que “a psique é tanto sujeito como objeto de conhecimento” (p. 84). Assim sendo, o conhecimento adquirido é resultado da personalidade do observador que interfere no fenômeno observado.

A relação entre sujeito e objeto – pesquisador e fenômeno – é uma relação dialética e simbólica, em que o sujeito e objeto participam ativamente do conhecimento. Essa dialética deve ser balanceada de tal forma que sejam evitadas posições unilaterais. Se a subjetividade for desconsiderada, ela permanecerá inconsciente no processo de conhecimento e, como tal, tenderá a se projetar de forma automática e primitiva. Entre a subjetividade e a objetividade, o máximo que se pode almejar é uma intersubjetividade, evitando-se tanto o ‘subjetivismo’ como o ‘objetivismo’ [...] Nesse sentido, a metodologia junguiana propõe um método de investigação dos fenômenos que inclui tanto uma perspectiva subjetiva quanto objetiva da realidade psíquica, e permite que sejam conduzidas pesquisas no nível pessoal e no nível coletivo (idem, pp. 85-86).

O presente estudo enfatiza a questão do feminino e da mulher no âmbito pessoal e coletivo, segundo uma perspectiva subjetiva. Os textos referenciados fornecem subsídios para a análise dos conflitos psíquicos da mulher moderna, entendimento da desvalorização dos aspectos femininos instintivos e a busca por uma alternativa terapêutica que visa o resgate da alma feminina. Dessa forma, ajudam a refletir acerca da construção de um outro modelo feminino de individuação.

Maria, Maria  
É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece  
Viver e amar  
Como outra qualquer  
Do planeta

Maria, Maria  
É o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri  
Quando deve chorar  
E não vive, apenas agüenta

Mas é preciso ter força  
É preciso ter raça  
É preciso ter gana sempre  
Quem traz no corpo a marca  
Maria, Maria  
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha  
É preciso ter graça  
É preciso ter sonho sempre  
Quem traz na pele essa marca  
Possui a estranha mania  
De ter fé na vida....

Milton Nascimento - Maria Maria

Composição : Milton Nascimento e Fernando Brant

## CAPÍTULO 1 – RETROSPECTIVA HISTÓRICA

Esse primeiro capítulo destina-se a uma breve retrospectiva da história da humanidade no ponto de vista da mulher. Percorrendo o processo histórico vivenciado pelas mulheres, será possível destacar as mudanças de papel e valores que influenciaram toda a humanidade até os dias de hoje. Além disso, esse capítulo tem como objetivo proporcionar uma visão ampla sobre a divisão do trabalho ao longo das diferentes épocas e sua influência sobre os relacionamentos pessoais e organizações sociais nos diversos momentos da História.

Há aproximadamente trinta mil anos, as grandes sociedades seguiam uma lógica matriarcal. Essa fase caracteriza-se pela hegemonia política das mulheres, o que era um predomínio e não uma dominação. Elas eram responsáveis pela organização dos grupos e pela mediação de conflitos. Homens e mulheres viviam de forma integrada, podendo se relacionar de forma igualitária. As mulheres, por deterem o poder da reprodução da espécie, eram consideradas mais próximas aos deuses, e por isso ao mesmo tempo em que eram respeitadas, eram também temidas. Esse período durou cerca de um milhão e meio de anos, e as sociedades eram marcadas pela cooperação (Muraro, 1997).

Na fase matriarcal, a terra não era dominada e não era vista como passível de ser conquistada, pois os homens (referindo-se aqui a homens e mulheres) dependiam da natureza para a sua subsistência e por isso precisavam viver em harmonia com a mesma e respeitá-la em todos os seus aspectos (Faria, 2003). Os cultos praticados eram uma forma de sintonizar com a natureza.

Os primeiros homens a habitarem a Terra foram os Hominídeos – “homens das cavernas”- que apesar de serem tidos como predadores agressivos e cruéis, eram pacíficos. Na época da pedra lascada, há a invenção de instrumentos (como machados de pedra lascada, cestos ou recipientes para carregar frutos) e a descoberta do fogo, que também contribuíram para a diferenciação da espécie humana das outras espécies animais. Inicialmente, esses seres sobreviviam por meio da prática da coleta e de certa forma estavam ainda imersos nas leis da natureza. A partir do momento em que inicia-se a prática da caça, a relação com a

natureza mudou e eles adquiriram uma posição de dominação e controle da natureza. Em decorrência disso, houve ainda uma transformação na relação com os outros animais e entre os sexos. A competição e a violência começavam a permear os relacionamentos, porém essas sociedades primitivas ainda se pautavam pela harmonia e igualdade ( Muraro, 1997).

Estima-se que o Homo Sapiens, espécie mais desenvolvida, apareceu há cerca de cem mil anos na Europa. No entanto, essa data é incerta, à medida que escritos sobre a História da humanidade datam de apenas três mil anos (Muraro, 1997). Antes desse período em que inicia-se a prática de registro, a cultura e a História eram transmitidas por práticas orais, o que exclui a crença da não existência das mesmas. Esses primeiros grupos de seres humanos foram matrilineares, ou seja seguiam a linhagem materna, já que a paternidade era desconhecida. Nesse momento da História, parece não ter havido um chefe ou líder que concentrasse todo o poder, mas os grupos governavam a si mesmos, de modo que havia um rodízio de poder. A divisão sexual de trabalho era rígida e os homens e mulheres só exerciam as tarefas propostas para o seu sexo. No geral, homens eram responsáveis pela caça e pesca para a sua sobrevivência enquanto que as mulheres praticavam a coleta, alimentavam e cuidavam de todo o grupo. Muraro (1997), levanta a hipótese de que uma divisão arbitrária do trabalho tenha se estabelecido, pois os homens precisavam desempenhar uma função, já que as mulheres naturalmente tinham a sua – a maternidade (idem). Assim, presume-se que as tarefas femininas nesse momento eram valorizadas, uma vez que cada um dos gêneros necessitava do outro para a sobrevivência coletiva. A divisão sexual do trabalho nesse momento, baseada na força física do homem para a realização de atividades brutas e da mulher na sua capacidade de gerar, servirá como padrão cultural do que é ser homem e do que é ser mulher, mais adiante na história (Badinter, *apud* Faria, 2003, p.37).

Como subsídio para entender essa época em que não havia registros escritos, a utilização da arte e dos mitos pode ser rica, à medida que possibilita uma melhor compreensão a respeito desse momento. Esse período que antecede a invenção da escrita é chamado de Pré-História. Estabeleceu-se que esse momento da história possa ser subdividido em Idade da Pedra, que engloba o período Paleolítico, Mesolítico e Neolítico e a Idade dos Metais, no qual estão inseridas a

Idade do Bronze e Idade do Ferro. Segundo Muraro (1997), entre o final da Era Paleolítica e início da Idade do Bronze, a espécie parecia estar centrada na figura feminina, já que o culto à deusa Mãe era universalmente praticado e a evolução da espécie dependia do sucesso reprodutivo. Foram criados muitos mitos que descreviam a mulher como mais próxima do sagrado e em um período posterior foram substituídos por outros, nos quais os homens tomavam o poder. Muraro (1997), cita que o estudo do mitólogo Joseph Campbell a respeito dos mitos primitivos ocidentais pode ser “dividido em quatro etapas: na primeira, o mundo é criado por uma deusa sem auxílio de ninguém; na segunda, esta deusa é associada a um consorte; na terceira, um deus macho cria o mundo sobre o corpo de uma deusa, e, em último lugar, um deus masculino cria o mundo sozinho” (pp.35-36). Nesse percurso, podemos perceber a desvalorização da mulher em detrimento de uma dominação masculina.

Nas sociedades de coleta adquire-se a palavra falada, os primeiros instrumentos de ataque e defesa e a posição ereta do corpo dos seres humanos que até então habitavam a Terra, o que fez com que eles se diferenciassem ainda mais dos animais. As culturas de caça, que surgiram um milhão e meio de anos depois, criaram instrumentos de pedra lascada, o fogo e os cestos. De acordo com as concepções de Muraro (1997) no que concerne às sociedades de caça e coleta, pode-se dizer que elas são compostas por grupos pequenos que podem se deslocar com mais facilidade, já que eles são em sua maioria nômades. Dessa forma, não há liderança e, portanto, desigualdades. A centralização do poder se dá por méritos pessoais e não há leis ou códigos a serem seguidos. Ainda, as decisões são tomadas conjuntamente e seus valores são o compartilhamento e a cooperação. “Nas sociedades de caça e coleta, a divisão sexual de trabalho muda a relação homem/mulher, de fato, mas permanecendo a um nível mais igualitário” (idem, p.41), embora a caça, trabalho masculino por exigir força, seja mais valorizado que o feminino (coleta). Segundo Muraro (1997), é possível verificar que as relações de gênero variam conforme a inserção de cada um no sistema de produção.

As primeiras civilizações do Paleolítico eram endogâmicas e aos poucos puderam experimentar a exogamia, que se tratava de algo novo para essa determinada cultura. Nesse estágio de organização, a criação dos filhos era coletiva, à medida que todos os homens adultos eram considerados pais e as mulheres

adultas eram mães. O fato de não haver pai nem mãe de um indivíduo específico pode ser entendido como um momento de indiscriminação, no qual o Homem (no sentido de ser humano) não se percebia como indivíduo, uma vez que ainda estava imerso no coletivo.

As sociedades horticultoras simples, que se estabelecem na fase Neolítica, são caracterizadas por um plantio que visa a utilização de instrumentos simples e métodos mais primitivos, e por isso, não são tão eficazes quanto o arado o que os força a migrar cada vez que a terra fica esgotada (configurando-se como povos seminômades). No entanto, esses são os primeiros grupos que podem produzir excedentes. As sociedades horticultoras mais avançadas, por outro lado, utilizam instrumentos mais elaborados à medida que conhecem a fundição de metais, o que contribui para que elas possam revirar o solo com maior profundidade, aumentando a fertilidade da terra. As sociedades horticultoras simples tendem a ser mais igualitárias, embora haja um esquema de castas por prestígio, que gera muita competição. O prestígio é adquirido pela generosidade de forma não hereditária, mas a partir do momento em que esse prestígio é adquirido abre-se a possibilidade de denegrir os que não obtiveram o mesmo desempenho. A obtenção de prestígio por hereditariedade inicia-se nas sociedades horticultoras mais avançadas. Estas apresentam uma estrutura de Estado piramidal, na qual o gênero masculino predomina sobre o feminino quando se trata de uma mesma classe ou de uma classe mais alta, ao passo que, em relação às classes inferiores uma mulher pode ter uma posição mais alta que um homem. Independentemente do gênero, à medida que se planta algo, se pode comercializá-lo. Entretanto, quando as mulheres comercializam, elas não obtêm tanto poder como os homens, porém essa prática lhes dá maior possibilidade de participação na comunidade e autonomia pessoal. A poliginia é praticada em ambos os tipos de sociedades horticultoras e elas podem variar desde aquelas sociedades matrilineares e pacíficas (que eram a maioria), até as patrilineares agressivas/ ferozes. Vale ressaltar que, mesmo havendo uma maior predominância de sociedades horticultoras matrilineares, nem sempre as mulheres detinham tanto poder, uma vez que muitas delas eram dominadas por homens.

Nas sociedades horticultoras as mulheres desempenhavam um papel importante à medida que elas eram as principais responsáveis por essa prática que se utilizava de instrumentos manuais mais primitivos. Com o advento da agricultura,

que dependia do manejo de máquinas mais pesadas, os homens se tornaram os principais responsáveis por essa atividade.

O matriarcado durou milhares de anos. Estima-se que por volta de 2000 a.C essa fase tenha terminado, dando origem a uma nova fase chamada de patriarcado. Teorizando a esse respeito, é interessante a passagem do livro *A mulher no terceiro Milênio* de Muraro (1997):

No princípio era a mãe. O verbo veio muito depois e iniciou uma nova era: o patriarcado.[...] é a Palavra, o patriarcado que quer fazer da dominação masculina um fato 'natural' e biológico. E o patriarcado é de tal modo hoje uma realidade bem-sucedida que muitos não conseguem pensar na organização da vida humana diferente da patriarcal, em que o macho domina de direito e de fato (p.61).

O patriarcado teve uma origem gradual e lenta que foi marcada por relações de dominação. Inicialmente, as sociedades se criavam a partir dos laços estabelecidos entre mães e filhos, principalmente filhas, já que os machos eram mais instáveis nos grupos. Segundo Muraro (1997 p.63), a maior parte do trabalho era realizado pelas mulheres, pois como elas já cuidavam e se responsabilizavam por seus filhos, de uma certa forma ficavam incumbidas do grupo como um todo. Assim, eram elas que proviam alimentos enquanto que os homens realizavam tarefas que demandavam maior força física como a caça, pesca e limpeza das terras aráveis. Por eles terem um trabalho mais focal, nos momentos em que não estavam nessas atividades puderam criar armas e dedicar a atividades exclusivamente masculinas, que de certo modo não inseriam as mulheres.

Rituais exclusivamente masculinos exorcizavam o medo que o homem tinha da mulher, devido ao seu poder de gestar a vida. Dessa forma, eles puderam descobrir e exercer aos poucos certo controle sobre a natureza, o que contribuiu para um maior distanciamento do homem em relação à mãe natureza. Esse pequeno abismo criado, aumentou com a instauração das primeiras culturas e a harmonia entre os humanos e a natureza se rompeu.

Como decorrência, a própria mãe Terra vai sendo pouco a pouco dessacralizada (o que levou muitos séculos), pois poderia ser dominada pela técnica, e isso leva a uma dessacralização da mulher, a quem a terra estava relacionada, a qual se torna, ideologicamente, com o decorrer dos séculos, uma representante da natureza corruptível e oposta ao Espírito, conotado como masculino (Faria, 2003, p.44).

O sedentarismo, o desenvolvimento da memória e a observação dos animais domésticos, entre outros fatores levaram o homem a descobrir o seu papel na procriação e com isso a possibilidade de controle da sexualidade das mulheres, algo que antigamente não era nem cogitado. Conseqüentemente o seu poder sobre elas que também está atrelado ao poder sobre a natureza. Vale ressaltar, que a noção de controle está diretamente relacionada à superioridade perante as mulheres e a natureza. Assim, “a grande mãe imanente é substituída pelo deus transcendente e controlador” (Muraro, 1997, p.64). As mulheres que possuíam uma relação especial com o sagrado passam a dar lugar à dominação masculina do sagrado, que é seguida pela centralidade do poder. Às mulheres restava “a marginalização nos cultos e no âmbito do político e do público” (idem, p.64).

Contudo, Muraro (1997) acrescenta:

Por outro lado, as sociedades patriarcais caracterizam-se por um profundo medo da mulher, concretizado nos fortes tabus referentes à menstruação, à nudez ou ao parto, o que leva a um acentuado antagonismo entre os dois gêneros. Com isso, estas sociedades controlam a reprodução e o trabalho das mulheres. E é através das leis e da institucionalização, ou seja, através das ordens abstratas derivadas da palavra, principalmente da palavra escrita, que é inventada junto com a sociedade agrária, que estas violências podem ser praticadas. Não é o *status* desigual e o controle sobre as mulheres que importam, mas sim os conceitos que estão na base deste controle e da supremacia masculina (pp.64-65).

O domínio do espaço público fica nas mãos dos homens e em detrimento disso o espaço privado, ou seja, cuidado com a casa, atividades domésticas e a reprodução ou cuidado dos filhos, são tidos como tarefas femininas. Tudo isso, entre outras coisas, vai pouco a pouco moldando a personalidade feminina. O marido passa a ter domínio econômico nas famílias, e as mulheres acabam conseqüentemente introjetando a sua inferioridade e sua dependência em relação ao homem. Nesse momento, há uma cisão da imagem da mulher em esposa - à qual são atribuídos afetos e que por isso deve ser santa e cuidar dos filhos, sem que haja a possibilidade de obtenção de prazer - e a prostituta, responsável por proporcionar prazer ao homem.

Dando um passo adiante na História encontramos as sociedades pastoris, cuja economia gira em torno da criação de rebanhos de cabras, bois, ovelhas, cavalos, entre outros. Essas sociedades são em parte nômades e sua produtividade é baixa, já que não produzem muitos excedentes, embora os animais sejam

valorizados: por isso os pastores ficam sujeitos a serem roubados. O sistema sócio-político dessas sociedades é mais centralizado e hierarquizado do que nas sociedades de caça e coleta e, ao contrário destas, as sociedades pastoris não prezam a generosidade e partilha de alimentos. Os seus valores estão calcados no aumento do rebanho com enfoque no futuro. Ainda não há grande dicotomia entre público e privado, pois o trabalho da mulher é importante, já que se tratam de sociedades seminômades. No entanto, “os espaços já são nitidamente divididos entre espaços masculinos e femininos” (Muraro, 1997, p.76). Normalmente, os homens, são os responsáveis pelo rebanho, porém, em algumas sociedades desse tipo as mulheres podem vir a desempenhar esse papel, recebendo assim maior prestígio e poder de decisão. As mulheres participam mais dos negócios do domínio público do que nas sociedades agrárias e são vistas como “perigosas, traidoras e desestabilizadoras da unidade e da solidariedade dos machos” (p.78), por sua simples existência.

Com o aumento populacional, as sociedades primitivas foram impulsionadas a funcionar de outra forma, e assim os modos de produção também sofreram consequências. Os povos que antes eram nômades passaram a ser sedentários e para tanto o cultivo da terra transforma-se, pois já que as comunidades não migravam mais, a terra deveria se manter fértil por um tempo mais longo para que eles pudessem colher seus frutos periodicamente. A agricultura surge para suprir tal necessidade, pois nesse novo modo de produção utiliza-se o arado, instrumento criado a partir da fundição de metais, para revolver a terra e viabilizar o desenvolvimento das plantas. Ainda, tem como técnica a fertilização e irrigação das terras e a criação de animais, que possibilitam a aquisição de excedentes que contribuem para o crescimento das comunidades; “surgem as primeiras aldeias, as primeiras cidades, as cidades-estado, os primeiros estados, e depois os grandes impérios da Antiguidade, tais como Egito, Babilônia, Grécia, Roma e China. Nesse período, cria-se “a palavra escrita, que vem mudar completamente a comunicação e o controle entre os seres humanos (p.148) (...) Nasce assim, o período histórico que até hoje estamos vivendo. A revolução agrícola é considerada o início da História”. (idem pp.80 - 81). O crescimento demográfico traz à luz uma nova questão, que é a impossibilidade de se compartilhar de forma igualitária a divisão ou o trabalho da terra. Assim sendo, para que alguns pudessem ampliar

suas propriedades e obter mais poder, o restante tinha que ficar em desvantagem, e então surge a sociedade de classes que se configura por uma extrema desigualdade entre as partes e exploração de poucos sobre muitos. As sociedades eram divididas em classes: 1) nas mais baixas estavam os inadimplentes, mendigos, ladrões; 2) nas classes médias baixas estavam os comerciantes; 3) médias, os burgueses que serviam diretamente à classe dominante; 4) nobreza, que fazia parte da classe dominante e que governava estados, comandava forças militares e desempenhava funções sacerdotais; e 5) o rei, soberano que possuía o poder divino. As diferentes religiões eram as grandes organizadoras das sociedades e todas eram universalistas, já que apresentavam um deus masculino que reinava sobre todo o universo. Aqueles que não se submetiam às regras da Igreja deveriam ser conquistados e escravizados.

Assim como havia a divisão de classes sociais, havia também a divisão sexual. As mulheres nas sociedades agrárias eram extremamente subordinadas e reduzidas ao domínio do privado, perdendo todas as suas funções econômicas em detrimento das domésticas e do cuidado da sua prole. A sexualidade das mulheres era controlada, em oposição aos homens, que detinham liberdade total nesse âmbito.

Muraro (1997) reflete acerca da desigualdade sexual nas sociedades agrárias:

Estas sociedades constroem elaborados sistemas religiosos, morais e legais justificando os estereótipos femininos e masculinos. Enfatiza-se religiosa, legal e moralmente a inteligência, a liberdade masculina, bem como a sua supremacia no domínio público e da história. Por outro lado, a mulher é considerada emocional, menos sublimada, dedicada inteiramente ao amor do marido e dos filhos e incapaz de assumir papéis econômicos e políticos, precisando portanto da proteção, orientação e supervisão dos homens em quase todos os domínios (p.83).

Na Idade Média, as mulheres estavam sob a guarda dos pais e deveriam se manter virgens até o casamento. “A menstruação era uma maneira de expurgar os componentes maléficos, que residiam dentro dela, prova de sua impureza (Salla, 2005). As propriedades privadas não eram transmitidas hereditariamente e as mulheres não herdavam nada, uma vez que as terras conquistadas eram entregues aos guerreiros mais valentes ou aos filhos primogênitos. Nessa época, registrou-se um alto índice de infanticídio de meninas e violência contra mulheres, fazendo com

que a taxa de natalidade decrescesse. Apesar da diminuição do número de mulheres elas não eram valorizadas, e para garantirem um lugar na família tinham que ser preferencialmente mães de filhos homens. Ao se casar, os pais recebiam dotes e as mulheres eram vendidas como mercadorias. A dicotomia público/privado permeava essas sociedades, e à mulher restavam os afazeres domésticos, trabalhos manuais e o cuidado dos animais e da horta; enquanto que os homens eram responsáveis pela agricultura. No entanto, essa divisão do trabalho variava de acordo com a classe social à qual se pertencia: as mulheres pobres eram obrigadas a trabalhar na lavoura e as mulheres nobres a gerir as propriedades na ausência dos homens. Contudo, nesse período de ausência por guerras e cruzadas, elas puderam receber uma boa educação, de tal forma que algumas puderam se destacar. Pode-se dizer que apesar da classe social, as mulheres no início da Idade Média eram o “exército de reserva dos homens” (idem, p.102), manipuladas de acordo com o interesse e necessidade dos mesmos.

Com o Feudalismo (Alta Idade Média), pequenos feudos dispersos que prestavam vassalagem a um suserano foram cedendo lugar a um governo central (monarquias), no qual o poder era exercido em nome de Deus. “E à medida que o poder ia sendo deslocado do setor doméstico dos castelos para o domínio público dos palácios, as mulheres iam perdendo o poder que ainda lhes restava” (Muraro, 1997, p.105). Nessa época, criaram-se as leis escritas que consolidaram direitos aos homens e restrições às mulheres, uma vez que as impediram de ter acesso ao ensino, cultura e política. A partir do século XIII as mulheres são definitivamente afastadas da igreja, que se transforma em mais um âmbito de dominação masculina. Havia dominância de homens escritores, muitos dos quais pertenciam ao clero, que moldavam a imagem da mulher segundo a visão masculina sobre a virtude e o pecado (Salla, 2005, p.29). Os homens acreditavam na sua superioridade e por isso desprezavam as mulheres, mas esse pensamento ocultava, na verdade, o medo que elas lhes causavam por serem por eles tão desejadas.

O movimento de proibição das mulheres para atuar na área da Medicina inicia-se no século XII e se concretiza em meados do século XIV. Somente os homens podiam se profissionalizar nessa área, que ainda não era biológica e se aproximava do curandeirismo, embora a grande maioria dos que praticavam os cuidados com a saúde fossem mulheres (parteiras, médicas, farmacêuticas,

cirurgiãs). Em alguns casos, elas só poderiam atuar na área médica se um homem se responsabilizasse pelo seu trabalho. Nessa época, os Papas possuíam poder absoluto sobre a população, e eles resolveram que deveriam exterminar as mulheres que desafiavam o poder masculino, à medida que se mantinham atuantes em uma área que era proibida para mulheres. Segundo Muraro (1997), nesse período chamado de “caça às bruxas”, centenas de milhares de mulheres morreram em quatro séculos (do século XIV ao XVIII) e muitos crêem que esse número seja ainda maior. “Foi um dos maiores genocídios da história. Com elas, o que restava do saber feminino era sufocado diante do saber científico masculino” (idem, p.109). Nesse período de caça às bruxas, no qual 85% das pessoas executadas pelas ditas “bruxarias” eram mulheres pobres, viúvas ou solteiras que tinham suas terras cobiçadas, fixam-se os papéis sociais que perduram até os dias de hoje. Tais papéis foram reforçados pelo mercantilismo, seguido pelo capitalismo, que tem como base a cultura patriarcal que não reconhece a mulher como um ser autônomo e de direitos. Reflete Muraro (1997) “[...] parece que foi preciso erradicar violentamente o feminino antes que o masculino pudesse construir a mais violenta máquina de dominação e destruição que a história humana já viu, o sistema capitalista”(p. 113). O período de caça às bruxas contribuiu ainda mais para a submissão das mulheres através do medo que nelas se instaurou. Considerando que elas já não tinham direito à educação, ainda proibiu-se o direito à herança, e acesso ao trono na ausência de um herdeiro masculino. As mulheres viúvas ficavam sob a guarda de um membro masculino da família e não podiam gerir suas propriedades. Em suma, agravou-se o seu estado de inferioridade em termos jurídicos e políticos.

A partir do século XV, grandes eventos marcaram essa época como a invenção da imprensa, as grandes navegações, bem como a descoberta do sistema solar. “O pensamento mágico e religioso é substituído pela racionalidade científica” (Muraro, 1997, p.116). Além disso, no que concerne às relações econômicas, estabeleceu-se nesse momento um novo modo de produção do século XVI que difere do feudalismo, pois inauguram-se as propriedades privadas dos meios de produção de mercadorias e não só de terras. Esse novo sistema revolucionou o mundo, até os dias de hoje, e teve como marco principal a criação da máquina a vapor que permitiu que se utilizasse a energia mecânica ao invés da muscular humana. Dessa forma, constroem-se as primeiras máquinas de produção em série

de bens de consumo, que não necessitam mais de uma linha de montagem de artesãos, mas que utiliza dessa mão de obra para auxiliar no manuseio das mesmas. Esse período de preparação pode ser chamado de Renascimento, e ele precede a Revolução Industrial, na qual se instala definitivamente o sistema capitalista. Como conseqüências desse movimento estabelecem-se as primeiras fábricas e os aglomerados urbanos. O início da classe operária é resultante da explosão demográfica e da exploração de uma grande massa populacional por parte dos poucos que detinham o poder.

Outro fator importante, que contribuiu para a instalação do sistema capitalista, segundo Muraro (1997), foram as novas normas de comportamento estabelecidas para as mulheres durante o período da Renascença. Após um longo histórico de perseguição, que se iniciou com o movimento de caça às bruxas na Idade Média, as mulheres do século XVIII herdaram o sentimento de submissão e respeito às regras do mundo masculino, que reprimiam o corpo feminino. A respeito da feminilidade, Muraro (1997) teoriza,

Essa nova ideologia que formou a nova mulher da era industrial começou com a fabricação de várias características que a partir daí seriam as principais da nova feminilidade: o culto da domesticidade, a fabricação da infância, a criação do amor materno, o pedestal feminino e, finalmente, a inauguração do amor romântico (p. 121).

Por domesticidade, entende-se que as mulheres eram incentivadas a ficar em casa e se dedicarem inteiramente à família e aos filhos, tornando-se aprisionadas no domínio privado e inaptas ao domínio público, reprimindo seu potencial humano. Nesse momento, os pilares da nova feminilidade são a pureza, a piedade religiosa e a submissão. As mulheres deveriam ser praticamente assexuadas, já que o afeto é o que importava, e submissas ao homem dono do espaço público para suprir o ideal de amor romântico e platônico. As terras não eram mais importantes para a sobrevivência e os casamentos não se realizavam por interesses familiares; assim, era permitida a união por atração individual.

A declaração da Independência americana e a Revolução Francesa contribuíram para que esses países entrassem na era industrial, dando um fim ao período das monarquias. O princípio ético religioso dessa nova fase, que permeava o imaginário social dos homens protestantes, era que “quanto mais rico fosse o homem, mais virtuoso ele seria” (Muraro, 1997, p.120).

Tradicionalmente, as mulheres trabalham mais do que os homens, já que cumprem com a dupla jornada de trabalho (em casa, com tarefas domésticas e cuidado da prole, e no trabalho), ganhando menos e recebendo menos privilégios e direitos legais, embora realizem muitas vezes as mesmas tarefas que os homens. No decorrer da História, as mulheres de uma classe social mais baixa sempre foram questionadoras e participaram de revoltas camponesas, reforma protestante, tomada da Bastilha, dentre outros eventos importantes. Entretanto, elas não eram reconhecidas como batalhadoras, por exemplo, após a Revolução Francesa quando elas tiveram seus direitos negados porque alegou-se que essa revolução era dos homens e não das mulheres. Em meados do século XIX, as mulheres constituíam quase metade da massa operária, e trabalhavam em condições desumanas, com jornadas de trabalho de 14 ou 15 horas e também quando estavam grávidas.

Em 1848, Marx e Engels, jovens alemães, escrevem o manifesto comunista que tem como objetivo convocar os operários de todo o mundo a se unirem contra a sua opressão. Contudo, os autores parecem não enxergar a especificidade da opressão da mulher. Nesse mesmo cenário, do outro lado do mundo, as primeiras feministas se juntam em torno de uma intimação “mulheres do mundo inteiro, uni-vos” no primeiro encontro promovido em Seneca Fall, nos Estados Unidos em 1848. Essas mulheres reivindicavam a sua volta ao domínio público e desejavam para si plena cidadania através do voto, mais educação, mais direitos legais e melhores oportunidades de trabalho. De acordo com Muraro (1997), Marx pretendia com o seu manifesto acabar com a sociedade de classes, que era mantida por uma estrutura que necessitava de alguns dominantes e muitos dominados, enquanto que a luta feminista girava em torno da supressão do patriarcado, algo mais antigo e profundo que a sociedade de classes tão questionada por Marx.

O movimento feminista pode ser dividido em duas fases: na primeira, a principal reivindicação estava relacionada à luta pelo sufrágio universal, e num segundo momento as feministas lutavam pela igualdade legal e social para as mulheres. As feministas que lideravam esse primeiro movimento acreditavam que por meio do voto elas poderiam alcançar automaticamente a cidadania e outras conquistas. No entanto, isso não aconteceu. O sufragismo aderiu a outros movimentos bem como a abolição da escravidão e lutas sindicais do movimento

operário como modo de adquirir melhores condições aos seres humanos em geral. No dia 8 de Março de 1857, celebrado hoje como o dia Internacional das Mulheres, foi cometido um ato muito violento contra mulheres operárias têxteis da Fábrica Cotton em Nova Iorque, que entraram em greve por melhores salários chegando a uma equiparação salarial com os homens e menor jornada de trabalho. Aproximadamente cento e trinta mulheres foram trancadas dentro da fábrica e queimadas vivas, como forma de repressão às reivindicações. Segundo Teles (1993), “o 8 de março passou a ser um momento de encontro de mulheres, com diferentes propostas políticas, cujo denominador comum é o combate à discriminação milenar”.

O ano de 1975 foi considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) o Ano Internacional das Mulheres. Nesse mesmo ano, no Brasil, percebeu-se um avanço das idéias feministas, mesmo em período de ditadura militar, uma vez que as mulheres brasileiras puderam ser protagonistas de sua própria história, já que contavam com o apoio da ONU.

Na época do Brasil Império, primeira metade do século XIX, houve mulheres que cobravam direito à Educação, já que a possibilidade de ensino de segundo grau era destinada somente aos meninos. As meninas, eram preparadas para cuidar do lar, ao invés de serem instruídas (leitura, contas, escrita). Na segunda metade de século XIX, com a Proclamação da República e a urbanização e imigração, abriu-se espaço para novas idéias e a mulher encontrou um espaço para se colocar e poder questionar a sua condição e o papel que desempenhava até então. Criou-se uma nova classe de trabalhadoras do setor de serviços que realizavam trabalhos fora das fábricas, como no caso de telefonistas, professoras primárias, secretárias, donas de pequenas boutiques, entre outras. Ainda no século XIX, as constituições latino-americanas sequer proibiam as mulheres de votar, porque não lhes era dado nem o título de cidadãs. Somente na segunda década do século XX foi adquirido o direito ao voto das mulheres, nos países industrializados. No Brasil, isso aconteceu mais tarde, no ano de 1934, comandado por Bertha Lutz e suas companheiras. Os cargos públicos foram abertos a todos os brasileiros sem distinção de sexo (Teles, 1993). As mulheres finalmente entravam no domínio público após séculos de repressão e submissão ao domínio privado, por conta de

uma ideologia machista e patriarcal que as negava e subjugava, porém as desigualdades e discriminações se mantinham.

No início dos anos vinte, uma revolução sexual acontece e as mulheres começam a procurar e se permitir obter gratificações na vida sexual. No entanto, Muraro (1997) pontua que “A emancipação sexual sem a liberdade social da mulher não transformou nada, porque a dicotomia público/privado não fora tocada” (p.137). O movimento sufragista permitiu a entrada da mulher no âmbito do público, porém elas mantiveram características do privado, como a domesticidade, sem que houvesse um questionamento a esse respeito.

Durante a segunda Guerra Mundial, as mulheres americanas foram incentivadas a ocupar o domínio público e entrar no mercado de trabalho para ocupar o lugar dos homens que estavam combatendo. Esse impulso fez com que as mulheres desenvolvessem certas qualificações. Todavia, esse período de “libertação” terminou quando a guerra chegou ao fim e as mulheres foram obrigadas a voltar para o âmbito do privado. Foi também estimulado o aumento da prole de forma a reafirmar os papéis tradicionais. O imaginário social da época atribuía à mulher o papel de dona-de-casa e boa mãe, de modo que ela não competisse com o homem e não se masculinizasse.

A sociedade produtiva passou a se tornar uma sociedade de consumo, na qual à família não mais é atribuída a função de reprodução para gerar mais mão de obra, mas consiste agora numa unidade de consumo. Nesta o foco é a mulher. Assim, nesse contexto surgem duas escritoras que dissertam sobre o mal da mulher consumidora (a psicóloga Betty Friedan) e a mulher no patriarcado (a filósofa francesa, Simone de Beauvoir).

O século XX é marcado por muitas invenções tecnológicas, apesar do mundo ter passado por duas Guerras Mundiais e o lançamento da primeira bomba atômica (6 de agosto de 1945), que com a energia nuclear vem para transformar a relação do homem com a natureza. Com a globalização e a instantaneidade da comunicação, os acontecimentos que eram locais tornaram-se mundiais e em um curto espaço de tempo ocorrem muito mais coisas do que em milhares de anos nas épocas procedentes – esse processo chama-se aceleração histórica. Juntamente a esse fenômeno podemos observar uma aceleração tecnológica, se analisarmos

cada fase ao longo da história da relação do ser humano com o meio ambiente (sociedades movidas à coleta, caça, horticultura, pastoreio, agricultura e industrialização).

Em meio a tantos avanços e mudanças, algo ainda se mantém, que é a desigualdade social e entre países e continentes (ex. África, Ásia e América do Sul que ainda são menos desenvolvidos, nos quais há pessoas que ainda vivem abaixo da linha da miséria). Os países/continentes que detêm maior poder são os mais ricos, no entanto a maior concentração demográfica é encontrada nos países pobres, que são explorados em todos os seus recursos e permanecem dependentes dos mais fortes porque contraíram uma dívida externa impagável.

Como vimos, as relações entre homens e mulheres e dos homens e mulheres entre si seguem a relação dos mesmos com o meio ambiente, à medida que os seres humanos dependem da maneira como os grupos produzem sua própria subsistência.

Nos anos 70, iniciou-se um movimento contundente por parte dos historiadores em busca das histórias de mulheres, e eles se depararam com a “invisibilidade feminina” do passado (Matos, 2000). Segundo a autora,

[...] procurou-se rever imagens e enraizamentos impostos pela historiografia, bem como dar visibilidade às mulheres, questionando a dimensão de exclusão a que estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino. Revelaram-se novos perfis femininos, outras histórias foram contadas e outras falas recuperadas (Matos, 2000, p.7).

O fato das mulheres terem conquistado novos espaços principalmente no âmbito público (mercado de trabalho, universidades, participação na sociedade, na política e nos movimentos sociais onde buscavam brechas para se expressar ou se manifestar), a partir da luta feminista, fez com que elas adquirissem maior visibilidade em relação à invisibilidade dos relatos do passado, descobrindo-se “como sujeitos da história e objeto de estudo” (idem, p.10). A mulher vem sendo entendida como um sujeito ativo no processo histórico e os estereótipos relacionados à imagem de pacificidade e ociosidade do âmbito privado estão aos poucos sendo abandonados, de modo que as mulheres possam ter abertura.

Matos (2000) faz uma ressalva quanto à dicotomia ainda existente entre a mulher vítima, que foi oprimida durante séculos, e a mulher heroína que lutou por seus direitos e conquistou-os com valentia.

A autora atenta para o fato de que “[...] não se trata apenas de incorporar as mulheres no interior de uma grande narrativa pronta, quer mostrando que as mulheres atuaram tanto quanto as homens na história, quer destacando as diferenças de uma ‘cultura feminina’[...]” (idem, p.15), porque com esse enquadramento perder-se-ia a multiplicidade do ser feminino.

No que se refere ao sucesso do movimento feminista, no sentido de um maior respeito e valorização da mulher, na segunda metade do século XX, Muraro (1997) cita dois motivos. O primeiro é que após a industrialização, a nova sociedade de consumo necessitava de grande mão de obra barata e como havia muitas máquinas para poucos homens e o salário das mulheres era metade do dos homens, elas entram em massa no mercado de trabalho. A segunda razão é que o movimento feminista se alia a outros movimentos de libertação emergentes (por exemplo, fim à discriminação contra os negros, os hippies que se revoltam contra o sistema capitalista e a competição, ou os ecologistas que são a favor da natureza), ganhando um pequeno espaço no sistema capitalista vigente. A ideologia feminista proporcionou uma grande transformação na sociedade, pois “Quando a mulher começou a falar de si, e a partir de si, abalou muitas convicções que seu silêncio permitira consolidar” (Moraes, 1994, p.7). Algumas pós-feministas concordavam com as metas propostas pelo feminismo, mas não eram tão radicais a ponto de lutarem pela igualdade de sexos sem considerar as suas diferenças. Muitas feministas reprimiriam totalmente seu lado feminino chegando até a usar vestimentas masculinas e repudiar mulheres que seguiam o estereótipo feminino de dona-de-casa. No entanto, elas se desfeminilizavam-se para impor aos homens a igualdade e conquistar o seu respeito, mas de forma a desvalorizar-se como mulher. As pós-feministas, por outro lado, enfatizavam somente que as mulheres são pessoas, sem implorar pela igualdade entre os sexos. Para Simone de Beauvoir, escritora filósofa existencialista e feminista francesa, a hierarquia entre os sexos não deve ser atribuída a uma causa biológica, mas a uma construção social.

Ao propor igualdade entre os sexos, a ideologia feminista acabou ocultando as singularidades de cada um deles e indiretamente concordou com o pensamento machista que considerava o sexo feminino inferior e por isso deveria adquirir uma posição de maior prestígio e valorização de modo que equivalesse ao sexo masculino.

As feministas que questionavam as relações de dominação sobre a mulher, a partir do momento que não se reduzem mais ao setor privado entrando em massa no público mesmo com o sentimento de inferioridade, convocam os homens a fazerem parte do âmbito privado e partilharem de tarefas antes tidas como femininas como: afazeres domésticos, a criação dos filhos e a participação no processo reprodutivo. Segundo Muraro (1997), “Assim, esboça-se um esforço de reintegração entre público e privado, fruto de uma incipiente integração entre homem e mulher” (p.176). Essas mulheres atentavam para o uso de uma linguagem não sexista, já que a linguagem afeta a percepção da realidade.

Com a invenção da pílula anticoncepcional, tornou-se possível o controle do próprio corpo e a separação da sexualidade, do prazer e liberdade proporcionados pelo ato sexual, da procriação. Atualmente, com o avanço da tecnologia, tornou-se possível a reprodução sem depender de um parceiro. Além disso, com a legalização do divórcio, a nova mulher contemporânea se depara com uma maior liberdade no que concerne à escolha do seu parceiro e duração do relacionamento conjugal. Hoje a prioridade não é mais o tempo, e sim a satisfação.

Atualmente, vivemos em um sistema competitivo patriarcal capitalista que funciona segundo a lógica do lucro, expansão sem limites e agressão, uma vez que apenas os mais fortes sobrevivem; os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres mais pobres, ou seja, um sistema polarizante. Ainda percebe-se um nível de desigualdade entre os dois gêneros na nossa civilização ocidental tecnologicamente avançada, embora já se tenha superado a dicotomia entre público e privado que caracterizou o patriarcado durante milênios, uma vez que as mulheres entraram para o mercado de trabalho, ganharam maior autonomia e puderam desenvolver uma carreira de sucesso. Muraro (1997) acredita que ainda falta mudar a mentalidade dos homens e das mulheres, já que a dicotomia entre esses espaços já chegou ao

fim, mas no imaginário social ainda é atribuído à mulher o papel tradicional de mãe/esposa e dona de casa. Segundo a autora (p. 188),

[...] por baixo dessa estrutura competitiva universal, a mulher continua ligada aos antigos valores de solidariedade e partilha. [...] A mulher conserva, então, uma estrutura psíquica ainda semelhante às culturas mais arcaicas. Sua emoção não se corta da razão, o corpo não se divide da alma e ela não foge do afeto. Assim como a divisão interna do homem o torna apto para exercer seu papel no domínio público, a maior integridade da mulher a torna adequada para as suas funções de depositária do amor, do cuidado, da intuição, da emoção, da partilha alocadas então ao domínio privado. Estas características, embora essenciais para a continuidade da vida, são desvalorizadas no domínio público, pois lá, quem não compete morre.

Na última eleição presidencial no Brasil no ano de 2010, uma mulher foi eleita pela primeira vez na história da política brasileira. Dilma Rousseff foi a 11ª mulher a ocupar o cargo de presidente na América Latina, e somente a oitava eleita. Dos 33 países da região, a Argentina já teve duas mulheres no governo. Outros oito países latino-americanos tiveram uma mulher presidente: Bolívia, Haiti, Nicarágua, Equador, Guiana, Panamá, Chile e Costa Rica. Enquanto na América Latina e no Ocidente parece haver um processo de busca de superação da dicotomia público/privado, uma vez que mulheres estão podendo até se eleger, no Oriente Médio a opressão da mulher é ainda a das mais brutais no mundo inteiro, haja visto o exemplo da mulher iraniana adúltera que foi condenada à morte por apedrejamento. Esses dados proporcionam uma reflexão interessante a respeito de como se dá essa dicotomia público e privado entre os diferentes países e continentes no século XXI.

São inegáveis as conquistas das mulheres ao longo da História. Esse movimento possibilitou que agora elas pudessem desempenhar papéis e atividades antes exclusivas ao universo masculino integrando-as àquilo que já era desenvolvido por elas, como as tarefas domésticas e as maternais. Contudo, a inquietação da mulher frente à sua condição e às suas possibilidades no mundo, se mantém. Isso nos leva a pensar que o funcionamento patriarcal não esteja mais servindo, não só para as mulheres, mas para toda a humanidade. Assim, suscita-se uma questão: será que já superamos o patriarcado e estamos chegando a uma fase que pode ser denominada de pós-patriarcado ou de alteridade?

Embora se possa pensar atualmente no declínio do patriarcado, ele ainda exerce grande influência nos países ocidentais. Dessa forma, na luta contra ele, é necessário que não se negue esse período, mas que se possa (re) integrar a ele o funcionamento matriarcal que carrega em si o princípio feminino, que ficou reprimido durante milênios. Esse processo de integração não deve ser marcado pela igualdade ou complementaridade entre os gêneros, mas deve se estabelecer uma relação de reciprocidade, que caracterizaria um dinamismo de alteridade, no qual homens e mulheres podem ser reconhecidos como tais.

Embora ainda estejamos nos desprendendo do padrão patriarcal para podermos seguir rumo à alteridade, a mulher contemporânea enfrenta muitos desafios e preconceitos na sua entrada no mercado de trabalho e no mundo patriarcal. Para que ela possa vivenciar as suas potencialidades, é necessário o resgate do princípio feminino que foi deixado de lado à medida que ela entra no espaço público e acaba incorporando atributos masculinos, apropriando-se e fazendo uso de características ligadas ao princípio masculino, chegando em alguns casos a desvalorizar o seu próprio princípio feminino.

Vale citar uma passagem do livro de Muraro “A mulher no terceiro milênio” (1997), sobre um possível futuro que possa contemplar as polaridades masculino/feminino, público/privado, razão/emoção e corpo/mente:

A integração do público e do privado corresponde a do homem e da mulher, que, por sua vez dão origem, nas novas gerações, à integração, dentro de cada ser humano, do corpo e da mente, da emoção e da racionalidade, superando assim, a longo prazo o domínio hegemônico da racionalidade na ciência e no conhecimento às expensas da emoção e da ética. Assim, o dualismo platônico que caracterizou o mundo ocidental e a tecnologia nos últimos milênios pode ser superado, dando origem a novas formas de conhecimento mais integradas (p.196).

Nesse sentido, é por meio da integração desses opostos que o patriarcado poderá ser substituído por uma nova fase que será marcada pela solidariedade e a partilha de modo que a reciprocidade seja o grande lema. Moraes (1994) reflete acerca das conquistas femininas e do futuro que poderá ser marcado por essa integração: “Ela passou a falar o que quer para si e o que espera do Outro. Essas falas femininas ainda estão confusas, mas parecem apontar que a história, daqui para frente, será escrita por uma parceria bissexual” (p.15)



Camille Claudel – escultora (1864- 1943)

## CAPÍTULO 2 – A EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL E COLETIVA

No primeiro capítulo foi realizada uma retrospectiva histórica com enfoque no papel desempenhado pelas mulheres nas diferentes organizações sociais. Para tanto, utilizou-se uma perspectiva sociológica e histórica. No presente capítulo, pretende-se explicar como se deu a evolução da consciência individual e coletiva segundo uma visão psicológica, especificamente da Psicologia Analítica, teoria criada por Carl Gustav Jung. Não se trata de uma História objetiva com possíveis fases ou períodos distintos, mas de dinamismos tanto individuais como coletivos que podem se apresentar na consciência durante o seu desenvolvimento (Faria 2003).

Acredita-se que o desenvolvimento psicológico do indivíduo repete a história evolutiva da humanidade. Assim, presume-se que as crianças são regidas por um dinamismo semelhante àquele que predominava nas sociedades primitivas (Whitmont, 1991). A idéia seria de que o ser humano apresenta um movimento de saída de um Todo (Self) indiscriminado em direção à sua separação consciente, cujo representante é o ego.

Cada fase do desenvolvimento da consciência tanto individual como coletiva é regida por um arquétipo, que se trata de algo que é inerente ao ser humano e que se manifesta por meio dos comportamentos ou da cultura. Para a Psicologia Analítica o ser humano não nasce como uma *tabula rasa*, pois entende-se que ele apresenta potenciais arquetípicos que podem ser constelados ou ativados a partir do relacionamento com seus iguais (Faria, 2003, p.32). Dessa forma, os arquétipos são núcleos de energia que se dão *a priori* e, portanto não são herdados e nem resultam de experiências vividas. Além disso, eles só podem ser nomeados a partir de suas manifestações simbólicas e acontecem independentemente de época ou local.

A consciência individual e coletiva evoluem com base em ciclos arquetípicos. Cada ciclo arquetípico caracteriza um determinado padrão de funcionamento da consciência e mantém o aspecto criativo do inconsciente coletivo,

uma vez que está regido por um arquétipo específico (Byington, 1987). Segundo o autor, é possível definir quatro ciclos/ etapas determinados conforme os arquétipos que os regem: ciclo matriarcal – arquétipo da grande mãe, ciclo patriarcal – arquétipo do pai, ciclo de alteridade – arquétipos *anima e animus*; e ciclo cósmico - arquétipo central. Vale ressaltar que as etapas do desenvolvimento da consciência não devem ser encaradas como lineares ou fixas.

De acordo com as concepções de Byington (1987), os ciclos arquetípicos apresentam as posições passiva e ativa do Eu em relação ao Outro. A qualquer momento uma dessas posições pode ser dominante, apesar de categoricamente a posição passiva do Eu ser predominante na fase inicial dos ciclos e a ativa no final. Vale dizer que na posição passiva o Eu tem papel secundário em relação ao Outro, ao passo que na posição ativa o Eu é o dominante. Vale salientar que a fixação em qualquer uma das posições pode prejudicar o desenvolvimento.

O desenvolvimento da personalidade no plano individual tende a seguir uma cronologia acompanhando a maturação do sistema nervoso da criança, o seu crescimento físico e as atividades sociais. No entanto, esse desenvolvimento pode sofrer alterações em função da dominância do ciclo arquetípico na família e na cultura em questão. Tendo-se isso em vista, uma alternativa seria tentar compreender esse processo de evolução no âmbito do coletivo, ou seja, arquetípico.

O dinamismo matriarcal, dinamismo mais arcaico da consciência, regido pelo arquétipo da grande Mãe “se caracteriza por uma consciência que opera muito próxima do inconsciente” (Byington, 1987, p.46), ou seja as polaridades são pouco discriminadas. Eu e Outro ainda não estão separados e ainda não existe a concepção de Eu ou de Outro. Ambos são a mesma coisa e se encontram fusionados – unidade primordial. Esse dinamismo funciona assentado nas leis da natureza. No dinamismo matriarcal a magia é a forma de compreensão que não aborda a noção de causalidade (antes-depois; causa –conseqüência), uma vez que não há diferenciação de polaridades. A vivência da consciência matriarcal não é lógica, linear, racional ou temporal. Na fase mágica ou matriarcal de identidade pré-verbal, simbiótica e unitária, o feminino está contido no masculino (A grande Deusa). No plano individual, trata-se de um dinamismo no qual se faz presente a sensualidade, fertilidade, princípio do prazer e extrema proximidade afetivo-corporal

nas fases iniciais de desenvolvimento da criança. A loucura e a criatividade típicas desse dinamismo ameaçam a ordem, que é um aspecto do dinamismo patriarcal. Até aproximadamente três ou quatro anos a criança vive num estado de identificação simbiótica com a mãe e a família, que se apresenta como referência para ela. Esses primeiros anos são denominados estágio mágico, e nesse momento a identificação com esse grupo é essencial para o desenvolvimento infantil (Whitmont, 1991). Depois, inicia-se um movimento de bipolarização da imagem materna que torna possível a discriminação da mãe boa e da mãe má (Faria, 2003). Segundo Woolger e Woolger (1997), os cultos matriarcais nas sociedades primitivas eram marcados por uma harmonia e segurança profunda quanto ao aspecto sagrado envolvido principalmente entre a mãe e o seu filho.

É importante atentar novamente para o fato de que ao definir matriarcado, não se faz menção ao matriarcado sociológico em que as mulheres detinham maior poder político em relação aos homens, como foi explicado no primeiro capítulo desse trabalho. Contudo, tudo indica que a consciência matriarcal dominava nas sociedades matrilineares porque havia uma maior proximidade com a natureza e o feminino, em comparação com as sociedades patriarcais, em que o homem e o princípio masculino são dominantes. Dinamismo matriarcal refere-se a uma etapa do desenvolvimento da consciência em que o inconsciente e as fantasias provenientes do mesmo prevalecem sobre o ego. Nesse momento, de início de tudo, a consciência está à mercê do inconsciente e o homem detinha pouco poder de dominação sobre a natureza (Faria, 2003).

Devido ao fato da formação cultural do pesquisador ser predominantemente patriarcal, há uma maior dificuldade de compreensão do dinamismo matriarcal que se trata de uma indiscriminação de opostos ou polaridades como o consciente e o inconsciente. O dinamismo matriarcal tem que deixar “a personalidade imergir e se deixar ficar na inconsciência. (...) Essa imersão no inconsciente permanece à disposição do desejo e do princípio da fertilidade, que propiciam a sobrevivência e o desenvolvimento do ser através da sensualidade” (idem, p.51). O dinamismo matriarcal é marcado por uma falta de lógica aparente e evidente, e ele opera através do arquétipo da grande mãe, como dito anteriormente.

As culturas indígenas e negras têm uma dominância matriarcal, enquanto que as luso-européias e japonesas se caracterizam por uma dominância do dinamismo patriarcal (idem). Whitmont (1991) define dois termos “ginecolatria” e “androlatria” que denotam, respectivamente, a adoração ao feminino/mágico e ao masculino. O autor menciona que o período ginecolátrico se estende desde a Idade da Pedra à Idade do Bronze. Essa fase foi considerada pré-histórica, ou seja, anterior à história, visto que para existir história é necessário que o ego esteja diferenciado do Todo inconsciente, para que se tornasse possível algum tipo de reflexão que permitisse a criação do registro escrito. Após esse período, no segundo milênio antes de Cristo, acontece uma inversão que culminou na predominância de valores masculinos dando início a era heróica.

No fim da Idade Média e início da Renascença, é que se concretiza a separação ciência e razão, da religião e espiritualismo no Ocidente. Woolger e Woolger (1997) afirmam que os cultos matriarcais (da Deusa Mãe) se mantiveram até a época dos romanos, embora as culturas guerreiras e patriarcais fossem predominantes nesse período. Nas sociedades primitivas de organização mágica, a maldição de morte pregada pelo curandeiro é encarada como real e inquestionável, diferentemente dos tempos modernos em que as crenças podem ser desmentidas pela ciência.

No dinamismo matriarcal, a polaridade Eu-Outro se apresenta como duas facetas indiferenciadas da mesma moeda, já que são marcadas por uma proximidade consciente e inconsciente que facilita a prática da magia na consciência matriarcal (Byington, 1987). De acordo com Whitmont (1991), no que se refere ao dinamismo matriarcal, “a forma feminina da consciência é global e orientada para os processos. É funcional, e não abstrata e conceitual. Está isenta da estrita dicotomia do dentro-fora ou corpo-mente” (p.61). Nesse dinamismo, há uma valorização e adoração do aspecto sagrado/divino intrínseco à natureza e ao mundo dos objetos, porque acredita-se que as forças divinas se manifestam nos animais, nas plantas, na terra, no céu e nos seres humanos. Em suma, no dinamismo matriarcal é possível perceber uma estrita dependência e interação com a natureza. Para o autor, no nível mágico (ou matriarcal), só existe o *aqui e agora* já que o passado, o presente e o futuro não estão diferenciados. Ainda, segundo esse referencial, os eventos não podem ser causados ou planejados racionalmente, uma vez que são considerados

manifestações predestinadas de forças poderosas que fogem ao controle do ser humano. São forças naturais imutáveis e inexoráveis e, portanto deve-se aceitá-las e se submeter a elas (Whitmont, 1991).

No nível mágico, a ética e a responsabilidade pessoal estão ausentes – estágio amoral -, pois a consciência é grupal e as questões são enfrentadas pelo coletivo. Não existem regras ou leis e as atividades são coordenadas pelo instinto, imitação ou pelo saber provindo da percepção extra-sensorial. Porém, todos faziam aquilo que era correto de modo espontâneo, sem que se fizesse necessário as punições. No nível mental (dinamismo patriarcal), inicia-se um movimento de confiança nas próprias capacidades que resulta na responsabilização dos sujeitos pelas próprias idéias e julgamentos dando origem a uma consciência mais pessoal. Isso contribui para a criação da noção de ética que tem como produto os sentimentos de culpa, ansiedade e vergonha que envolve a noção de bom e mal.

Whitmont (1991) menciona uma fase de transição entre o dinamismo matriarcal e patriarcal da consciência, a qual ele denomina fase mitológica ou imaginária. “O pêndulo oscila para frente e para trás o tempo todo, entre uma percepção de campo unitário e material e as abstrações aéreas do pensamento. Marca a transição de um mundo ginecolátrico para um mundo androlátrico...” (idem, p.67). O autor ressalta que na fase mitológica percebe-se uma dualidade, que significa que as polaridades (como vida e morte, consciência e inconsciente, fêmea e macho) ainda estão contidas em um todo único e indiferenciado, ou seja, elas são inclusivas e não exclusivas. No final da era mitológica a dualidade transforma-se em dualismo e os opostos se excluem reciprocamente. O mesmo acontece com os sexos (gêneros), que são separados e se opõem. Nesse processo os aspectos masculinos/patriarcais de organização social assumem o primeiro plano, enquanto que o feminino e seus elementos escuros/sombrios são deixados para segundo plano.

Whitmont (1991) teoriza que, no plano do coletivo, esse passo na evolução da consciência tenha acontecido primeiro no período Neolítico (que no plano individual equivaleria entre três e sete anos) e se estendeu da Idade de Bronze (de sete a doze anos) à Idade do Ferro (puberdade). Ele acredita que a era mitológica contribuiu no plano individual para uma interiorização e distanciamento do

mundo externo e objetivo de forma que o indivíduo se percebesse como singular, o que possibilitaria a criação de uma identidade do eu separada do grupo/coletivo. Ainda dentro de uma visão mitológica, tudo é uma manifestação do sagrado (por exemplo, o trabalho), pois o sagrado não era separado do corpo. Quanto ao tempo e espaço na fase mitológica: “Para a consciência mitológica, o espaço e o tempo tornam-se categorias, limitadas, porém ao aqui e agora. O espaço é aquilo que é dado de modo concreto e imediato. Ou está aqui, ou não existe.” (idem, p.69). O espaço era o diretamente acessível e o tempo era o agora e aquilo imediatamente recordável. A noção de tempo não incluía o passado e futuro, portanto não era possível a noção de história e conseqüentemente o registro escrito dos acontecimentos, uma vez que se tratava de um período Pré-Histórico.

No âmbito individual, um bebê que se encontra na fase mágica/ matriarcal também não tem noção de história, o que existe para ele é somente o presente. Conforme ele se desenvolve se torna uma criança cujo funcionamento é mitológico, assim como para alguns homens o tempo se resume ao presente e passado. No entanto, realizar previsões para o futuro com base nos acontecimentos do passado exige um grau de abstração que pode ser atingido por uma pessoa cujo funcionamento é patriarcal. Na fase matriarcal e na mitológica é considerado real aquilo que pode ser visto e tocado, pois o plano das idéias e abstrações ainda se configura como inexplicável.

Convém citar um trecho do livro O Retorno da Deusa de Whitmont (1991) para especificar a questão da moral e da ética nas sociedades predominantemente matriarcais ou mitológicas:

A vida estruturada em grupo e a ordem social significam ética e moralidade, embora uma moralidade coletiva e não individual. A ordem repousa na aprovação dos iguais e no respeito aos tabus [...] Bom é aquilo que é aprovado pela prática e pela coletividade. Mau é o que causa danos ou prejuízos visíveis e que não se coaduna com os costumes [...] Também os ritos e sacrifícios mágicos e religiosos tinham como intenção original evitar o mal, que não era um problema moral e abstrato [...] ( p.71).

A noção de sacrifício postulada por Whitmont (1991) varia de acordo com a evolução da consciência matriarcal para a patriarcal, pois originalmente o seu significado está atribuído a uma devoção aos deuses em prol do grupo, e em um segundo momento adquire um novo significado, que é de purificação do mal e mais tarde da culpa. “Esse rito simboliza uma auto-oferta quase voluntária daquilo que é

transitório à sua fonte geradora, em nome da transformação e da renovação. (...) Segundo a visão mágico-mitológica, nada passa a existir sem que algo equivalente tenha deixado de existir. Portanto, toda criação requer um sacrifício.” (idem, p.73). Dessa forma, é importante para o desenvolvimento pessoal que haja o sacrifício no sentido de transformação e de abertura para a criatividade à medida que surge algo novo.

No final do estágio mitológico, o ego começa a se confrontar com a sua natureza interior e exterior. O Eu pessoal pode então tomar o poder de decidir se obedecerá ou não aos mandamentos divinos a custo de cometer um pecado e se sentir culpado e envergonhado perante os outros. Nesse novo estágio inicia-se um processo de responsabilização pessoal pelos próprios atos, o que mais adiante se transformará em punições por infrações cometidas perante a lei.

Por volta do final do período mitológico, o raciocínio alcança uma preponderância cada vez maior sobre o pensamento mitológico, empático e intuitivo, repleto de fantasias. Contudo, esse raciocínio era, a princípio, baseado em afetos, e não numa avaliação isenta de sentimentos, objetiva em relação aos fatos e seus significados. Começa com um raciocínio pré-verbal [...] (Whitmont, 1991, p.85).

Segundo Whitmont (1991), primeiro a pessoa começa a raciocinar a respeito de si mesma e depois pode refletir sobre o mundo que a cerca. No plano individual, a criança permanece na fase mitológica dos quatro anos de idade até a puberdade. Nesse momento, o ego inicia um movimento de seguir uma meta determinada (o arquétipo do herói é constelado). Inicialmente é como se tivesse um eu que pode vincular a experiência interior com a exterior. Depois inicia-se um movimento de percepção do outro e das questões sociais que incluem aquilo que é aceito socialmente e o que é errado em cada cultura (costumes) e em cada família. A criança começa então a discriminar tempo e espaço com base naquilo que experiencia no aqui e agora. Insere-se a noção de vergonha e o eu pode se separar do corpo, dando abertura para que o desejo apareça. Às coisas são atribuídas concomitantemente características reais e fantásticas.

O dinamismo patriarcal é marcado por um maior distanciamento e distinção das polaridades consciente e inconsciente. Segundo Faria (2003), “a consciência vem emergindo do inconsciente, sua fonte primeira, e do mundo, para ir se estabelecendo de forma mais diferenciada e autônoma “(p.27). Tal discriminação

das polaridades é assimétrica e hierarquizante. Desse modo, há uma valorização de um dos pólos. O dinamismo patriarcal é o grande formador do ego, é ele quem dá circunscrição ao mesmo, e como consequência desse movimento forma-se a sombra que contém aqueles conteúdos rejeitados pelo ego. O arquétipo do pai é o que rege esse dinamismo e é a partir da fragmentação da realidade unitária em opostos excludentes que se torna viável a força do ego que possibilita a realização de tarefas, o enfrentamento de desafios e resistência às tentações. Vale dizer que “O caráter divisível e, posteriormente, analítico da consciência patriarcal é de natureza masculina” (idem, p.78). A explicação de um fenômeno para o pensamento patriarcal se dá por meio da organização e delimitação dos fatos diretamente observáveis a fim de que se possam compreender as relações de causalidade ali presentes. No plano individual, se não há discriminação das polaridades e o ego continua indiferenciado, a criança acaba permanecendo na relação primal. No plano coletivo, considerando-se a evolução da humanidade, o plantio foi uma grande descoberta do período em que o dinamismo matriarcal era predominante, pois ainda havia uma forte ligação com a natureza. A escrita, por sua vez, é um marco do dinamismo patriarcal, já que torna possível a comunicação entre gerações e o funcionamento da consciência em alto grau de abstração.

Nessa ruptura do consciente com o inconsciente cria-se o tempo cronológico, diferente do caráter atemporal típico do dinamismo matriarcal. No aspecto religioso, o dinamismo matriarcal é marcado pelo politeísmo, enquanto que o patriarcal tem como base o monoteísmo - um deus absoluto e único que comanda de forma centralizada. Woolger e Woolger (1997), atentam para o fato de que os cultos à grande Mãe (matriarcais) foram se tornando dispersos e reprimidos no final do Império Romano do Ocidente, dando espaço para o cristianismo de um Deus supremo que prevalece até os tempos modernos.

A fase patriarcal, denominada também como fase mental por Whitmont (1991), marcada pelo controle da natureza interna e externa, por meio da separação das polaridades, que tem como base a desvalorização da divindade e dos valores femininos, dos impulsos naturais e das emoções e desejos. No nível mental, aquilo que for “imaterial e não puder ser espacialmente percebido e demonstrado não tem realidade. Não pode existir.” (idem, p.88), isto é, aquilo que não é diretamente observável torna-se cada vez mais inimaginável. Nesse processo de análise de cada

elemento/variável isolado para manter um raciocínio linear, acaba perdendo-se de vista a totalidade e a sua função ou finalidade. A noção de realidade limita-se ao que é visível, e acaba excluindo as percepções da mente. Segundo o autor, “não vemos mais com o olho interior; ao contrário, alimentamos idéias abstratas sobre as coisas que substituem o espírito vivo que existe por trás ou dentro das coisas” (p. 90). A percepção sensorial e os pensamentos são muito desenvolvidos e estimulados em detrimento da sensação, intuição e imaginação. Os pensamentos estão muitas vezes desconectados dos objetos em questão e o aspecto divino inerente a cada um deles perde lugar para as idéias e abstrações – há uma separação entre o divino e o físico. A natureza pode ser, de certo modo, controlada e até dominada pelo homem.

A lógica patriarcal não passa pelo inconsciente. “Seu grande princípio de funcionamento não é mais o desejo e a fertilidade e, sim, o dever, a tarefa e a coerência, expressos moralmente pela valorização extraordinária da palavra dada e de seu manutenção, formando o complexo fenômeno da honra, da vergonha e da culpa patriarcal” (Byington, 1987, p.61). A tradição é transmitida pelas leis, enquanto que no dinamismo matriarcal a tradição está enraizada nos costumes.

Byington (1987) atenta para a associação histórica da mulher com o dinamismo matriarcal e do homem com o patriarcal no trecho a seguir:

Isto para não falar no importantíssimo fato de a mulher, historicamente, ter sido depositária do dinamismo matriarcal e o homem, do patriarcal, o que nos faz hoje ter que rever esse problema e buscar na identidade de cada homem e de cada mulher o grau e a maneira como se combinam os dinamismos matriarcal e patriarcal. Qualquer preconceito entre esses dois dinamismos é, por isso, também altamente prejudicial para a compreensão da relação homem-mulher, que tem papel fundamental no desenvolvimento da personalidade individual e na consciência coletiva (p.45).

Em períodos em que prevaleciam sociedades matrilineares, de uma forma geral, o feminino e a mulher eram mais valorizados. A ligação da mulher com a natureza, por meio da sua função biológica de procriação, contribuiu para a sua identificação com o dinamismo matriarcal e, portanto, do homem com o dinamismo patriarcal. Em decorrência dessas identificações, ao homem foi atribuído o mando, a lei, a inteligência e a superioridade e conseqüentemente, na polaridade oposta, a mulher se identifica com a obediência, a servilidade e a submissão. Neumann (2000) acrescenta que, no plano individual, a criança que atinge o estágio patriarcal, deve se adaptar à comunidade e ajustar a sua individualidade ao grupo no qual está

inserido. Os valores culturais são transmitidos pelo mundo dos homens, uma vez que a cultura é patriarcal e por isso está identificada aos indivíduos do sexo masculino.

Para Byington (1987),

[...] essa discriminação intensamente assimétrica e hierarquizante da polaridade homem-mulher no dinamismo patriarcal, ligada à identificação maciça da mulher com o dinamismo matriarcal, explica porque a mulher necessita tanto do casamento e da procriação para ter função e valor social e, ao mesmo tempo, é depositária da tentação e do pecado; enquanto que o homem se constitui no senhor do poder, guardião da lei e juiz da virtude (p.66).

O dinamismo patriarcal, segundo Byington (1987), teve que se afastar do dinamismo matriarcal para que se tornasse viável a abstração patriarcal. Dessa maneira, aspectos característicos do dinamismo matriarcal como sensualidade, fertilidade, desejo, terra, natureza, o inconsciente, a magia, feminino e a mulher são inferiorizados devido à hierarquização das polaridades (consciente-inconsciente, feminino-masculino, mulher-homem) no dinamismo patriarcal. Pode-se dizer que é comum considerar inferior uma abordagem da realidade que não seja racional quando estamos vivenciando de forma unilateral essa racionalidade. O dinamismo matriarcal/mágico, reprimido ou ignorado durante milênios, continua agindo na nossa psique inconsciente moderna, por vezes invadindo o funcionamento consciente do homem (ser humano) contemporâneo. Nessa psique cindida, as dimensões mágicas e mitológicas do inconsciente continuam atuando e se permanecerem no *status* de desconhecidas podem distorcer os nossos pensamentos, invadindo e modificando a “estabilidade” da consciência. Por isso, segundo a visão de Whitmont (1991)

Os antigos níveis mágico e mitológico de nosso ser, embora ‘inconscientes’ para nosso *modus operandi* atual, devem ser reconhecidos como capacidades vitais. Se não conseguirmos integrá-los à nossa visão racional do mundo, é provável que regredamos a uma nova barbárie em vez de darmos o próximo passo na evolução da consciência (p.61).

É necessário um movimento de distanciamento da esfera consciente, definida na fase mental pela vontade, racionalidade e ânsia de poder para seguir em direção ao íntimo/ inconsciente. Esse momento corresponde à pós-puberdade do homem contemporâneo, que se passa entre os vinte anos e a meia-idade. “O princípio do poder é indispensável ao desenvolvimento do ego patriarcal inicial. Ao mesmo tempo, é o germe da alienação.”(Whitmont, 1991, p.93) Porque, à medida

que os impulsos e emoções inconscientes são desconhecidas pelo ego, há um maior distanciamento do mundo natural e comunitário.

Atualmente, a nossa cultura encontra-se em desarmonia consigo mesma porque perdemos o contato com a grande Mãe – dinamismo matriarcal – em detrimento da dominância patriarcal, que já não está mais sendo suficiente.

Falta em nossa vida espiritual e psicológica a dimensão feminina, aquele sentido místico e profundo da terra e de seus ciclos, e do próprio cosmos enquanto mistério vigente. Perdemos nossa ligação interior com aquele poder momentoso que era outrora conhecido como a Grande Mãe de todos nós [...] a civilização ocidental acabou sendo ofuscada pelo arquétipo do Pai, à exclusão do arquétipo da Mãe. Em nossa reverência exclusiva ao princípio paterno, em que suprimimos ou menosprezamos o feminino, acabamos provocando graves danos à nossa saúde psíquica individual e coletiva. Isso sem mencionar a saúde física do nosso corpo e a do próprio planeta Terra (Woolger e Woolger, 1997, p.20).

Faria (2003) reforça a idéia de que nos últimos milênios o arquétipo paterno se sobrepôs ao da grande Mãe, denotando assim uma inversão da dominância arquetípica. Dessa forma, a consciência foi ficando cada vez mais distante das suas origens, porém o princípio feminino ainda está presente na consciência. Para o autor, no entanto, a consciência patriarcal também trouxe um ganho para a humanidade à medida que possibilitou certa organização e limite de modo que o *Logos* (racionalidade e objetividade) se desenvolvesse e a ciência pudesse ser criada. A defesa do ego contra as invasões do inconsciente impulsionou a construção de um mundo civilizado, porém para que isso se tornasse possível, a consciência teve que se desprender das suas raízes matriarcais e femininas.

De acordo com as concepções de Byington (1987), o ciclo de alteridade se caracteriza por uma possibilidade de lidar com os opostos/polaridades (matriarcal-patriarcal ou anima-animus) de forma criativa para o sujeito. Tanto o dinamismo matriarcal como o patriarcal são estruturantes da consciência individual ou coletiva e o emprego unilateral de qualquer uma das polaridades pode causar grande prejuízo para o ser humano. No entanto, a passagem pelo dinamismo patriarcal permite que se chegue ao dinamismo de alteridade. O autor ressalta a importância do resgate do dinamismo patriarcal e matriarcal de forma igualitária para que o dinamismo de alteridade possa funcionar no seu padrão democrático.

O dinamismo de alteridade engloba uma integração e dialética das polaridades. Nesse balanço entre os opostos eu-outro, no âmbito pessoal cria-se a

possibilidade de aceitação do Outro na sua individualidade. Diferentemente do dinamismo patriarcal, no qual eu não percebo o outro como diferente de mim, no dinamismo de alteridade eu o percebo diferente de mim e posso dialogar com ele, e diálogo implica em movimentação e transformação que são aspectos considerados saudáveis. Ainda, o ciclo de alteridade difere do patriarcal por viabilizar uma relação mais simétrica entre as pessoas, em que haja compensação e não oposição. A relação que se estabelece é de troca e de co-responsabilidade.

Whitmont (1991), em seu livro “O Retorno da Deusa” propõe um novo paradigma que seria o pós-patriarcado em que o resgate do feminino como polaridade desvalorizada se torna essencial para o desenvolvimento individual e da humanidade. No próximo capítulo, será possível diferenciar o princípio feminino (*anima*) e masculino (*animus*) do homem e da mulher a fim de que se possa esclarecer como se deu esse processo de repressão e de um possível retorno atual do feminino.



(Sem referência)

## CAPÍTULO 3 – ANIMUS E ANIMA

No capítulo anterior expus o processo de desenvolvimento da consciência pautada no dinamismo matriarcal e patriarcal. Vale ressaltar que esses dinamismos são modos de funcionamento da consciência e não correspondem respectivamente a elementos femininos e masculinos. No dinamismo matriarcal, por exemplo, os elementos masculinos e femininos estão contidos num mesmo todo sem distinção, enquanto que no patriarcal eles estão totalmente polarizados.

Habitualmente, as características femininas são projetadas na mulher e as masculinas no homem, entretanto é importante atentar para o fato de que se tratam de potencialidades universais que se dão *a priori* à existência de todos os seres humanos, e portanto, não fazer distinção de sexo (Jung, 2007). O masculino e o feminino são potencialidades que estão presentes em homens e mulheres e se expressam tanto individualmente como coletivamente (na cultura). Há uma passagem do livro de Faria (2003) que reforça essa concepção de que o elemento feminino e o masculino não devem ser confundidos com mulher e homem respectivamente:

Esse modo de a consciência patriarcal vê-los confunde gênero com princípio; assim, a mulher é identificada com o princípio feminino e o homem, com o princípio masculino. Mas se partirmos do pressuposto de que esses princípios são universais, sendo, portanto, possibilidades a serem vividas por todos, que homens e mulheres possuem o feminino e o masculino dentro de si, cada pessoa tenderá a estruturar sua identidade de acordo com a combinação dessas possibilidades (p.52).

Segundo Jung (1964), “ (...) ‘Todo homem traz dentro de si uma mulher’. É a este elemento feminino que há em todo homem, que chamei de ‘*anima*’ ” (p.31). Em outras palavras, a *anima*, por ser a alma feminina, compensa a consciência masculina. Este aspecto feminino inferior molda a forma como o homem se relaciona com o ambiente e com as mulheres. O autor alerta para o fato de que o homem tende a esconder esse seu lado feminino de si mesmo e dos outros. Em suma, *anima* é o elemento feminino no inconsciente masculino, que é incompreensível ao seu oposto (homem). Ela nunca pode ser conhecida diretamente, só a partir de suas manifestações. Esses elementos do sexo oposto que habitam nosso inconsciente configuram aquilo que mais tememos e estranhemos. Whitmont (2008) defende que

o homem deve confrontar a sua *anima* ou qualquer outro complexo autônomo para tentar estabelecer um relacionamento vivo e crescente com ela, algo que só será possível se ele se tornar consciente das suas expectativas e padrões de resposta pessoais.

A *anima* é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas nem por isso menos importante, o relacionamento com o inconsciente (Von Franz, 1964, p.177).

A mulher, por outro lado, carrega consigo um lado masculino que Jung denominou de *animus*, bem definido por Koltuv (1997) em seu livro *A Tecelã – Ensaio sobre a psicologia feminina* extraídos dos diários de uma analista Junguiana:

Primeiramente, uma definição de *animus*: basicamente é a idéia de que toda mulher tem dentro de si um elemento contra-sexual, um outro, um homem interior, uma alma parcial, um lado masculino, às vezes plural, um comitê, um júri, um conselho editorial. Trata-se da experiência interior do outro masculino, e às vezes o que esperamos dos homens, ou o *animus* exterior projetado. O *animus* é formado a partir da experiência do nosso pai, do *animus* ou lado masculino da nossa mãe e do inconsciente coletivo que fornece a dimensão arquetípica (p.62).

*Animus* e *anima* são arquétipos, e por essa razão são impessoais e inumanos. Eles não podem ser controlados pela consciência, porque os arquétipos apresentam certa autonomia. Ainda, eles podem assumir diversas facetas e são fonte de todas as reações do ser humano (Whitmont, 2008). Os arquétipos não são criados pela consciência, mas são eles que a alimentam. A respeito do caráter arquetípico presente nessas duas instâncias, Jung (2007) escreve:

na imagem da alma feminina subjaz algo de supra-individual, algo que não deve sua efêmera existência a uma originalidade meramente individual; representa alguma coisa de típico e suas raízes mergulham profundamente, além dos entrelaçamentos visíveis e superficiais (pp.65,66).

O autor defende uma predisposição subjetiva que faz parte de todos os seres humanos. Essa predisposição é uma estrutura psíquica inata que permite aos indivíduos terem diversas experiências. A natureza dessas predisposições é coletiva (a imagem de pai, mulher, filho, sábio entre outros) e o autor adverte que essas imagens são inconscientes e herdadas. Uma metáfora ilustrativa seria a da forma de um bolo vazia, e sem conteúdos, portanto inconsciente. A partir do momento em que são adicionados ingredientes, isto é, fatos empíricos da vida tocam essa

predisposição inconsciente, a forma do bolo vai ganhando conteúdo/corpo podendo tornar-se consciente. A forma do bolo é constituída por “sedimentos de todas as experiências dos antepassados, mas não essas experiências em si mesmas” (idem, p.66). Jung acredita que há uma imagem coletiva da mulher no inconsciente do homem e à medida que ele tem acesso a essa imagem ele pode entender a natureza feminina.

As figuras *anima* e *animus* são condicionadas pelas experiências pessoais com indivíduos do sexo oposto ao longo da vida de cada pessoa e da imagem coletiva (arquétipo) que o homem tem da mulher e vice e versa. Essas figuras possibilitam uma ligação entre o consciente (ego) e o inconsciente ou o pessoal e o impessoal. Tratam de complexos funcionais que atuam de forma compensatória à *persona*, à medida que possuem elementos sombrios que essa personalidade externa desconhece ou que encara como inexistentes (Jung, 2007).

Jung (2007) teoriza que uma criança tem como referência inicial os seus pais, pois eles são os familiares mais próximos e mais influentes. Von Franz (1964) reafirma essa idéia ao concordar que no âmbito individual a *anima*, como figura interior do homem, é determinada pela sua mãe e o *animus*, personificação masculina no inconsciente da mulher, é influenciada pelo pai. No decorrer do desenvolvimento de cada pessoa, tal influência é interrompida e transferida para outras pessoas: no caso do homem adulto passa a ser a mulher que ocupa o lugar dos pais e vice-versa. “A mulher, com a sua psicologia tão diversa da psicologia masculina, é e sempre foi uma fonte de informações sobre as coisas que o homem nem mesmo vê” (idem, p.64). O homem possui algo de feminino que ele tenta descartar, porém ao reprimir os seus traços femininos, vai havendo um acúmulo desses conteúdos no inconsciente, na *anima* sombria, (imago da mulher- a alma) que se expressa via projeção. Esta imago, segundo Jung, deve ser mantida e acessada. Assim, o homem escolhe a sua parceira amorosa por meio daquela que recebe melhor essa projeção. Em contrapartida, a mulher também apresenta tendências masculinas que tenta negar e o mesmo processo, embora invertido ao do homem, acaba acontecendo. Jung (2007) lembra que é necessário que se conheça a *anima* e o *animus*, que são inconscientes inicialmente, para que se possa diferenciar-se deles.

O ego de uma mulher, identificado com a natureza biológica, se forma a partir do complexo materno e só pode reintegrar o *animus* (referência do aspecto masculino interno das mulheres), que tem como base o complexo paterno, depois de algum tempo. Quando o complexo paterno é positivo a mulher lida bem com regras, limites e frustrações; no entanto, quando ele é negativo, trata-se de um pessoa rígida, controladora, exigente e que se desvaloriza. Em contrapartida, a *anima* sob influência negativa da mãe pode deixar o homem extremamente preocupado com o intelectualismo, irritado e inseguro, algo que se puder ser contornado, fortalecerá a sua masculinidade. A “mãe-anima” negativa contribui para que haja uma desvalorização das coisas como um todo, por meio de um processo de observação malévola. O complexo materno positivo, isto é, a experiência positiva do homem com sua mãe, faz com que o homem seja mais sentimental e então mais facilmente submetido a mulheres (Von Franz, 1964). A “mãe” é a base afetiva para o desenvolvimento do ego, porém é o “pai” que ajuda o ego a se fortalecer, se estruturar e se diferenciar de modo que se forme uma identidade egóica.

A figura da *anima* e do *animus* são complexos funcionais (autônomos) que transcendem a consciência. Eles constituem uma função psicológica no homem e na mulher, que atua de forma compensatória à personalidade externa (consciente e manifesta), podendo ser facilmente projetados. No entanto, não se pode identificar-se com eles, porque os problemas permanecerão indissolúveis. A primeira portadora dessa imagem da *anima* é a mãe, e é preciso separar-se dela para que se abram caminhos para novas projeções em mulheres que suscitem sentimentos positivos ou negativos no homem. “A *anima* sob a forma de imago materna, é transferida para a mulher” (Jung, 2007, p.73). O pai protege o filho do mundo externo, enquanto à mãe é atribuída a incumbência de protegê-lo contra o mundo interno e sombrio.

Segundo as concepções de Whitmont (2008), a *anima* representa o feminino eterno que pode estar personificado na figura da Mãe, Hetaira, Amazona e Médium. A respeito do arquétipo da anima, o autor escreve:

Como padrão de comportamento, o arquétipo da anima representa os elementos impulsivos relacionados à vida como vida, como um fenômeno natural, não premeditado, espontâneo, à vida dos instintos, à vida da carne, à vida da concretude, da Terra, da emotividade, dirigida para as pessoas e as coisas. É o impulso para o envolvimento, a conexão instintiva com outras

peças e a comunidade ou grupo que a contém. [...] Como padrão de emoção, a *anima* consiste nos anseios inconscientes do homem, seus estados de espírito, aspirações emocionais, ansiedades, medos, inflações e depressões, assim como seu potencial de emoção e relacionamento (p. 168).

O autor em questão reflete a respeito dos homens que tentam ignorar a *anima*, e reagem a uma situação carregada de afetos de forma racional. Como consequência, a *anima* invade e ataca o ego. Quando uma situação exige uma resposta emocional consciente e o homem não consegue perceber essa necessidade, essa resposta vem de forma inconsciente e muitas vezes o homem se frustra por não corresponder aos seus sentimentos da forma como desejava. Essa dinâmica pode fazer com que ele entre em crise, ignore o fato ou entre em depressão. O homem tem medo desse lado feminino interior que é completamente desconhecido para ele, e que está relacionado à área da imaginação ou fantasia, mas ao mesmo tempo ele sente um enorme fascínio por esse desconhecido, pois a atração é uma característica própria da *anima*. Segundo Whitmont (2008), quando o relacionamento do homem com a mãe, primeira portadora da imagem da *anima*, for pautado por confiança, esse medo tende a diminuir e os relacionamentos pessoais possivelmente serão mais fáceis porque se estabeleceu um relacionamento positivo com a *anima*. Todavia, “quando o relacionamento com a mãe ou representante da mãe é negativo, como acontece com uma mãe dominadora, rejeitadora ou amorosamente devoradora, o medo e a repulsa prevalecem manifestamente” (idem, p.171). No caso da *anima* negativa, as mulheres que apresentam características parecidas com as da mãe, são temidas; ao passo, que aquelas que superficialmente parecem ser o oposto da mãe, na verdade, são profundamente muito similares. A *anima*, por ser um arquétipo, tem muito mais aspectos do que aqueles que podem ser consteladas na figura da mãe real. Levando-se tal afirmação em consideração, podemos supor que nem todas as características/facetas da *anima*, que são infinitas, podem ser ativadas na vida de um homem.

Enquanto a *anima* ou o *animus* permanecerem inconscientes, eles se manifestarão de forma primitiva ou inferior por meio dos mecanismos de: inflação, projeção, identidade ou através dos complexos (Whitmont, 2008). A identificação com a *anima* acontece quando o homem apresenta melancolia, depressão, sentimentalismo, efeminação ou excesso de paixão. “A inflação pela *anima* é um estado no qual ambições, esperanças e desejos são confundidos com fatos e

realidades acontecidos.” (p.173). A projeção acontece quando o homem está amando ou odiando, ou seja, suas expectativas são transferidas para o outro sem que se perceba o outro como ele realmente é; o mesmo acontece com o *animus*. A pessoa projeta a sua sombra por meio do *animus* ou da *anima* e vivencia no parceiro um aspecto desconhecido ou desprezado em si mesmo (Samuels, 1985). O homem pode projetar a sua anima numa pessoa ou num objeto (ex. carro). Um relacionamento amoroso requer uma relação eu-tu que só é viável a partir do momento que são retiradas ou dissolvidas as projeções da *anima* e do *animus*. A aceitação da *anima* ou do *animus* como constituintes dos seres humanos faz com que esses arquétipos possam se tornar aliados. Quando esses princípios podem ser integrados conscientemente, a pessoa se livra da projeção que distorce a realidade da outra pessoa. Além disso, essa integração propicia maior alívio para as pressões e tensões afetivas e a pessoa pode descobrir quais são suas verdadeiras emoções e sentimentos (Whitmont, 2008).

O animus, princípio masculino, pode aparecer em sonhos ou fantasias sob a forma de: Pai, Puer (Filho), Herói ou Sábio, que são os quatro tipos de masculinidade que surgem puros ou com variações que podem ser fruto da combinação interna entre eles.

O modelo do animus provém do relacionamento da mulher com o pai, o irmão, ou seja, com as primeiras figuras masculinas, como anunciado anteriormente. Deste modo, uma mulher que teve um bom relacionamento com o pai, que pode ser denominado como favorável, provavelmente saberá como lidar com a sua agressividade e autoridade de forma positiva, ao contrário de alguém que teve uma vivência negativa. Como uma energia masculina positiva, o *animus* (amante) pode estar relacionado à consciência focalizada, que possibilita uma conexão com algo que já conhecemos, mas que se encontra num nível inconsciente. Ele pode atuar criativamente, fazendo uma ponte com o Self, em situações em que seja necessária “iniciativa, agressividade, ação, discriminação, racionalidade e entendimento” (Whitmont, 2008, p.184). Ainda, “o *animus* positivo pode surgir como pai, fornecendo encorajamento, proteção, princípio, contenção (...) o *animus* em seus aspectos negativos, como crítico, juiz, sádico e mágico do mal – em resumo, o bastardo.” (Koltuv, 1997, p.64). O *animus* negativo (tirano) contribui para a desvalorização da mulher nos aspectos pessoais ligados à impressão que ela tem

de si mesma (ela pensa que não vale nada, que é incapaz, ou estabelece padrões fixos de como ela deveria ser que a afastam dos relacionamentos pessoais). Segundo Von Franz (1964), o pai tem um papel de 'fornecer' ao *animus* da filha convicções inquestionáveis ou opiniões certas que são imutáveis. Além disso, ela pode sentir-se furiosa, deprimida, insatisfeita de um modo geral, isolada de todos, insegura, extremamente vitimada, podendo até perder a sensação de vida ou sofrer uma paralisação dos sentimentos. A autora denomina essa atitude do *animus* como algo que é sentido pela mulher como um ataque/ possessão que também pode gerar sintomas como dor, tensão e rigidez física ou problemas sexuais (frigidez). O *animus* torna-se tirano, à medida que as mulheres negligenciam esse seu lado e projetam-no nas figuras masculinas ao seu redor sem se conscientizarem a respeito desse movimento. Nesse estado de identificação com o *animus*, a mulher fala coisas, pensa e age como se fosse ela, enquanto que na verdade é o *animus* que está se manifestando através dela sem que ela tenha consciência disso. Jung (2007) acredita que as mulheres têm necessidade de um desenvolvimento espiritual, que é um aspecto ligado ao *animus* e que resulta da vivência de idéias religiosas ou filosóficas que se desprendem do âmbito pessoal.

A projeção das figuras da *anima* e *animus* são consideradas saudáveis ou normais quando não excessivas, porque de certo modo permitem que esses arquétipos possam se manifestar e ganhar vida. Dentro dessa perspectiva, Samuels (1985) afirma que quando não há nenhuma projeção ou quando o ego é possuído pelo *animus* ou pela *anima* isso pode ser encarado como patológico.

Koltuv (1997) descreve que quando uma mulher encontra-se possuída ou tomada pelo *animus* ela deve primeiro se conscientizar a respeito do que está acontecendo e depois retirar as projeções do *animus*, o que só será possível à medida que ela se comportar de forma ativa nesse processo. Whitmont (2008) exemplifica que a mulher dominada pelo *animus* é regida por preconceitos ou pré-julgamentos, as suas expectativas sofrem interferências de idéias pré-concebidas, ela é dogmática, argumentadora e hipergeneralizadora. Além disso, ela prefere discutir para mostrar que está "certa" mais do que para realmente tirar proveito da discussão ou escutar opiniões diversas sobre um mesmo assunto. Ela não aceita discórdias e se apega facilmente a estereótipos. A mulher dominada pelo *animus*

apresenta convicções e princípios morais inflexíveis. A vida e os homens que não encaixam no seu molde idealizado são julgados de forma rígida.

Koltuv (1997) explicita os estágios do desenvolvimento do *animus* no processo de individuação da mulher com base na História de Ester, que é contada de forma completa no Livro de Ester do Antigo Testamento. Entretanto, para fins desse estudo vamos nos ater somente às fases definidas por ela sem estabelecer a conexão com a história como um todo. Inicialmente, a mulher “é completamente identificada com seu *animus*. Faz o que ele manda e acredita no que ele diz.” (idem, p.72). De forma generalizada, a autora diz que as mulheres nesse estágio ainda “estão completamente inconscientes do outro que existe nelas, tudo é natural e evidente por si mesmo.” (idem, p.72). Um segundo momento é caracterizado por uma maior introspecção, na qual a mulher pode se apoderar do seu próprio processo feminino. Em um próximo momento, ela torna-se consciente de que há um outro (o *animus*). Os elementos masculinos podem destruir essa relação da mulher com o seu mundo interior, impedindo a sua individuação, caso não sejam integrados à consciência ou não se tenha estabelecido uma relação harmônica com eles. Para tanto, a mulher precisa retirar as projeções do aspecto masculino que estão alocadas externamente, como já fora dito anteriormente. Muitas vezes o *animus* focaliza o problema e tenta mostrar que o ego está sendo ameaçado, mas este tenta negar os fatos. Porém, somente quando a mulher desce ao “mundo subterrâneo” a fim de resgatar o seu animus na sua essência é que ela “torna-se inteiramente consciente de sua história, de como surgiu a necessidade de projeção, e percebe qual é de fato a situação dinâmica. Ela tem que descobrir e exprimir o que realmente sente para ter a completa compreensão da trama que ameaça destruí-la.” (idem, p.75). Dessa forma, é possível estabelecer um relacionamento real com o *animus* e a mulher poderá dar um passo no seu desenvolvimento psicológico.

Jung, citado por Von Franz (1964) no livro “O Homem e seus Símbolos”, refere-se a quatro estágios do desenvolvimento do *animus* e da *anima*, pois por serem arquétipos, eles apresentam uma estrutura quaternária que está relacionada ao modo como o Self (núcleo da psique ou totalidade que contém todas as potencialidades) se expressa. O primeiro estágio do desenvolvimento do *animus* tem como foco a força física simbolizado na imagem do atleta ou “homem musculoso” (ex. Tarzan – o herói da floresta). A seguir, o segundo estágio é marcado pela

iniciativa, coragem, honestidade e capacidade de planejamento. No terceiro estágio há o condutor do “verbo”, portanto, personificado na figura do professor ou orador público. No quarto e último estágio, está a figura do sábio ou guia espiritual (ex. Gandhi), que simbolizaria um mergulho na espiritualidade a fim de compreender o sentido da vida. A alma, por outro lado, apresenta quatro estágios um pouco mais definidos quanto às suas personificações: em primeiro lugar está Eva, representando o instinto e o corpo biológico; no segundo estágio está Helena de Fausto que simboliza o romantismo e estética, que incluem aspectos sexuais; em terceiro lugar, a Virgem Maria, que simboliza a pureza e a noção de amor platônico, ou seja, distante do carnal, já que envolve uma devoção espiritual; e, finalmente o quarto estágio que tem como figura principal a Sapiência, ou seja, sabedoria que transcende a pureza e santidade. A autora ressalta que esse último estágio do desenvolvimento da *anima* é dificilmente atingido pelos homens modernos.

Emma Jung (2006), por sua vez, enfatiza que o desenvolvimento do *animus* é marcado por uma seqüência de graus. Primeiramente, a autora menciona a força ou força dirigida, que seria o mesmo que força de vontade. Num segundo patamar estaria o ato (capacidade de atuação), ou seja, a pessoa utiliza a energia para concretizar algo. Em seguida estaria o verbo (poder da palavra), e para finalizar, o último grau seria o do sentido ou significado. Segundo a autora, o verbo e o sentido estão presentes mais intensamente nos líderes espirituais que de certa forma já estão mais conectados com o mundo espiritual que envolve as palavras e os significados. Ela acrescenta que o poder da palavra/verbo diz respeito a uma “voz que comenta” que no caso do *animus* se coloca de forma crítica e negativa. Quanto ao sentido, Emma Jung (2006) faz uma distinção entre os sexos ao afirmar que os homens em geral buscam o significado de alguma palavra, enquanto que as mulheres assumem uma palavra sem mesmo se preocupar em entender o seu sentido profundo.

O *animus* é caracterizado por um aspecto criativo que é pouco desenvolvido nas mulheres em quase todos os âmbitos, menos no que se refere à criatividade nas relações humanas que não são fruto do Logos, mas da intuição, sensibilidade e sentimento. O animus possibilita que a mulher possa ver as coisas ou situações de modo mais impessoal, racional e objetivo. Pode-se dizer que uma das funções do *animus* é ligar o ego feminino aos níveis mais profundos do

inconsciente, ou seja, ao Self feminino, o que contribui para que ela possa se transformar e se aproximar do que ela realmente é (sua singularidade), e como consequência passar a exercer a sua autoridade como mulher. Segundo Koltuv (1997), “na psicologia das mulheres, o masculino é vivenciado de forma interior como o animus e exterior como homem, e um evoca o outro” (p.78), e é por meio do relacionamento que se estabelece com essas duas instâncias que a mulher pode seguir a caminho da sua individuação.

A mulher é movida pelo princípio feminino do Yin e o homem pelo Yang. No entanto, Whitmont (2008), alerta que “homens e mulheres não são simplesmente macho e fêmea; os homens não podem ser encarados como meras encarnações do Yang – nem tampouco são as mulheres simplesmente criaturas Yin” (p.159). Yin e Yang são apenas símbolos que não devem ser confundidos com masculinidade e feminilidade como características diretas de homens e mulheres. Ambos são complementares e não opostos. Whitmont (2008) define o que se entende por Yang no trecho a seguir:

Na filosofia chinesa, o princípio Yang é representado como o arquétipo que encerra o elemento criativo ou gerador, ou a energia iniciadora; ele simboliza a experiência da energia em seus aspectos impulsivos de força, impulsividade, luz [sol, raio]; é divisor e fálico como a espada, a lança ou o poder de penetração, e até despedaçador; ele se move do centro para fora; é representado como paraíso ou espírito; manifesta-se em disciplina e separação e, portanto, em individualização. Desperta, luta, cria e destrói, é positivo e entusiasmado, mas também restritivo e ascético [outra tendência separadora] (p.154).

E acrescenta sobre Yin no parágrafo seguinte:

Por outro lado, o princípio Yin é representado como receptivo, dócil, retraído, frio, úmido, escuro, concreto, envolvente, continente [caverna e cavidade], doador de forma e gerador, centrípeto, iniciador; não é espírito mas natureza, o mundo da formação, o ventre escuro da natureza que dá luz aos impulsos, os anseios e instintos e a sexualidade; esse é visto no simbolismo da Terra e da Lua, da escuridão e do espaço; é negativo, indiferenciado e coletivo (idem, p.154).

Whitmont (2008) esclarece que com positivo ele se refere a uma energia iniciadora, enquanto que o negativo seria uma energia receptiva ou passiva. Esses termos não dizem respeito a nenhum julgamento de valores.

A psicologia do homem é determinada predominantemente por aspectos Yang, que dizem respeito a discernimento, ordem e abstração; enquanto que o Yin funciona num segundo plano. A mulher, inversamente, tem a sua consciência

orientada pelos aspectos Yin, que abrangem a natureza, as emoções e os impulsos, e o seu dinamismo é marcado pelo envolvimento e fusão; enquanto que os seus traços inconscientes são baseados em Yang . Referindo-se à esfera Yin, Whitmont (2008) especifica que: “ela representa o psíquico, o instintivo e o concreto em vez da experiência espiritual” (p.156).

O autor atenta para o fato de que há graus de variação de um plano para outro em cada pessoa, o que permite compreender homens mais femininos (Yin) e mulheres motivadas mais pelo masculino (Yang). Na maioria dos casos, pode-se dizer que a feminilidade do homem e a masculinidade da mulher acabam operando de forma menos intensa, uma vez que estão fora do campo de visão da consciência. Koltuv (1997) afirma que a natureza do Yin são os relacionamentos, estar em contato; enquanto que o aspecto Yang está relacionado à discriminação e separação. Segundo a autora, deve-se almejar o equilíbrio entre essas duas forças para que se tenha um bom relacionamento com o *animus* ou com a *anima*.

Tanto a esfera Yang como Yin apresentam pólos dinâmicos e estáticos. “O aspecto dinâmico da esfera Yang é como um impulso de ação, um impulso agressivo, fálico, instigador, combativo, desafiador, que luta por realização, conflito e penetração; ela é vontade e auto-afirmação.” (Whitmont, 2008, p.156). Por outro lado, a polaridade estática se caracteriza por uma maior “reflexão, consciência, discernimento, entendimento criativo, discriminação, cognição, significado, razão e disciplina, lei, ordem, abstração e objetividade não-pessoal” (idem), que são aspectos do Logos. A polaridade estática do princípio Yin é coletiva, impessoal e vai contra a disciplina ou consciência, cria e também destrói constantemente. “Ele é receptividade e doação, mas também apoio e contenção; é vivência emocional infundável fluxo sonhador do mundo das imagens, da fantasia e da intuição” (idem). Ainda, essa esfera é fria, cega, inerte, gestante e indiferente. Segundo Whitmont (2008), o pólo ativo ou dinâmico do Yin se refere àquilo que fora determinado por Jung como princípio de Eros que se refere ao relacionamento, isto é, à união, envolvimento subjetivo e emocional com indivíduos e não com pensamentos ou idéias.

A mulher que tem uma *persona* feminina e não tem muito acesso ao *animus* acaba transferindo esse conteúdo para o homem; o mesmo acontece com o

homem que não tem acesso à *anima*. Se o Outro não corresponde a essas projeções e idealizações a relação será pautada por desentendimentos. Quando a mulher, por outro lado, se identifica com o seu *animus* e se transforma nele, ou fica possuída por ele, ela perde contato com a sua própria natureza e isso pode gerar graves consequências.

A mulher tomada pelo animus corre sempre o risco de perder a sua feminilidade, sua persona adequadamente feminina. O homem, em iguais circunstâncias, arrisca efeminar-se. Tais transformações psíquicas do sexo explicam-se pelo fato de que uma função inferior se volta para fora. O motivo desta perversão é, naturalmente, a insuficiência ou o desconhecimento total do mundo interior, que se ergue, autônomo, em oposição ao mundo exterior; as exigências de adaptação do mundo interior igualam às do mundo exterior (Jung, 2007, p.85).

Jung (2007), defende que o inconsciente feminino apresenta aspectos diversos daqueles presentes no inconsciente do homem. O autor diz que a *anima* produz caprichos enquanto que o *animus* apresenta opiniões em vez de reflexões, porém ambos estão fundados em pressupostos inconscientes. Ao contrário do que se pensava, o *animus* não aparece inconscientemente nos sonhos e fantasias simbolizado por um só homem, mas em muitas figuras – uma pluralidade ou grupo de homens. “O *animus* parece uma assembléia de pais e outras autoridades, que formula opiniões incontestáveis e ‘racionais(...)’”(p.83). Em contraposição, a atitude consciente da mulher é geralmente mais pessoal do que a do homem, porque ela encontra a sua pluralidade na sombra/ animus (inconsciente). Essas opiniões são tidas como verdades absolutas e muitas vezes não se baseiam em critérios conscientes, podendo aparecer como um senso comum, um preconceito disfarçado ou um princípio atenuado. A consciência da mulher é caracterizada pela qualidade conectiva e de relacionamento do Eros, mais do que a discriminação e cognição do Logos. A mulher, por “estar menos separada de suas raízes inconscientes” (Whitmont, 2008, p.188), apresenta um ego menos racional do que o ego masculino, uma vez que mantém uma ligação com o *animus* maior do que o homem com a *anima*. Além disso, a percepção consciente do homem a respeito dos seus sentimentos é algo realmente difícil para ele; no entanto, o questionamento necessário para se atingir um discernimento racional, que deve vir acompanhado do pensamento abstrato, são especialmente desafiadores para a mulher.

Emma Jung (2006) diferencia o papel da *anima* e do *animus* de acordo com as funções desempenhadas por cada um deles. A *anima* deve transmitir

conteúdos inconscientes ou torná-los visíveis, segundo a autora. Para que isso seja viável, é necessário uma consciência mais feminina que permita que se abdique da nitidez absoluta para poder enxergar de forma mais ampla e poder perceber coisas ainda vagas (intuição). “Essa visão, a percepção daquilo que não pode ser visto de outra maneira, torna-se possível ao homem através da *anima*” (idem, p.38). Aqueles conteúdos até então incompreensíveis para o homem podem ganhar valor. O animus, por outro lado, fornece à mulher algo mais penetrante e claro, como se o zoom da lente da máquina de fotografia estivesse no seu máximo e a focalização proporcionasse uma imagem muito nítida.

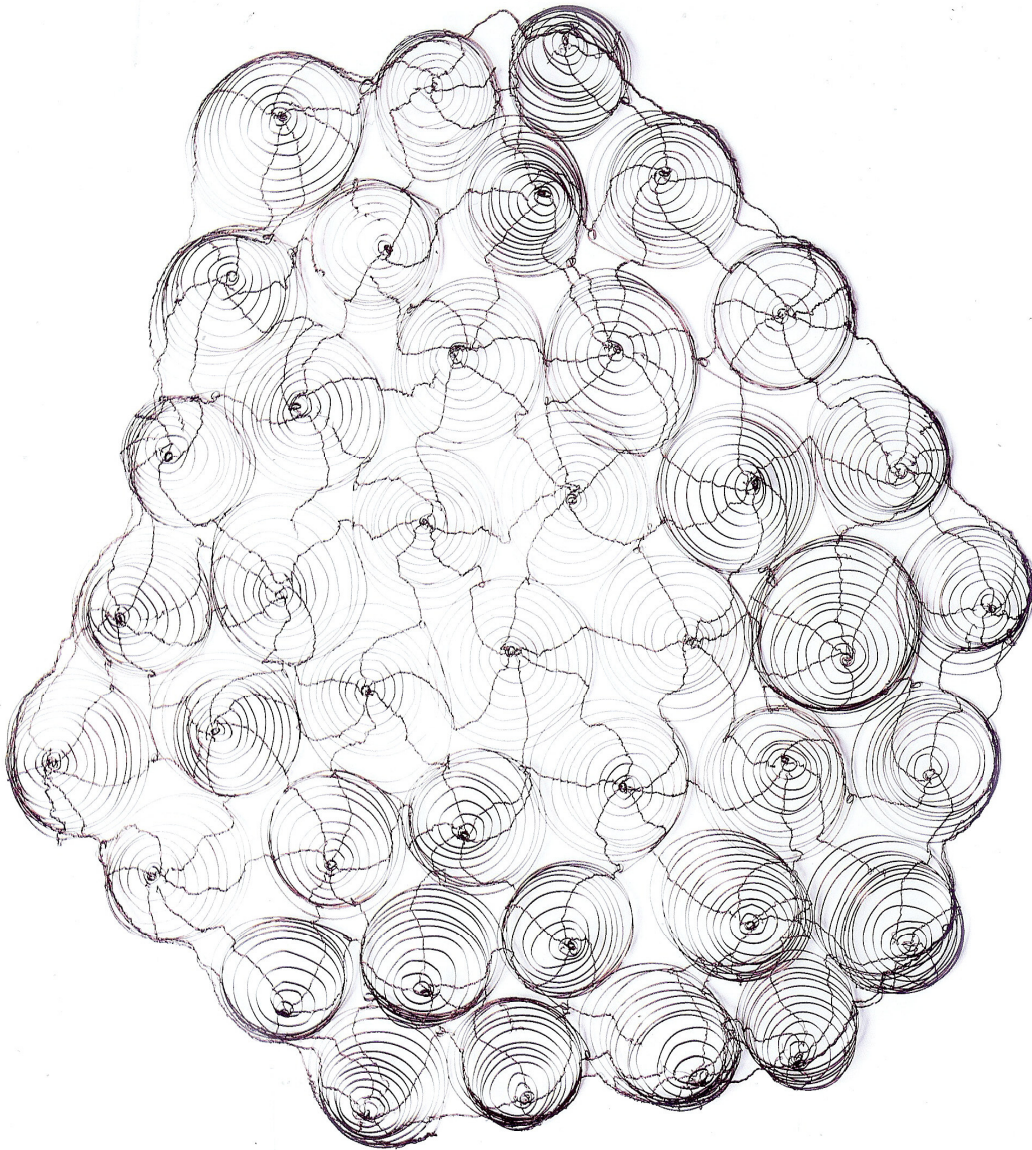
Segundo Woolger e Woolger (1997, p.19), a nossa cultura vivencia um momento de “desequilíbrio psico-espiritual”, por conta da desarmonia entre os princípios masculino e feminino, que são energias arquetípicas essenciais para a vida de cada ser humano. Precisamos permitir que o nosso “outro lado” (*anima* no caso do homem e *animus* para a mulher) possa ter a oportunidade de manifestar-se e se expressar mediante uma atividade psíquica perceptível, porque, dessa forma, eles poderão servir como pontes para chegar ao inconsciente e depois serem integrados à consciência, ampliando-a. Quando isso não é possível a manifestação se dá de forma indireta, por meio de sintomas: “Só em momentos de um afeto avassalador, emergem a superfície fragmentos de conteúdos do inconsciente sob a forma de pensamentos ou imagens.” (Jung 2007, p. 78). Logo que surgem esses conteúdos o movimento inicial é de identificação do eu com essas manifestações. Porém num momento posterior tende-se a negar, reprimir ou criticar tais acontecimentos, por conta do medo que se tem desse lado interno e desagradável que faz parte de nós. Pelo fato desses conteúdos emergirem de forma devastadora e incontrolável, ou seja, inconsciente, é recomendável manter um diálogo consigo mesmo e com esse outro lado, a fim de poder expressar tais afetos (Jung denomina essa tarefa como educar a *anima/animus*). Jung (2007) alerta para o fato de que “só quando a consciência familiarizar-se suficientemente com os processos inconscientes refletidos na anima, esta última será percebida como uma simples função.” (p.86). Emma Jung (2006) acrescenta que a conscientização da projeção da *anima* ou do *animus* pode nos ajudar a reconhecer a nossa sombra e entrar em contato com o nosso inconsciente, de forma que possamos estabelecer uma relação mais verdadeira com nós mesmos e com os outros. Ainda completa que quando as

mulheres puderem se diferenciar do seu *animus* e se afirmarem sobre ele, aquilo que até então era ameaçador poderá se transformar em energia criativa que vai ajudá-las no seu processo de individuação. O processo inverso também é válido para o homem que pode se diferenciar da sua *anima* ou aspecto feminino interior. Samuels (1985) reforça essa idéia ao dizer que *anima* e *animus* são fontes de sabedoria e informação sobre nós mesmos.

Whitmont (1991) em seu livro “O retorno da deusa” contesta o modelo teórico proposto por Jung que separa *anima* como o elemento feminino da psique dos homens e *animus* como elemento masculino inconsciente das mulheres. Ele propõe um novo olhar para essa divisão anima-animus.

Jung limitou a anima e o animus às dinâmicas inconscientes de ambos os sexos. Diante da força de experiências clínicas acumuladas desde a época de sua formulação original, essa visão não parece mais válida. Não se justifica mais a alegação de que a anima incorpora exclusivamente o inconsciente pessoal do homem, e o animus, o das mulheres. Também não podemos mais sustentar o dogma de que a consciência, tanto do homem como da mulher, é masculina, e que o inconsciente é feminino (idem, p.161).

O autor entende que a cultura ocidental patriarcal influenciou a concepção de que o masculino seria o princípio ativo e o feminino o passivo ou receptivo, porém essa concepção de acordo com o autor é muito estreita e ultrapassada. O feminino não estaria exclusivamente associado à capacidade de relacionamento e à força vinculadora, assim como o espírito não seria uma qualidade somente masculina. O mesmo se aplica às concepções de Eros e Logos e Yin-Yang. Para ele, as qualidades atribuídas ao princípio masculino e feminino e a possibilidade de ligação ego-Self não estão restritas a um ou outro sexo. Elas podem ser compartilhadas ou invertidas (as mulheres que conscientemente são determinadas pelo Logos e não mantém uma conexão com o mundo dos afetos e os homens que são puro sentimento e se mostram muito distantes do da racionalidade). Além disso, essas atribuições são fruto de um momento histórico e de um contexto patriarcal. Byington (1987) faz parte de uma corrente brasileira atual que aponta para a existência de um único arquétipo que aborda os dois princípios - feminino e masculino.



Todas as mulheres do mundo

Luiz Hermano – escultura em metal (s.d)

## CAPÍTULO 4 – A MULHER E O FEMININO

O desenvolvimento da consciência da mulher tem as suas particularidades em relação ao do homem, e são essas diferenças que vamos apresentar nesse capítulo. Para tanto, escolheu-se recorrer prioritariamente a Neumann (2000) e sua obra “O medo do Feminino”. O autor propõe de forma exclusiva estágios psicológicos do desenvolvimento feminino que seguem a linha do que fora exposto no capítulo 2 sobre a Evolução da Consciência Individual e Coletiva, porém ressaltando aspectos específicos da mulher e diferenciando-os dos estágios arquetípicos que levam à formação da consciência e de um ego discriminado e patriarcal, que pode ser diretamente associado ao homem.

O primeiro estágio do desenvolvimento da mulher, assim como do homem, é marcado por uma unidade, na qual os opostos estão indiscriminados – fase urobórica. Como símbolo dessa fase o autor se refere ao *uróboro*, que se trata de uma imagem de uma serpente ou dragão que engole a própria cauda formando um círculo fechado. Dentro dos múltiplos significados desse símbolo podemos citar o seu aspecto dinâmico, vital e de movimentação constante que são características normalmente atribuídas ao inconsciente. Além disso, pode-se entender que essa figura simboliza a união dos opostos (masculino e feminino, consciente e inconsciente), ou melhor, a indiferenciação dos mesmos, uma vez que é uma imagem de um ser da natureza em que a cauda e a cabeça estão juntas ou fundidas, o que representa continuidade e uma não-separação. Esse estágio seria anterior à formação do ego, que pressupõe uma separação consciente-inconsciente, porque o ego ainda parece estar submerso no inconsciente e vice-versa. No âmbito do desenvolvimento da consciência individual, a criança que se encontra nessa fase ainda está contida no uróboro materno ou na relação com a grande Mãe, o bebê depende totalmente da mãe; ele é a mãe nesse momento. A relação primal com a mãe é determinada por todos os relacionamentos que esse bebê ou criança tem com a sua mãe, ou com aquela pessoa que desempenha a função materna, antes da separação que resulta na formação de um ego como um complexo consciente. Essa relação num momento inicial é tida como positiva porque a mãe vai suprir as necessidades desse bebê em sua totalidade. Coletivamente, os indivíduos ainda

estão contidos no grupo, clã ou família que exerce influência sob todas as suas ações.

Arquetipicamente, o relacionamento primal – isto é, a dependência total do ego e do indivíduo em relação ao inconsciente e ao grupo- é experienciado em projeção sobre a mãe que, a despeito de sua individualidade, marca o bebê e a criança pequena como uróboro materno e a Grande Mãe (Neumann, 2000, p. 8).

Vale ressaltar que esse mesmo processo é válido para ambos os sexos e que a relação primal tem como base o arquétipo da mãe, que é o “protótipo psíquico do elemento materno que vive na psique humana” (idem, p. 9), mas que não necessariamente coincide, ou seja, é influenciada pela relação que se estabelece com a mãe pessoal.

Nesse primeiro estágio, Neumann (2000) já aponta uma diferença essencial entre a psicologia feminina e masculina. O menino estabelece uma relação com a mãe na qual ele se percebe como diferente, enquanto que menina vivencia esse outro “mãe” como semelhante, não-diferente.

O autor em questão aponta para o fato de que o Feminino é frequentemente identificado com símbolo do inconsciente e o Masculino do consciente. Ele alerta que essa analogia não tem relação com a questão secundária da *anima* a do *animus*. O masculino se apresenta para a mulher pelo *animus* da mãe. No decorrer do processo de evolução da consciência, o estágio urobórico de indiferenciação se desenvolve no sentido de uma maior discriminação entre os opostos, que incluem o Masculino e o Feminino. A criança do sexo masculino tem que se desprender do relacionamento primal, a partir de uma atitude objetiva e consciente, para descobrir-se como “macho” e formar uma identidade masculina. “Quando isso não é conseguido, o indivíduo do sexo masculino permanece preso e castrado no incesto materno e urobórico, isto é, ele é inautêntico e alienado de si mesmo” (Neumann, 2000, p.11). Dessa forma, para o menino a sua “auto-descoberta” (Koltuv, 1997, p.80) se dá à medida que o ego e a consciência, que são arquetipicamente simbolizados como masculinos, estão diferenciados do inconsciente. O menino vivencia o relacionamento primal de uma forma específica como citado na passagem a seguir: “Individualmente, ele sobrevive fora do caráter arquetípico do herói e experiencia o seu Self somente em sua batalha vitoriosa com

o dragão, isto é, o lado natural do inconsciente que se confronta com ele sob forma de relacionamento primal” (Neumann, 2000, p.12).

Neumann (2000) analisa que o dragão pode ser um símbolo do Masculino, porque ele faz alusão ao uróboro que engloba ambas as polaridades (feminino-masculino), ou do Feminino, que é mais freqüente. “Enquanto o elemento matriarcal-maternal da psique humana pertence simbolicamente ao Feminino e ao inconsciente, o ego em ambos os sexos - no seu caráter heroicamente ativo de desenvolvimento, e agressivo que impulsiona a se tornar consciente - é simbolicamente masculino.” O ego heróico em desenvolvimento vê o mundo matriarcal como proibido e precisa negá-lo para progredir em direção ao âmbito da cultura e da comunidade, e enfim descobrir a própria identidade. A criança/ ego-heróico tem uma tarefa difícil a realizar que é a de matar o seu relacionamento com a mãe para poder se desenvolver e progredir, o que gera sentimento de culpa que deve se tornar consciente para poder ser superada. Todavia, esse processo será facilitado se a mãe incentivar o desenvolvimento rumo ao próximo estágio, que resulta na independência do filho em relação a ela. O mundo, que é um aspecto do Feminino terrível, também pode devorá-lo ou fazer com que o ego-herói se sinta ameaçado uma vez que ele pode levá-lo para a Mãe terrível. Uma mãe suficientemente boa tem que, nesse momento de transição, proteger e ao mesmo tempo entregar o seu filho ao mundo, ou seja, ser um pouco “bruxa” e se afastar para que ele possa desenvolver certa autonomia e aprender os perigos do mundo. A mãe negativa é aquela que prende totalmente o seu filho na ilusão de evitar qualquer mal que lhe possa acontecer. Vale ressaltar que a evolução da consciência matriarcal para a patriarcal é transpessoal, porém a mãe pessoal e humana exerce um importante papel que é o de incentivar tal desenvolvimento ou impedir. Ainda, a imagem da “boa mãe” ou do “bom pai” não estão restritas à mulher e ao homem respectivamente.

Para a mulher ou menina, a relação primal adquire outro sentido, diferente do que é para o homem. A necessidade do indivíduo do sexo masculino de ser diferente da mãe é encarada de outra forma pela menina porque “mesmo que ela ‘realize seu potencial’ como mulher, a identidade com sua mãe no relacionamento primal pode, em grande medida, continuar a existir, e sua descoberta do Self é primária, pois a descoberta do Self e o relacionamento primal, no caso da menina,

podem coincidir” (idem, p.13). Koltuv (1997) acrescenta que o desenvolvimento do ego no caso do indivíduo do sexo feminino não deve seguir em sentido oposto ao inconsciente, mas em parceria e em relação a ele. Ao permanecer no relacionamento primal, denominado por Neumann (2000) como estágio de conservação do Self, a mulher pode se tornar imatura e infantil por não ter se distanciado dessa Grande Mãe que a envolve, mas diferentemente do homem, ela não se torna alienada de si mesma. Submetida a um padrão cultural extremamente patriarcal, a mulher que se fixa nessa fase pode não se desenvolver psicologicamente da forma mais plena e individualizada, já que desfrutará da completude e inteireza. Assim, a luta interior pela diferenciação ou a separação faz parte do objetivo do processo de individuação da mulher.

O relacionamento mãe-filho/a é o da identificação mútua, e o fato de que a descoberta do Self (na qual a mulher se experiencia como pertencente ao sexo feminino) coincide com o relacionamento primal (na qual ela experiencia a mãe como pertencente ao sexo feminino) leva a um reforço primário de todos esses relacionamentos que passam a existir por meio da identificação. Isto também contrasta com a experiência do indivíduo do sexo masculino, que fundamentalmente prefere uma forma de se relacionar na justaposição. E se, por um lado, a forma de se relacionar na justaposição é uma forma individual de se relacionar que é moldada naturalmente, por outro as formas naturais de a mulher se relacionar por meio da identificação derivam do vínculo de sangue da gravidez, isto é, do relacionamento primal com a mãe com quem se origina este relacionamento (Neumann, 2000, p.14).

A mulher, na fase de conservação do Self, tende a permanecer psicologicamente e sociologicamente no grupo das mulheres, ou seja, clã materno, e manter a continuidade do relacionamento com o grupo das mães e das filhas em diferentes graus. A sua proximidade em relação às mulheres e ao Feminino tem como consequência natural um maior distanciamento e até alienação dos homens e do aspecto Masculino, potencialmente desenvolvido neles. Segundo Neumann (2000), esta fase de conservação do Self pode durar muito tempo porque permite à mulher viver de forma adaptada e saudável. Nesse sentido, pode-se dizer que há um aspecto positivo nessa fase, já que ela permite a preservação da vida. No entanto, há também um aspecto negativo importante, em termos do desenvolvimento da consciência, uma vez que ele pode ficar prejudicado pelo enorme poder que o inconsciente pode exercer nesse momento. O fato de a mulher ser casada e ter filhos não a impossibilita de viver fixada nesse estágio, já que ela pode existir “num estado de ausência de tomada de consciência sobre a vida e sobre o viver com

outra pessoa.” (idem, p.16). Pelo contrário, a persistência nessa fase também tem consequências negativas para a família dessa mulher, pois a alienação dos homens e do Masculino pode ser a razão das perturbações do casal, da frigidez pela falta de acesso ao seu homem interior, do desinteresse pelos filhos ou de um relacionamento com interesse apenas sexual. A mulher também pode negativamente se colocar como sofredora, e em decorrência disso, encarar o Homem e o Masculino como sádicos que a fazem sofrer. Neumann (2000) diz em sua obra que a mulher que se encontra estacionada nessa fase, vive de forma incompleta, mesmo sem ser neurótica, pois o significado do Masculino permanece irrefletido e independe do relacionamento com um homem pessoal.

O próximo estágio do desenvolvimento da mulher é denominado invasão do uróboro patriarcal. Nas palavras de Neumann (2000, p.18):

Neste nível, ainda prevalece a situação original, urobórica. Mas a intenção da acentuação do elemento masculino-patriarcal na expressão uróboro ‘patriarcal’ é frisar que aqui se trata de uma questão do desenvolvimento na direção do patriarcado. Ora, a situação urobórica será superada e emerge o arquétipo do Grande Pai. No matriarcado – isto é, sob a hegemonia da grande Mãe - o masculino somente pode ser experienciado numa forma diminuída. O matriarcado vê o lado masculino do uróboro, que evidentemente é bissexual, como parte da Grande Mãe, como seu instrumento, auxiliar e satélite.

Nessa fase em que a mulher é invadida pelo uróboro paterno, ela se depara com algo novo, desconhecido, avassalador e informe. Neumann (2000) entende que ao defrontar-se com esse desconhecido ela pode perceber os limites do seu ego e sua consciência. A mulher vivencia essa invasão como se ela, de forma indefesa, estivesse sendo dominada e totalmente tomada por algo “que ela não experiencia pessoalmente em relação a um homem concreto, nem projetada nele, mas sim como um nume transpessoal, anônimo” (idem, p.20). A invasão repentina do inconsciente que penetra e domina, faz com que a personalidade que a mulher já reconhece como sendo sua, tome uma nova forma. Isso lhe causa grande medo.

Associado a esta enorme e arrebatadora presença ou força masculina está o sentimento transpessoal de inadequação da mulher- isto é, um sentimento de inferioridade que tem aqui sua base impessoal e arquetípica. Diante do Masculino, a mulher sente-se por demais pequena. Compreensivelmente, é como medo que ela experiencia sua incapacidade de conter dentro de si o falo inteiro da divindade (idem, p.21).

O Masculino pode aparecer personificado na figura do dragão, serpente ou monstro, Deus, nuvem, chuva, vento, raio entre outros. Ainda, se manifesta em comportamentos que dificultam a relação da mulher com os homens como ansiedades sexuais, histerias e sintomas neuróticos. A partir do momento em que ela aceita essa situação, o medo, e se rende à experiência, ela pode superar a fase de conservação do Self e se entregar a ele experienciando o aspecto espiritual contido no mesmo, que difere do caráter espiritual do princípio masculino e patriarcal- *animus*. Ela compreende tudo isso com o todo o seu corpo. A relação com o uróboro patriarcal também pode ser negativa à medida que a mulher fica presa nele. Vale atentar para o fato de que diferentemente do estágio de conservação do Self, no qual a mulher não experiencia o Masculino, aqui quando a mulher fica presa no uróboro paterno o Masculino é vivido de forma avassaladora, e ao invés dela assimilar esses conteúdos que invadem a consciência, eles continuam anônimos. Para Neumann (2000, p.23) “demorar-se em uma fase que deve ser atravessada significa uma regressão no que diz respeito ao desenvolvimento da personalidade”. A fixação nesse estágio pode ser vista em mulheres que ficam fascinadas pelo “espírito-pai” e se tornam eternas filhas do pai como, por exemplo, nos casos das virgens, profetizas ou freiras. Segundo Neumann (2000, p.24), esse tipo de mulher “vive como a *anima* do homem, isto é, como sua inspiradora, e conseqüentemente pode perder o direito à vida pessoal, que também tem qualidades terrenas, maternas e outras que deveriam ser desenvolvidas”. Dessa forma, essas mulheres acabam se desligando do Feminino, do próprio corpo, da sua sombra e da realidade. O Espírito- Pai que fascina e faz com que a mulher se perca da realidade concreta e terrena, também pode como feiticeiro prendê-la no lugar de filha e inferior em relação ao indivíduo do sexo masculino. À medida que a mulher está escravizada ao Pai que é visto como uma figura negativa, a Grande Mãe pode se sentir traída e querer se vingar adquirindo assim esse mesmo caráter negativo. Segundo Koltuv (1997), a Grande Mãe é encarada como bruxa e surgem problemas menstruais ou de fertilidade. Neumann (2000), compara a fase de conservação do Self e a fase de invasão do uróboro patriarcal e fixação na mesma, no que concerne à relação da mulher com a sua feminilidade, no trecho a seguir:

Na fase de conservação do Self, a mulher pode funcionar plenamente de maneira feminina e natural, dominada pelo vínculo com a mãe, com o inconsciente e o corpo. Com a invasão do uróboro patriarcal, ela entra não

somente numa nova fase de experienciar a si mesma como mulher, mas chega à experiência de espírito. Mas, caso se enquadre no uróboro patriarcal, torna-se possuída pelo espírito, e tão alienada de si mesma que perde até mesmo seu relacionamento físico com sua feminilidade (p. 25).

É de suma importância atentar para o risco que a mulher corre ao se distanciar da Grande Mãe, que é aquela que carrega as potencialidades para a mulher desenvolver o seu lado maternal e sua essência feminina que envolve uma relação de proximidade com a natureza.

Para a mulher, o vínculo positivo com a grande Mãe também é sempre o pré-requisito psicológico para se tornar mãe, ser fértil e ter um relacionamento saudável com o próprio corpo e com a terra. Por outro lado, afastar-se da Grande Mãe leva à incapacidade de desenvolver as qualidades maternas e frutíferas de sua natureza feminina, e, conseqüentemente, aos sintomas típicos de histeria de afastamento do corpo, e de fato, até mesmo de esterilidade (pp.25-26).

Neumann (2000) menciona que a mulher que não diferencia o seu aspecto Masculino interior do Self acaba sendo possuída por ele. Nessa identificação com o Masculino, e ao superdesenvolver o animus, a mulher se torna alienada de si mesma e da sua própria natureza da terra, transformando-se em uma vítima dos poderes masculinos. Tal alienação pode levar até à psicose, e tem como causa adjacente o fato de que ao se entregar ao Self, a mulher não assimila plenamente o seu lado masculino, que está personificado no homem pessoal com o qual se relaciona ou nas profundezas da sua psique. Desse modo, ela “nunca desenvolve uma personalidade autônoma de direito próprio” (idem, p.26). Para evoluir, é necessário que ela atinja a experiência da alteridade para de fato se tornar consciente do princípio masculino interior, muito embora ela já tenha descoberto nesse estágio o seu Self como feminino. O autor entende que o relacionamento da mulher com Masculino é essencial para que ela se desenvolva e se adapte à cultura, diferentemente do caráter de retenção que o Feminino adquire para o homem.

Embora a consciência da mulher seja diferente, em natureza e ênfase da consciência do homem, a mulher é forçada à alienação do Self a serviço do desenvolvimento da consciência. É compelida a desenvolver também o lado Masculino, sem o que não é possível a realização cultural (Neumann, 2000, p.28).

A linguagem mitológica é mais poética, suave, prioriza a utilização de imagens e narrativas dramáticas. Dessa forma, configura-se como uma linguagem mais feminina que foge às abstrações e a linguagem rígida da ciência, que é mais

masculina (Woolger e Woolger, 1997). O mito do herói, como mito do Eu, inspira a noção do arquétipo do herói como um processo psicológico universal e transpessoal.

Campbell (2007) define alguns passos na jornada do herói em sua obra “O herói de mil faces”. O primeiro seria denominado “o chamado da aventura”, que se trata de um momento inicial em que o ego desperta. Nas palavras do autor “o horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento de passagem por um limiar” (p.61). Vale ressaltar de início que o dragão, que aparece em vários mitos heróicos, é símbolo do mundo interior e inconsciente, no qual estão guardados conteúdos rejeitados, estranhos, desconhecidos ou subdesenvolvidos. O primeiro estágio da jornada do herói em caminho ao mundo desconhecido pode ser motivado por: um desejo próprio do herói em se aventurar; um agente do mal ou do bem que o carrega; ele pode ainda se aventurar por um mero acaso ou se sentir fascinado por algum caminho que o leve para o início da sua aventura. O herói pode recusar o chamado/ convocação para a aventura, e como resultado, essa experiência acaba se transformando em negativa porque ele se sente aprisionado pelos ideais, virtudes e objetivos já instituídos e perde a sua força de ação, transformando-se em vítima. Nesse sentido, ele se torna escravo da infância e com medo da punição dos pais, simbolicamente como os guardiães, não se desenvolve ou experimenta o mundo exterior. Quando o chamado não é recusado, o herói se depara com uma figura protetora (uma anciã ou ancião) que fornece amuletos que vão defendê-los do mal que está por vir. Campbell (2007) comenta que na maioria das vezes esse ajudante sobrenatural assume forma masculina. Quando o herói atende o chamado e prossegue corajosamente ele se aproxima e pode até estabelecer uma parceria com os conteúdos inconscientes, que o auxiliam a seguir adiante na sua tarefa. O herói segue a sua jornada pelo conhecido com ajuda do seu guia, até que ele chega no “guardião do limiar”, que é uma porta que representa o limite para o desconhecido e perigoso. Por um lado é melhor não passar por essa porta e desafiar o guardião/ vigia, que serve como um protetor contra o perigo; porém, por outro lado, é somente ultrapassando-a que se pode ampliar a sua experiência. Enfrentar os vigias do limiar é algo perigoso e que envolve riscos, no entanto, se o herói for corajoso e competente o perigo pode desaparecer. Se nesse momento de passagem, o herói for muito atrevido e extrapolar os limites impostos, ele pode ser destruído. Caso

contrário, ele vai libertando o ego e seguindo adiante. À medida que ele vence a força do limiar ele é jogado no desconhecido, ele passa para a esfera do renascimento. “O herói vai para dentro para nascer de novo” (idem, p.92), ou seja, ele passa por uma transformação ou renovação da vida.

Faria (2003) explicita que [...] o mito do herói pode ser entendido como uma tentativa coletiva de expressar o desenvolvimento do ego e da consciência, que tentava sair do plano inconsciente [a Grande Mãe] para uma inserção mais objetiva no mundo, criando uma consciência regida pelo arquétipo do pai com suas leis e regulamentos que deveriam ordenar as sociedades” (p.45). Noel (1998), acrescenta que a trajetória do herói inicia-se com o abandono da família e do que é familiar para a entrega ao desconhecido. Essa aventura se caracteriza por um confronto com aspectos inferiores da nossa psique.

Confrontando guardiões de portais ao iniciar sua jornada, esta pode implicar que ele ‘morra’ para alcançar a separação, de tal modo que a aventura ocorre no mundo inferior ou no domínio sobrenatural de terrores e maravilhas, deuses e demônios. Sua iniciação, requer que ele enfrente essas etapas como testes ou tarefas, e ele conta com ajuda de um mentor sábio ou de espíritos animais auxiliares para enfrentar suas lutas. No ponto mais baixo de seus padecimentos no mundo inferior, o Herói deve enfrentar o desafio supremo: matar o dragão ou apoderar-se do tesouro, resgatar a princesa ou localizar o prêmio. O Herói deve sacrificar os benefícios sobrenaturais de seu triunfo pessoal e voltar com seu elixir para o mundo dos mortos comuns. Essa volta é a verdadeira justificativa e a meta de toda a sua jornada: tanto o Herói como a sociedade necessitam de uma recuperação espiritual e ele deve trazer de volta a dádiva sagrada para seus semelhantes [...] (idem, p.197).

A tarefa do herói masculino é libertar a virgem que está nas garras do dragão, ou seja, ele deve libertar o Feminino do uróboro patriarcal. Neumann (2000) considera que esse herói Masculino que aparece de forma pessoal pela força psíquica do ego, conduz o Feminino (mulher ou *anima*) ao domínio do patriarcado-fase mental. “Uma vez que o inconsciente é, em termos junguianos clássicos, ‘maternal’, a luta do Herói é nascer e depois superar e abandonar a Grande Mãe do mito” (Noel, 1998, p.198). O autor ressalta que o herói Masculino se apresenta tanto como uma força interna, que ajuda a mulher nesse processo de libertação, quanto externa, que equivale a um homem real que assume o papel de libertar a consciência do domínio do inconsciente. Na verdade, ambos acontecem simultaneamente a partir do momento em que a mulher projeta o elemento masculino interior no homem externo com o qual se relaciona. Essa força masculina

que liberta, normalmente é encarada como externa, independente, forte e autônoma, embora seja uma mera projeção de conteúdos próprios que ela não reconhece como seus. A mulher não acredita que o seu ego possa realizar essa tarefa e por isso depende da ajuda do herói (Masculino arquetípico). Assim, pode-se concluir que “a sua libertação para a consciência está presa à pessoa do herói” (Neumann, 2000, p.30). Da segunda metade da vida para frente, a mulher pode ganhar mais autonomia e certa independência em relação ao parceiro externo porque ela consegue reconhecer que essa força masculina arquetípica (*animus*) é algo interior e que faz parte dela (integração do princípio masculino).

No momento de transição da fase do uróboro patriarcal para o patriarcado – batalha entre o herói e o dragão - o herói Masculino aparece como o principal protagonista do processo de desenvolvimento da consciência, que é baseado numa tensão entre os opostos (ego e inconsciente). No curso natural dessa evolução, a consciência pode ser formada, criando-se uma delimitação entre a esfera pessoal e impessoal (inconsciente). Neumann (2000, p.30) atenta para o fato de que “nesse confronto há uma desvalorização do Feminino arquetípico, o qual, do ponto de vista masculino, parece estar vinculado e identificado aos poderes do inconsciente”. Os valores masculinos são dominantes em relação ao Feminino, no processo de evolução da consciência, que é essencialmente patriarcal. Esse processo sofre influência da cultura ocidental que privilegia o sistema consciente independente com um ego masculino como centro, de forma a desconsiderar o inconsciente. “Uma cultura ‘patriarcal’ e seus valores estão em oposição aos valores e atitudes válidos para uma consciência ‘matriarcal’, que é, ela própria, uma forma ‘primária’ de toda consciência e cuja representante preferida é a mulher” (idem, p.31). O autor aponta que é perigoso colocar o Feminino arquetípico como algo ainda não desenvolvido e a consciência matriarcal como arcaica ou primária. Quando a mulher é subordinada ao patriarcado, seja ele mais primitivo ou mais moderno, o homem “torna-se para ela o representante da consciência e do desenvolvimento da consciência” (idem, p.32), assumindo um poder que vai fazer parte do “casamento patriarcal” e do lugar que a mulher pode ocupar.

A família e cultura patriarcal se orientam pela lógica do masculino que se reduz ao homem e do feminino que é igual à mulher. O processo de identificação do homem com o masculino, o ego, e o consciente, que culmina na repressão do

feminino é caracterizado por uma unilateralidade e polarização porque a pessoa luta para esconder a qualquer custo a sua própria natureza desviante. Vale explicitar que ao lançar mão do termo “casamento patriarcal”, Neumann (2000) se refere à projeção da anima na mulher e do animus no homem, de modo que a mulher torna-se totalmente feminina e o homem masculino porque o conteúdo projetado não é reconhecido como próprio.

[...] a simbiose cultural do casamento patriarcal atua de maneira muito menos favorável para o Feminino e as mulheres do que para o Masculino e os homens. Em virtude da circunstância de as mulheres serem compelidas a abraçar uma feminilidade inequívoca, enquanto os valores da consciência numa cultura patriarcal são masculinos, ela permanecem não desenvolvidas nesse âmbito e dependem da ajuda dos homens. Mas é por isso que os homens se consideram superiores e vêem as mulheres como inferiores (idem, pp. 35-36).

O autor aponta alguns efeitos negativos do patriarcado, ou mais especificamente do casamento patriarcal, para as mulheres e para o Feminino. Podemos começar pelo fato de que as mulheres não participam da cultura patriarcal à medida que são reduzidas ao campo feminino, que é tido como inferior. Por um lado, os homens desvalorizam o Feminino, mas por outro as mulheres acreditam em uma “inferioridade natural”. Neumann (2000) atenta para as conseqüências prejudiciais dessa situação para as crianças do sexo feminino que são obrigadas a aceitar os valores patriarcais que gerem o mundo ocidental e ainda sofrem com “a desvalorização do seu próprio Eu” (p. 36).

A fixação nesse nível é muito mais prejudicial à mulher que ao homem, porque vai contra o seu Self feminino. Ela perde completamente o contato com os valores matriarcais e vive como uma filha do patriarcado. Diferentemente da filha do Pai Espiritual, ela é diminuída, protegida, inferior. A perda oposta da alma é verdadeira para o homem no casamento patriarcal, mas, como os valores culturais são primariamente masculinos, ele não é reduzido, como a mulher. A sociedade como um todo também sofre quando é fixada nessa forma simbiótica do casamento patriarcal. Se a mulher permanece fiel à lei ou ao contrato do casamento patriarcal, ela está sacrificando o seu próprio desenvolvimento (Koltuv, 1997, pp.84-85).

Neumann (2000) afirma que ao transformar a mulher em uma prisioneira do patriarcado, no qual ela se encontra sob o poder do homem e do Masculino (Psicologia do *animus*), contribui-se para uma deteriorização, ao invés de um desenvolvimento criativo que incluiria um laço com o matriarcal, que é algo inerente ao Feminino e à mulher. No casamento patriarcal, a mulher ao projetar o seu *animus* no indivíduo do sexo masculino e se privar da sua vitalidade intelectual ou espiritual, pode regredir a estágios pré-patriarcais do desenvolvimento. As mulheres que

permanecem fixadas em estágios pré-patriarcais, isto é, elas retornam à Grande Mãe e se identificam com o arquétipo da mãe (presas no relacionamento primal como filhas eternas) ou regridem ao estágio do uróboro patriarcal retornando à imago do pai (filhas eternas do uróboro patriarcal), não chegam ao casamento patriarcal e nem à simbiose patriarcal. Vale dizer que o processo de individuação, no entanto, depende da superação da simbiose patriarcal e para isso é necessário primeiramente atingir esse estágio para poder superá-lo.

De acordo com Neumann (2000), o último estágio do desenvolvimento psicológico da mulher é chamado de fase de confrontação, que se trata de um encontro que envolve a participação total de dois indivíduos que se relacionam inteiramente. A mulher que se desaponta com o parceiro pessoal porque ele não corresponde individualmente, mas apenas coletivamente, às projeções alocadas nele, está um passo à frente no seu desenvolvimento emocional e espiritual. Ao se decepcionar, ela pode retirar as projeções e se voltar ao seu interior, que não mais tem relação com os homens reais, e experienciar algo novo que diz respeito ao relacionamento com um conteúdo transpessoal ou arquetípico. Nessa fase, a mulher sai da psicologia do patriarcado para a psicologia do Self, que é marcada pelo encontro e descoberta do Self Feminino. O autor alerta para a questão das doenças mentais das mulheres modernas, que a seu ver, estão relacionadas à exclusão do aspecto transpessoal (que nesse caso assume caráter negativo) em razão da hegemonia da psicologia patriarcal tradicional.

Na contemporaneidade, o relacionamento entre Masculino e Feminino, e homens e mulheres, assume novos paradigmas tanto no relacionamento entre os indivíduos de ambos os sexos, como do indivíduo do sexo masculino com o seu lado feminino interior (anima) e da mulher com o seu lado masculino inconsciente (animus). Tal mudança deve-se ao fato de que atualmente é possível uma maior conscientização. O verdadeiro relacionamento entre homem e mulher depende do encontro, que pressupõe a integração do lado oposto e sombrio de cada indivíduo, sem que haja a interferência da *persona*. Para Neumann (2000), os indivíduos que atingem a fase do encontro podem se deparar com dificuldades, porque normalmente essa fase coincide com o processo de individuação. A prevalência dos valores patriarcais atualmente pode estar ameaçada e em decadência, pois a partir do momento que o elemento contra-sexual de cada indivíduo (*anima* e *animus*) é

integrado à consciência, restabelece-se a totalidade ou a “bissexualidade primordial de cada indivíduo” (idem, p.55).

A assimilação do feminino é realmente um problema decisivo na individuação do homem, [...], pois a nossa cultura patriarcal não apenas não exige individuação, mas na verdade tende a rejeitá-la no indivíduo do sexo masculino. A assimilação do lado do animus arquetipicamente masculino da natureza da mulher, porém é outra história. Nos tempos modernos, a cultura patriarcal, que já não a oprime nem impede sua participação cultural, motiva a mulher, a partir da infância, a desenvolver o lado oposto de sua psique. Isto significa que as mulheres são forçadas a um certo grau de alienação do Self em nome do desenvolvimento consciente [...] A masculinidade e a feminilidade são, ambas, exigidas da mulher, ao passo que dele se exige apenas masculinidade (Neumann, 2000, p.56).

No trecho acima, o autor ressalta uma diferença importante que abrange dois âmbitos: o pessoal e o da cultura. A mulher é impelida culturalmente a superdesenvolver o seu *animus*; no entanto, ao fazê-lo acaba se distanciando ou até se perdendo do seu Self que é feminino, o que gera uma sensação de alienação de si mesma em decorrência da conscientização, uma vez que a cultura patriarcal segue o sentido oposto do seu Self. O homem, por outro lado, não é reforçado a desenvolver o seu lado feminino, uma vez que os valores culturais patriarcais são identificados com aspectos masculinos. Koltuv (1997) sintetiza bem o papel das forças masculinas e femininas, na passagem a seguir: “para ambos os sexos, o masculino dá início ao surgimento da consciência, a partir da inconsciência primária (relacionamento primal), enquanto que o feminino dá início ao acabamento da consciência” (p.84). O que a autora denomina por acabamento está relacionado ao movimento de renúncia da fase patriarcal de formação da consciência, rumo à totalidade que inclui os aspectos Femininos e Masculinos. Neumann (2000), acrescenta que o que move a mulher no sentido de encontrar-se em si mesma, sua natureza feminina, é o seu Self, ou totalidade da sua psique, enquanto que no caso do homem, é a anima a responsável. Mas a anima nesse processo acaba também contribuindo para que o homem se desprenda da sua identidade masculina e assim caminhe rumo à totalidade.

No processo de individuação da mulher e de transformação, que ocorre a partir da segunda metade da vida, ela pode experienciar de outra forma o lado arquetípico masculino que anteriormente se manifestava por meio da projeção na figura do herói ou do uróboro patriarcal. A mulher pode se reconectar à grande Mãe, e ao relacionamento primal com a mesma, de forma elevada e diferente (ego da

mulher se liga ao Self Feminino). Ela “alcança uma renovação interior, uma forma de fecundidade emocional e espiritual especificamente sua, e da mais elevada experiência que ela pode ter da totalidade da psique” (Neumann, 2000, p.63). Ela pode se desprender dos valores patriarcais, masculinos e estranhos a sua natureza, e mergulhar em uma experiência transpessoal e espiritual no sentido da sua própria autenticidade.

## CAPÍTULO 5 – O MEDO DO FEMININO POR PARTE DO HOMEM E DA MULHER

O relacionamento primal com a mãe equivale àquele período no qual o bebê depende totalmente dela, que tem a incumbência de supri-lo tanto emocionalmente, proporcionando uma sensação de proteção, cuidado e carinho quanto nas suas necessidades fisiológicas como alimentação e calor. Nesse estágio, o bebê vive contido na mãe, isto é, ele vive “dentro” da mãe, embora estejamos nos referindo a uma vida extra-uterina. A mãe suficientemente boa que cumpre com esse papel de forma satisfatória, recebe uma conotação positiva. “A mãe do relacionamento primal, como aquela que engloba, contém, e dirige a vida, é ao mesmo tempo Mundo e eu numa só” (Neumann, 2000, p.222). O relacionamento primal com o Feminino, tem como figura principal a mãe que proporciona uma sensação inicial de segurança ao bebê, imprescindível para o desenvolvimento do ego. Assim sendo, na ausência dessa figura feminina, que é encarada como “base” para o desenvolvimento, o medo no bebê pode surgir. No relacionamento primal em que a mãe e o bebê são uma unidade indiscriminada, o bebê “espera” que a mãe remova o seu medo (insegurança), tanto de conteúdos externos como internos e inconscientes, e se isso não acontece, ela será experienciada como a Mãe Terrível, em seu aspecto negativo. Além disso, podemos nos referir a uma mãe suficientemente boa, porque mesmo que ela desempenhe plenamente o seu papel, sempre faltará algo e é importante que isso aconteça para que a criança possa se desenvolver. No entanto, ao não suprir em absoluto as demandas do bebê ela adquire uma conotação de mãe negativa. Neumann (2000) considera que como essa fase é determinada pela mãe, trata-se de uma fase matriarcal, regida pelo arquétipo da grande mãe e desempenhada pela mãe pessoal.

No relacionamento primal, a mãe representa o Eu da criança, já que ela é a responsável por amenizar a ansiedade da criança originada pela experiência dos opostos (a saciedade se altera com a sensação de fome gerando ansiedade pela presença do aspecto negativo). Ao final do primeiro ano de vida, a criança começa a ter mais autonomia e independência e para que possa passar para o próximo estágio do desenvolvimento ela precisa de um ego heróico, que é regido por uma

força arquetípica que impulsiona o ego a abandonar a segurança do conhecido rumo ao desconhecido. Desse modo, o arquétipo dominante anteriormente é constelado de forma que o seu lado negativo aparece.

Esta constelação, na qual o medo do feminino normalmente aparece como medo da Mãe Terrível, a bruxa, é válido para crianças de ambos os sexos, pois o progresso da fase matriarcal para a patriarcal é uma necessidade específica da espécie para o desenvolvimento do ego e da consciência, pelo menos na medida em que podemos julgar hoje em dia. A mãe que provoca medo aparece aqui como “terrível”, porque representa o elemento que ‘reprime’ ou ‘detém’, que dificulta o desenvolvimento necessário e agora ‘devido’. Este ‘caráter terrível’ é arquetípico, isto é, até mesmo independente do comportamento correto da mãe pessoal (Neumann, 2000, p.229).

O desenvolvimento do ego segue de baixo, das profundezas do inconsciente, para cima, para a superfície iluminada da consciência. Portanto, o dinamismo matriarcal deve ser superado, e por ter de ser deixado para trás ele pode assumir uma conotação de “inferior, infantil, e arcaico, mas também o abissal e o caótico” (Neumann, 2000, p.231) que são aspectos ligados ao feminino. O autor atenta para o fato de que esse feminino é tido como devorador ou terrível, e portanto, simboliza estagnação, morte, mas ao mesmo tempo tem um aspecto que seduz e fascina a pessoa a regredir ou voltar para trás. Whitmont (2008, p.155) atesta que o feminino não deve ser considerado primitivo porque ele também é fonte de experiência humana, já que está atrelado ao dinamismo matriarcal que engloba todas as potencialidades e os opostos, como dito anteriormente. O Feminino é o não-humano e o não-espiritual e por isso ele tende a ser desvalorizado.

Para o homem, o Feminino adquire caráter transformador que impulsiona a mudança tanto boa como má. Segundo Neumann (2000), esse aspecto transformador do Feminino é vivido de forma elementar na sua positividade na figura da *anima*. No entanto, esse “outro” desconhecido também pode apresentar perigos como prender o indivíduo ou fixá-lo numa dependência infantil, que implica no não desenvolvimento da autonomia e independência. O autor atenta para o fato de que em ambos os sexos, o caráter transformador do elemento materno se sobressai e “uma das tarefas da batalha do herói é extrair e libertar o Feminino como um ‘tu’ autônomo e independente da dominação da mãe no relacionamento primal” (idem, p.243). O herói tem como objetivo libertar a anima, o Feminino, em seu caráter transformador da mãe que é tida como aquela que retém e assim dificulta o desenvolvimento. No processo do homem /herói em relação ao Feminino podem

surgir dois medos: o primeiro que é o medo da mãe, que é mais precoce e profundo, e o outro que é o medo da alma, a representante da transformação, que possibilita maior adaptabilidade. A fixação na mãe dificulta o relacionamento com um parceiro ou o sucesso profissional, já que implica em uma falta de autonomia. “A alma é o lado da psique masculina associado ao Feminino que atrai o homem à aventura, à conquista do novo. Mas está também associado negativamente a tudo aquilo que significa ilusão e desilusão, e, de fato, como loucura significa um perigo real” (idem, p.244). O homem tem que enfrentar o perigo que está incluído na transformação para se desenvolver. A cultura patriarcal reforça o medo que gera a repressão do Feminino principalmente no que diz respeito ao seu processo criativo, associado ao seu caráter transformador, a fim de garantir a estabilidade da cultura e do patriarcado. Como consequência, o mundo ocidental adoece e as pessoas tem o seu desenvolvimento bloqueado.

Toda uma ideologia do patriarcado que fundamentalmente concebe o Feminino como ‘Feminino negativo’ é coletivamente parte integrante desta posição defensiva, na qual o homem resiste ao caráter transformador do Feminino – isto é, se defende da necessidade da própria transformação. Nesta ideologia patriarcal, o homem se identifica com o ‘acima’, com o céu, com o espírito, isto é, com o arquétipo do Pai. Esta identificação é compreensível: realmente, parece inevitável quando recordamos que o desenvolvimento heróico-patriarcal do ego é um desenvolvimento que se faz por ascensão e deve ser orientado para o arquétipo do Pai. [...] Conseqüentemente, a desvalorização do Feminino deve ser entendida como uma tentativa de superação do medo do Feminino e de seu aspecto perigoso como a Grande Mãe e como a alma (Neumann, 2000, p.252).

No patriarcado, o Feminino negativo, que o homem associa à mulher, está relacionado à natureza, ao instinto, à terra e ao inconsciente (irracional). O autor ressalta que essa associação é uma atitude defensiva e de desprezo por parte dos homens, uma vez que se trata de aspectos tidos como negativos ou desprovidos de valor. Nesse sentido, o feminino pode ser encarado pelo homem como aquele que ameaça a estabilidade da existência ou como aquele que prende à terra, impedindo um possível salto espiritual. Na visão de Whitmont (2008), o medo da alma apresenta-se como um problema para o mundo contemporâneo porque com a repressão do feminino e das mulheres surgiu uma tendência à masculinização que levou à atribuição de papéis muito tradicionais às mulheres (tarefas domésticas e cuidados da prole), identificadas ao princípio feminino.

“A ideologia patriarcal está baseada em se manter a *anima* inconsciente, e em um conflito no qual o Feminino e a mulher são experienciados não como uma unidade, mas como dois pólos opostos” (idem, p.253). Essa unilateralidade patriarcal faz com que o homem seja dominado ou atacado pela sua contraparte feminina reprimida e não atinja um nível mais desenvolvido, no qual seria possível a integração dos opostos. O indivíduo patriarcal do sexo masculino impede um contato com o Feminino interior no relacionamento com uma mulher. De acordo com Neumann (2000) o mundo patriarcal encontra-se em crise, já que o Feminino permanece não-desenvolvido e “inacessado”.

No caso da mulher, o mesmo relacionamento primal com a mãe que provê segurança e proteção ao bebê se faz necessário. Quando o relacionamento com a mãe é positivo, os medos naturais da menina são aplacados e ela deve passar pelo processo de evolução da consciência matriarcal para a patriarcal, assim como o menino. O seu ego heróico deve romper os laços com a Grande mãe para que ela possa ingressar no patriarcado.

Ela tem de aprender; ela tem de desenvolver a vontade e a consciência; e hoje, quase como um homem, deve alcançar uma independência que, além de um relacionamento com um parceiro, e da fundação de uma família, a leva também à adaptação à cultura por meio da realização de um papel profissional (Neumann, 2000, p.255).

A menina pode apresentar um medo do Masculino que dificulta a passagem da fase matriarcal para a patriarcal. O autor em questão atenta para diferenças no desenvolvimento da mulher e do homem: “...ao se separar da mãe e passar a fazer parte do mundo do pai, o menino ‘alcança o próprio potencial, porque o Eu representado pelo arquétipo do pai é do mesmo gênero que ele’”. A menina, por outro lado, mantém uma maior proximidade entre ego e Self e consciente e inconsciente que estão conectados à natureza, após a separação da mãe. Pode-se supor que a ligação da menina com a fase matriarcal, que é regida pelo arquétipo da mãe, coloca empecilhos para a sua separação em relação à mãe. Entretanto, manter-se na fase matriarcal não chega a ser algo anormal, porque ela se manterá conectada à sua essência, embora mais distante do mundo patriarcal, reforçando o medo que se tem dele. Isso pode gerar um conflito interno, porque há uma tendência que a puxa para fixação na fase matriarcal (reforçada pelo medo do Masculino), com a qual ela está mais vinculada, e outra que a obriga a se desprender e avançar rumo

à formação do ego e a diferenciação da fase patriarcal. A mãe assume então o seu caráter negativo, é vista como bruxa, que quer impedir o crescimento e o desenvolvimento. Porém, de forma distinta do homem, a mãe tende a prender mais a filha e instaurar nela um sentimento de culpa, à medida que ela alega que a filha que não está sendo fiel e trai a sua essência ao se render ao mundo patriarcal. No caso da mulher é o Self feminino que impulsiona o ego para frente e que força a separação da mãe.

A derrota da bruxa matriarcal e a transição para o patriarcado e seus valores leva à identificação parcial da menina com seu lado masculino, do 'animus', que deve ser desenvolvido. Esta identificação traz inevitavelmente consigo o perigo de que a menina ficará perdida no masculino. [...] Esta modalidade de se perder no âmbito masculino representa o perigo da masculinização sob a forma de desenvolvimento de uma pseudo masculinidade, na qual a mulher corre o risco de perder a sua feminilidade essencial (Neumann, 2000, p.258).

É certo que a cultura patriarcal impõe uma dificuldade para a mulher contemporânea, que é a de equilibrar aspectos masculinos dominantes na cultura sem deixar de lado a sua essência feminina. Outro problema recorrente é quando a mãe pessoal e o mundo Feminino perdem a amarração com o território matriarcal. O Feminino adquire caráter negativo no patriarcal o que faz com a mulher-mãe fique insegura com relação à sua própria feminilidade. Assim, a mãe negativa aparece como aquela que supervaloriza o Masculino e o filho e desvaloriza o Feminino e a filha atrapalhando o desenvolvimento da mesma. O autor reflete que o medo do Masculino pode ser originado do medo que as mulheres apresentam de se alienarem de si mesmas. Todavia, o que acontece, como única alternativa viável, é que elas acabam se livrando da sua feminilidade e transformando-se em um ser quase masculino para sobreviverem especialmente em um mundo onde “está ausente a figura do feminino arquetípico como divindade e encarnação do Self feminino” (idem, p.259).

No entanto, há algo que ajuda que a mulher não se perca de vez no patriarcado, que é a sua natureza feminina (ex. menstruação, gravidez e parto). “Esta situação existencial produz uma conexão com o Feminino arquetípico como Grande Mãe e como Self” (Neumann, 2000, p. 260). Contudo, a mulher também pode experienciar um medo tremendo da natureza feminina e dela própria. Principalmente, na segunda metade da vida, a mulher pode apresentar um medo do Feminino, porque o seu processo de individuação e descoberta do Self depende

também da libertação da dominação do Masculino arquetípico e da mentalidade patriarcal e de seus valores. Quando a mulher teve um casamento patriarcal, que se baseia na unilateralidade, a tendência de apresentar dificuldades para a descoberta do Feminino na mulher pode acarretar crises matrimoniais. O medo depende do processo de integração de algo estranho ao ego e que até então não era percebido e reconhecido como pertencente àquela pessoa. Assim sendo, é extremamente importante que as mulheres possam perder o medo que elas sentem do Feminino e integrá-lo à consciência juntamente com o aspecto Masculino.

Experienciar a si mesma como tão fundamentalmente diferente dos valores patriarcais dominantes compreensivelmente enche a mulher de medo, até ela chegar ao ponto no seu próprio desenvolvimento em que, por meio da experiência e do amor que liga os opostos, consegue ver com clareza a totalidade da humanidade como uma unidade dos aspectos masculinos e femininos do Self (Neumann, 2000, p.262).

Woolger e Woolger (1997) apontam que a civilização ocidental patriarcal acabou valorizando unilateralmente o arquétipo do Pai em detrimento do arquétipo da Mãe. “Em nossa reverência exclusiva ao princípio paterno, em que suprimimos ou menosprezamos o feminino, acabamos provocando graves danos à nossa saúde psíquica individual e coletiva. Isso sem mencionar a saúde física de nosso corpo e a do próprio planeta Terra” (p.21). Entretanto, pode-se perceber que a supremacia do patriarcado está apresentando sintomas de uma possível falência espiritual, tanto no âmbito cultural (literatura, artes) como político, e sinais de um ressurgimento da consciência matriarcal e do feminino. O caminho a ser almejado deveria ser o da alteridade, que implica na reaproximação e na integração dos opostos (matriarcal e patriarcal; feminino e masculino) que produzirá uma nova união masculino-feminina, diferente daquela mistura indiscriminada característica do dinamismo matriarcal (Faria, 2003). Em suma, resgatar o Feminino sombrio na contemporaneidade não significa retornar ao tempo da Grande Mãe – fase matriarcal.

“O destino de uma mulher é ser mulher”.

Clarice Lispector, escritora brasileira

## DISCUSSÃO

Ao longo desse trabalho, nos capítulos teóricos, foram apresentadas diferentes perspectivas a respeito do tema da feminilidade no âmbito individual e coletivo. Na discussão faremos uma inter-relação entre os capítulos teóricos a fim de refletirmos acerca da desvalorização do feminino ao longo da história objetiva e do desenvolvimento psicológico.

Segundo uma perspectiva histórica e sociológica vimos que as sociedades primitivas eram organizadas segundo uma lógica matriarcal, na qual homens e mulheres ainda eram considerados iguais, embora a mulher, pela sua forte ligação com a natureza, fosse a principal figura desse momento histórico. A garantia da subsistência dos seres humanos estava atrelada à natureza e por isso era necessária uma relação harmônica com a mesma. No período Pré-Histórico, algumas pequenas organizações sociais não eram marcadas pela diferenciação e singularização das famílias, já que todas as mulheres da comunidade eram mães e os homens eram pais das crianças que lá moravam. Ao longo do tempo, a relação de submissão do ser humano às leis da natureza foi se invertendo. À medida que a caça começou a ser praticada iniciou-se um movimento de distanciamento e dominação da natureza, que se intensificou nas sociedades agrícolas. O sistema produtivo passou a influenciar as diferenças entre os gêneros, pois aos homens eram atribuídas tarefas que exigiam mais força física, como a caça e a agricultura pesada, utilizando instrumentos como o arado, por exemplo, que conseqüentemente eram mais valorizadas. Ao passo que as mulheres ficavam responsáveis pela coleta, que era uma tarefa que exigia menos intervenções na natureza. Estereótipos de gênero (masculino e feminino) que enfatizam o homem como livre e dominador do âmbito público e a mulher como delicada e submissa aos afetos e ao cuidado do marido e dos filhos, foram reforçados pelos sistemas religiosos, morais e legais nas sociedades agrárias.

Com o advento da linguagem escrita inicia-se um novo momento histórico, o patriarcado sociológico, que é caracterizado por uma dominação masculina. O pensamento mágico-religioso (matriarcal) foi substituído pela

racionalidade científica (patriarcal). Os indivíduos perceberam a participação masculina na reprodução, a partir do desenvolvimento da memória e da observação dos animais domesticados. Iniciou-se assim, o controle da sexualidade feminina que resultou na sensação de poder e superioridade em relação às mulheres, que até então eram vistas como ameaçadoras por seu aspecto enigmático ligado ao seu poder de gerar vida em seu corpo (menstruação, gravidez e amamentação). O homem dominou integralmente o espaço público em razão da sua participação efetiva no sustento familiar, o que reforçou a inferioridade e dependência da mulher. Conseqüentemente, esta foi aprisionada no espaço privado, sem que pudesse ter direito à educação, política, participação econômica e jurídica. O período de caça às bruxas iniciou-se como repressão àquelas mulheres que se destacaram de alguma forma, seja pelos conhecimentos relativos à saúde, por terem uma sexualidade autônoma ou por serem viúvas com bens, vulneráveis, portanto.

Faria (2003) reflete a respeito das razões que levaram a mulher a receber atribuições negativas que contribuíram para a superioridade masculina e ao mesmo tempo o medo que as mulheres causavam nos homens no período de transição da consciência matriarcal para a patriarcal:

[...] a tentativa que os homens dessa época faziam era afirmar a consciência como separada do inconsciente e da natureza, a fim de que pudessem dominá-los. Mas, nessa tentativa, equipararam a dinâmica devoradora do inconsciente, com seus impulsos assassinos e incestuosos, à mulher, numa projeção coletiva que durou milhares de anos. Por essa razão, os grupos armados afirmaram a superioridade masculina, e as mulheres passaram a ser vistas como bens decorrentes das conquistas guerreiras, ao lado das riquezas obtidas. Na lógica do patriarcado, portanto, a mulher foi identificada ao aspecto negativo da Grande Mãe, contra o qual o masculino tinha que se contrapor a qualquer custo, pois o contato com ela levava à luxúria, à fraqueza dos instintos e aos impulsos irracionais (p.45).

O capitalismo também teve a sua participação na desvalorização da mulher, à medida que não reconheceu a mulher como um ser autônomo e de direitos. As mulheres foram perseguidas e tiveram que se submeter ao mundo masculino e reprimir aspectos ligados ao feminino. “Permanecer presa ao estereótipo da dona-de-casa maternal dócil e amorosa que é incapaz de pensar por si própria significa a morte da personalidade real” (Whitmont, 2008, p. 189). Surgem então, as lutas feministas que buscavam a supressão do patriarcado e a dominação masculina que negava e discriminava as mulheres. O primeiro recurso foi a luta pelo sufrágio universal seguida da busca pela igualdade de direitos.

Toda a trama histórica foi marcada por essa dinâmica de dominação que deve ser levada em consideração quando se conta a história das mulheres, que passaram por um movimento de ir e vir (lutas e resistências) que não possui uma linearidade progressiva ou uma cronologia de fatos.

[...] Os limites entre o público e privado foram mais explicitados com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para os sexos. A representação do lar, da família, em termos naturais, e da esfera pública, ao contrário como instância histórica, foi uma herança vitoriana da qual emerge o dualismo público/privado, reafirmando o privado como espaço da mulher, ao destacar a maternidade como necessidade e o espaço privado como *locus* da realização das potencialidades femininas (Matos, 2000, p.20).

Na busca pela igualdade de gênero, as feministas “desfeminilizaram-se” e desvalorizaram-se como mulheres. Atualmente, a dicotomia público/ privado, foi parcialmente superada, pois apesar das mulheres estarem participando mais do âmbito público (mercado de trabalho), no imaginário social ainda prevalecem as atribuições tradicionais de papéis. Segundo Muraro (1997), a mulher continua ligada aos valores de solidariedade e partilha que predominavam nas culturas mais primitivas, embora ela esteja no mundo patriarcal. No domínio público, no qual quem não compete é excluído, as características femininas como a intuição, emoção e cuidado não são valorizadas como no âmbito privado.

Do ponto de vista psicológico, a evolução da consciência individual e coletiva é marcada por dinamismos que diferem da história concreta de fatos e períodos, mas repete de certa forma a história evolutiva da humanidade. Por exemplo, as crianças são regidas psiquicamente por um dinamismo semelhante aos das sociedades primitivas. Assim sendo é possível fazer um paralelo entre esses dois olhares.

O dinamismo matriarcal, regido pelo arquétipo da Grande Mãe, é definido como um momento no qual os opostos (consciente e inconsciente, masculino-feminino, eu-outro) estão indiferenciados. Esse dinamismo é marcado por uma proximidade à natureza, e conseqüentemente ao feminino ao qual está atrelado. O dinamismo matriarcal pode ser associado às sociedades matrilineares/primitivas, nas quais ainda não havia a dominação da natureza por parte dos seres humanos. Além disso, nessas sociedades as famílias não estavam segregadas e a noção de eu-outro (mãe-filho) também não eram pessoais, mas coletivas e baseadas no grupo (o filho pertence a todas as mulheres da comunidade). A fase mitológica do

desenvolvimento da consciência, concebida por Whitmont (1991), é um momento de transição de um todo indiferenciado (fase matriarcal) para a polarização (fase patriarcal). Nesse processo, predominam-se aspectos masculinos e patriarcais de auto-controle e desvalorizam-se o feminino sombrio e matriarcal que é marcado pelos impulsos naturais, emoções e desejos. A mulher é identificada ao dinamismo matriarcal pela sua ligação com a natureza e o homem, por outro lado, é associado ao dinamismo patriarcal porque o caráter divisível e segregador deste é masculino. No entanto, a identidade tanto do homem como da mulher deveria combinar os dois dinamismos.

Seguindo os acontecimentos históricos, a criação da linguagem escrita é um dos principais marcos do dinamismo patriarcal da consciência coletiva, pois a consciência passou a funcionar de forma abstrata, viabilizando a comunicação entre gerações. No fim Idade Média (Renascença) -dinamismo patriarcal - o físico e racional (ciência) eram completamente separados do divino e espiritual (normalmente associado à religião). O dinamismo patriarcal é assimétrico e hierarquizante, interferindo diretamente na relação de supremacia dos homens e desvalorização das mulheres e do feminino. Os valores eram transmitidos pelos homens, uma vez que a cultura patriarcal estava associada aos indivíduos do sexo masculino. A civilização ocidental foi ofuscada pelo arquétipo do Pai pela exclusão do arquétipo da Grande Mãe, já que o dinamismo matriarcal teve que ser deixado para trás para que a consciência pudesse emergir. Porém, apesar da dominância do patriarcal, a consciência matriarcal continua agindo na psique dos homens modernos, de modo inconsciente. O dinamismo matriarcal está atrelado ao feminino e assume caráter arcaico e primitivo, mas na verdade ele é fonte de todas as potencialidades humanas e deveria ser valorizado.

A mulher tem que fazer um sacrifício de perder o seu poder feminino (inconsciente) para tornar-se consciente. Na sua inconsciência, atrelada ao dinamismo matriarcal, ela exerce um poder mágico sobre o homem e por medo de perder esse poder ela se opõe à conscientização. Desse modo, muitas mulheres permanecem na inconsciência só para não ter que fazer esse sacrifício, o que pode ser reforçado pela atitude de alguns homens de impedir essa passagem da inconsciência para a consciência, já que uma mulher consciente incomoda.

Assim como o dinamismo matriarcal foi subjugado em relação ao patriarcal, o princípio feminino, de forma secundária, também foi desvalorizado em relação ao masculino. O arquétipo da *anima* (aspecto feminino interior do homem) e do *animus* (aspecto masculino interior da mulher) se manifestam inicialmente via projeção, porque é um conteúdo que os indivíduos não reconhecem como sendo seu. O animus positivo propicia a discriminação, capacidade de se colocar, julgar e observar com imparcialidade, ter raciocínio lógico, claro e objetivo se as mulheres puderem interagir com ele e integrá-lo à consciência. Só é possível vivenciar o *animus* na sua positividade se elas retirarem as projeções alocadas nos homens com os quais elas se relacionam. Porém, a mulher quando rejeita o *animus* pode acabar sendo dominada por ele: “(...) o animus negativo tem o poder de ‘enfeitiçar’ a mulher, fazendo com que ela se aproprie de seus pensamentos destrutivos como se fossem dela” (Menin, Loureiro e Moraes, 2007, p.64). Ao ficar tomada pelo *animus* a mulher se transforma nele e perde o contato com a sua feminilidade (sua *persona* feminina), já que uma função inferior (*animus*) brota para fora de forma avassaladora. Somente quando a mulher e o homem se diferenciam do *animus* e *anima* respectivamente, aquilo que era ameaçador se transforma em energia criativa e auxilia no processo de individuação. À medida que a mulher combate o animus negativo, que a impede de perceber o seu potencial, ela se liberta dele fortalecendo-se e amadurecendo. Atualmente, o *animus* é muito mais aceito que a *anima* e as mulheres são valorizadas por serem assertivas, guerreiras e corajosas. Emma Jung (2006) escreve que este tipo de mulher tem um *animus* que atua de forma harmônica com a sua feminilidade. Há também aquela mulher que possui uma postura masculina que sufoca a feminina; que é o caso de mulheres muito ativas e até mesmo violentas (‘mulheres-homens superenergéticas’) cujo comportamento é excessivamente masculino e quase nada feminino. Em outras, a masculinidade aparece via erotismo que adquire caráter agressivo. O conflito com o masculino (*animus*) possibilita o questionamento sobre o estado de dominação e repressão do feminino. Na passagem a seguir a autora aborda essa questão:

Aprender a valorizar e acentuar os valores femininos é a condição prévia para que nós como *nós mesmas* possamos resistir ao poderoso princípio masculino em seus dois aspectos, interno e externo, que quando consegue o domínio absoluto ameaça o campo primordialmente próprio da mulher, a área em que ela pode produzir o que tem de mais próprio e melhor, colocando em perigo sua própria vida. (ibid, p.54)

“Se está acostumado a encarar o gênero masculino em si mesmo como algo de maior valor, superior ao feminino, de tal forma que se acredita que uma postura masculino-dogmática seria [...] melhor que uma feminina-pessoal” (Emma Jung, 2006, p.35). Configurou-se historicamente um culto ao homem e a supervalorização do masculino que dominou o feminino. Dessa forma, o homem tem que descer do pedestal - posição de superioridade - para vencer as suas resistências à *anima*. Em contrapartida, a mulher sempre conviveu com o fato do masculino adquirir mais valor do que o feminino, o que só acentua o poder do *animus*. A mulher tem dificuldade em sacrificar o aspecto superior (*animus*) para aceitar um inferior, desvalorizado, ilógico, passivo e fraco, que é o feminino.

A entrada da mulher no âmbito público (mercado de trabalho, política, educação), impulsionada principalmente pelas conquistas feministas do século XX, que visavam a igualdade de direitos, contribuiu para que a mulher ficasse possuída pelo *animus* e se desfeminizasse à medida que teve que se submeter e se adaptar ao mundo patriarcal, que valoriza um modelo de atributos masculinos (Salla, 2005). O movimento feminista propiciou uma maior diversidade e flexibilidade ampliando as possibilidades de escolha, mas ele foi muito patriarcal, uma vez que as mulheres tinham que se adequar, participar e se identificar com os valores do mundo masculino subestimando a sua essência feminina. “(...) Talvez não haja nenhum padrão arquetípico disponível na cultura cristã ocidental (...) que torne certos tipos de mulheres capazes de encontrar sua verdadeira individualidade em termos de sua feminilidade” (Whitmont, 2008, p.190). Isso resultou em um problema para a individuação feminina.

Os padrões culturais masculinos e femininos estão sendo questionados atualmente. “O que é ser homem?” e “o que é ser mulher?”, são perguntas que estão relacionadas às mudanças de papéis e funções sociais. Alguns padrões são rompidos diariamente, enquanto outros permanecem intransigentes por séculos às novas demandas que se criam.

[...] A mulher aprendeu a reconhecer que não pode ser igual ao homem, que ela antes de mais nada é mulher e deve sê-lo. Permanece entretanto o fato de que uma determinada quantidade de espírito masculino amadureceu na consciência das mulheres e deve encontrar em suas personalidades seu lugar e sua atuação. Conhecer estas grandezas, ordená-las para que possam agir adequadamente é uma parte importante do problema do *animus*. (Emma Jung, 1991, p.19)

A mulher lutou pela igualdade de direitos, mas se esqueceu da sua especificidade. Conquistou maior liberdade e autonomia enquanto uma cidadã, porém o espaço para o feminino enquanto princípio ainda é desvalorizado pela sociedade e pelas mulheres.

O patriarcado tem função de propiciar o desenvolvimento da consciência por meio da quebra da inércia presente no padrão inconsciente, momento pré-egóico, normalmente associado ao feminino. Esse feminino, encarado como o dragão a ser vencido pelo herói, pode causar medo pelo fato dele impedir “a expansão da consciência e o desenvolvimento do ego e da cultura” (Menin, Loureiro e Moraes, 2007, p. 67).

A consciência patriarcal trouxe um ganho negável para a cultura, que está ligado à possibilidade de dominação da natureza - dominação esta que está levando à destruição da vida no planeta - e dos impulsos e invasões do inconsciente, imprescindíveis para a construção de um mundo civilizado. Contudo, a consciência foi se distanciando em demasia das suas fontes arquetípicas “revelando-se insatisfatória para construir padrões vitais que respeitassem a característica globalizante do Self e da vida: criou um mundo mediante a opressão do feminino, reprimido e excluído pelo fim do ciclo matriarcal” ( Faria, 2003, p. 50). Segundo Koltuv (1997), no nível individual, as facetas desprezadas e rejeitadas do arquétipo feminino ficam alocadas na sombra. No plano cultural o lado feminino também fica redimido. Os recursos mágicos, mitológicos e femininos foram abandonados há milhares de anos e devem ser recuperados pela consciência. De acordo com Neumann (2000), as culturas patriarcais judaico-cristãs, muçulmanas e hinduístas, reconheceram as mulheres e o Feminino como um mal que deveria ser exterminado e suprimido, mas a crença de que o Homem e as sociedades não podem viver sem a mulher, principalmente para a reprodução, contribuiu para que esse ‘mal’ não fosse totalmente eliminado, embora seja controlado e reprimido.

A cultura ocidental, que engloba a arte, a indústria, o comércio, a ciência, é tipicamente masculina e foi criada por homens e para os homens. Todavia, se pensarmos na complementaridade das experiências femininas e masculinas no trabalho, no sentido de que a mulher poderia trazer de forma singular um olhar e soluções para os problemas diferentes (um saber-fazer peculiar) daquelas já

apresentadas pelos homens, o benefício seria muito maior para ambos. Quando se trabalha de forma relacional e os dois gêneros num mesmo patamar (alteridade), é possível descobrir ou descortinar aquilo que estava ainda desconhecido, submerso ou inatingível, que no caso é a mulher e o feminino.

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinados. [...] (Matos, 2000, p.16).

A mulher não reconhece ou tem consciência do poder do feminino que acaba ficando contido na sua sombra. Dessa forma, quando ele surge de modo inconsciente (atuação) ele entra em confronto com o poder do homem que é dominante. Assim sendo, é importante que se estabeleça uma relação simétrica e de cooperação entre homem e mulher, *anima* e *animus*.

Como vimos, o desenvolvimento psicológico da mulher proposto por Neumann (2000) é marcado por algumas fases. A primeira fase é a urobórica, que tem como base o arquétipo materno, e que se caracteriza por uma indiscriminação entre os opostos, incluindo no âmbito individual a relação primal mãe-bebê na qual ambos estão fusionados, e no âmbito coletivo os indivíduos que ainda estão contidos no grupo (eles são o grupo). Vale atentar para uma diferença entre os gêneros nessa fase. O indivíduo do sexo masculino tem que se desprender do relacionamento primal, no qual ele se vê como diferente da mãe, com uma atitude objetiva para poder formar a sua identidade masculina e não se tornar alienado de si mesmo. O seu ego heróico vai ajudá-lo nessa jornada de negar a Mãe (matriarcal) para seguir rumo à cultura, na qual ele pode se encontrar, ou seja, ele tem que matar a Mãe para se desenvolver (esse processo o autor chama de dinâmica de oposição). Na menina, por outro lado, o processo é diferente porque a identificação com a mãe do relacionamento primal deve se manter mesmo que ela realize seu potencial como mulher, isto é, o seu desenvolvimento deve seguir em parceria e na relação com o inconsciente.

Quando a mulher se fixa no relacionamento primal, ela pode não se desenvolver plenamente como mulher e ser um pouco imatura, porém ela não se alienará de si mesma, porque a mãe, como representante do feminino, possibilita no relacionamento primal que a filha descubra que o seu Self também é feminino. Vale

ressaltar, porém, que mulher que permanece no relacionamento primal acaba não experienciando o masculino e conseqüentemente se distancia dos homens.

Outra fase do desenvolvimento psíquico da mulher, é chamada de invasão do uróboro patriarcal que é vivenciada por ela como algo amedrontador porque trata-se de uma irrupção do masculino desconhecido, avassalador e informe. Como fruto desse movimento, a mulher se sente pequena, inadequada e inferiorizada. Uma relação negativa com o uróboro patriarcal acontece quando ela fica presa nele sem assimilar conteúdos. A fixação nessa fase pode fazer com que ela se desligue do seu corpo, do feminino e da realidade. Torna-se alienada de si mesma e refém dos poderes masculinos.

Segundo Neumamm (2000), o herói é a principal figura que conduz a mulher do uróboro patriarcal para o patriarcado, isto é, ele proporciona para o feminino o desenvolvimento do ego e da consciência pela saída do dinamismo matriarcal, inconsciente, e inserção no mundo patriarcal regido pelo arquétipo do Pai. No mito do herói, ele luta para nascer, superar e abandonar a mãe e o maternal (inconsciente); a mulher depende do herói masculino para realizar essa tarefa porque é ele quem libera o feminino aprisionado e propõe transformação. O ego heróico nesse movimento percebe o mundo matriarcal como proibido, e para progredir ele tem que romper os laços e matar a Mãe, o que pode gerar um sentimento de culpa que se for conscientizado, principalmente com o auxílio de uma mãe boa que impulsiona a separação e o desenvolvimento do ego (a não estagnação), ele pode ser superado.

A mulher que combate o pai continua tendo a possibilidade da vida instintivo-feminina, pois só rejeita o que lhe é estranho. Mas quando combate a mãe, ela pode atingir uma consciência mais elevada, arriscando-se a lesar o mundo instintivo, pois ao negar a mãe ela também repudia tudo o que é obscuro, instintivo, ambíguo, inconsciente de seu próprio ser (Jung, 2001, p.107)

A mulher que estabelece um vínculo positivo com a Grande Mãe pode ter um modelo de como ser mãe, fértil, e manter o seu relacionamento com o seu próprio corpo e com a terra. No entanto, para a adaptação à cultura patriarcal, a mulher tem que aprimorar o seu lado masculino (superdesenvolver o lado masculino do animus ou se identificar com ele) e se alienar de certa forma do seu Self, que é feminino, comprometendo o seu desenvolvimento como mulher (desenvolver

qualidades maternas e de sua natureza feminina). Se a mulher se fixar no patriarcado, ela perde o contato com o aspecto matriarcal e vive como uma “filha do patriarcado”, de forma diminuída e inferior. Essa mesma perda é observada nos homens que se entregam ao mundo patriarcal, porém como no patriarcado os valores são masculinos, ele não se sente reduzido. Koltuv (1997) ressalta que a sociedade como um todo quando se fixa no patriarcado também é prejudicada por perder o contato com as raízes matriarcais.

A cultura patriarcal reforça o medo do feminino que gera a repressão desse princípio, sobretudo no que se refere ao seu caráter criativo e transformador, a fim de garantir a estabilidade do dinamismo patriarcal. Como resultado, os indivíduos e a sociedade adoecem porque há um aspecto (o Feminino) desse Todo bissexual que não pode ser contemplado, o que contribui para que o mundo patriarcal entre em crise.

Neumann (2000) proporciona uma reflexão acerca de uma possível razão para a submissão da mulher e do feminino em relação ao homem no patriarcado. O casamento patriarcal desvaloriza o feminino, já as mulheres recebem a projeção da *anima* e os homens do *animus*. Ao se identificarem com a feminilidade (instintos, impulsos sexuais e ânsia agressiva) projetada sobre elas numa cultura patriarcal, na qual os valores são masculinos, elas são vistas como depositárias do mal e acabam dependendo da ajuda dos homens para se desenvolver. Desse modo, os homens se consideram superiores e encaram as mulheres como inferiores. O autor ressalta que o casamento patriarcal é tão antigo quanto o conhecimento histórico, que só é possível com o predomínio de uma consciência patriarcal. Do mesmo modo, é antigo o problema do Feminino, já que está associado a uma cultura patriarcal.

Na última fase do desenvolvimento da mulher, denominada por Neumann (2000) como fase de confrontação, ela pode descobrir e encontrar o seu Self Feminino. No entanto, esse momento transpessoal é quase impossível de ser atingido numa sociedade tradicionalmente patriarcal, que reforça o Masculino. Inicialmente, a mulher pode ter medo de ser a diferente em meio aos valores patriarcais dominantes, até que na segunda metade da vida, talvez ela possa experimentar a força que liga os opostos, que antes estavam tensionados, e perceber

uma unidade composta de aspectos masculinos e femininos convivendo juntos e em parceria.

A mulher pode apresentar um medo do Masculino à medida que ela é tomada pelo uróboro patriarcal ou na passagem para o patriarcado, porque é algo estranho para ela e que pode torná-la alienada de si. Por outro lado, ela também pode apresentar um medo do Feminino e da sua natureza porque para descobrir o seu Self como Feminino – processo de individuação - ela precisa se libertar da prisão do patriarcado e da unilateralidade do casamento patriarcal, que num primeiro momento pode proporcionar-lhe certa segurança.

Noel (1998) defende que o modelo de evolução da consciência pautada na figura do Herói (arquétipo do herói) - masculino e macho - é algo problemático para o processo de individuação porque “colocar o Herói no centro da busca de si mesmo é como instalar um guerreiro dominador e intransigente no controle da psique de cada um de nós, mulheres e homens sem distinção...” (p.199). O autor se mostra convencido, por meio de publicações científicas a respeito do tema, que a mulher pode encontrar outros meios de crescer e se conhecer que não necessariamente àquele representado pelo modelo do Herói. Zimmerman (*apud* Noel, 1998) atesta que Jung e Neumann ao sistematizarem o processo de individuação centrado no ego, segundo uma lógica patriarcal, acabaram estabelecendo categorias muito masculinas que não são úteis para se criar uma concepção alternativa de individuação.

A ‘história da consciência’, então, acabou sendo a história do desenvolvimento do *homem*. O homem heróico luta violentamente para se libertar das amarras dos poderes coletivos e subconscientes da Grande Mãe. Somente com o ato matricida de assassinar a fera (que representa a Grande Mãe) é que o herói atinge sua individualização. A ferocidade com que o ego reprime o feminino, o corporal e o natural é diretamente proporcional à constatação feita pelo ego de sua condição elementar de *dependência*. Mas o ego ansioso enfim alega estar independente de tudo, até do Divino (Zimmerman *apud* Noel, 1998).

Além disso, Noel (1998) também coloca que o Herói do mito grego servia a deuses e deusas, isto é, a aspectos femininos e masculinos de forma igualitária. Ao equivalermos o ego ao herói numa perspectiva egocêntrica, nos esquecemos disso e tendemos a atribuir a ele somente a sua contraparte masculina. Para Hillman *apud* Noel (1998), ao se reduzir o ego heróico ao seu caráter combativo, ativo e vitorioso, o outro lado das emoções e da morte acabam sendo desconsiderados e o

herói fica mais vulnerável ao enfraquecimento e à morte de fato. Hillman questiona a razão pela qual o herói deve se desprender da mãe, que é tida como dominadora e controladora, se ela é a representante e a ligação com a natureza e a terra, o novo em potencial e o amor eterno. Neumann (2000) coloca que a mãe negativa pode impedir o crescimento do indivíduo ao querer conservá-lo, porém é necessário entender o sentido deste conservar, porque por vezes esse conservar pode ser muito necessário.

A desvalorização do Feminino, da alma, e das mulheres durante o patriarcado resultou da separação do ego e da consciência de um Todo que abrangia os opostos, “típica do mundo mágico-mitológico onde imperavam as necessidades e os instintos, com suas dinâmicas transformadoras da existência (e por isso ameaçadoras para o ego)” (Whitmont, 1991, p.163).

Para Woolger e Woolger (1997) o mundo moderno está assistindo um despertar ou renascer do Feminino, uma vez que as mulheres e o Feminino estão podendo se inserir nesse mundo regido pelas leis masculinas, o que causa reações diversas nos homens – muitas vezes eles se sentem até ameaçados e desafiados. Esse despertar do Feminino foi exacerbado pelas feministas nas suas diversas reivindicações, porém muitas outras mulheres (como poetisas, artistas musicistas, terapeutas) também sentem esses rumores internos que são expressões dessa transformação da consciência feminina que implica em uma nova relação da mulher consigo mesma. Surgem novas maneiras de entender o Feminino. Esse movimento é como uma antítese da sociedade patriarcal que está em decadência. Diante disso, talvez seja o momento de escrever uma nova psicologia do Feminino, na qual as mulheres possam retornar às suas raízes e integrá-las ao funcionamento masculino (alteridade). Os autores acreditam que dentro de cada mulher e também dos homens “há um anseio insaciável de recuperar a visão transcendente de inteireza, potência e amor representada outrora pela Grande Mãe” (idem, p.30). Seria inviável restaurar a grande Mãe ao seu estado unificado primordial, e a consciência talvez nem desse conta de sua inteireza, uma vez que ela já teve que sofrer divisões para poder vigorar na psique individual e coletiva das sociedades patriarcais. Porém, deveríamos buscar integrá-la de alguma forma a essa consciência compartimentada.

degradação das mulheres (que recebiam essa projeção). Hoje, esse medo se exprime na masculinização do mundo e na depreciação do feminino que é exclusivamente definido em termos de maternidade e serviços domésticos e, portanto, no declínio da verdadeira auto-estima da mulher como mulher, e não como imitadora do funcionamento do homem. O fracasso para integrar culturalmente o mundo do Yin, conduziu à difundida rigidez de atitudes mentais dogmáticas abstratas, resultando na nossa sociedade atual, que é estéril, dissociada do sentimento e do instinto e super-racionalista. Também a psique objetiva compensa coletivamente esse estado de coisas. Invasões compulsivas da alma ocorrem coletivamente em todas as expressões [...] (idem, pp. 177-178).

As sociedades matrilineares eram regidas pela consciência matriarcal de proximidade com a natureza e com o Feminino, ao passo que a sociedade patriarcal é dominada pelo homem e pelo princípio masculino. As teorias formuladas pelos estudiosos da Psicologia Analítica podem ser fruto da contaminação de uma sociedade patriarcal e machista.

O processo de individuação da mulher, de acordo com as teorias junguianas vigentes até o presente momento, está fundamentado no arquétipo do herói masculino, assim como o do homem. Muitos questionamentos a esse respeito surgem por conta da desvalorização do feminino e adaptação de um modelo masculino e patriarcal para a mulher, no qual ela deve se desprender das suas raízes matriarcais e femininas (Self feminino). Os homens heróicos se desprendem e vão para o mundo e a mulher pode escolher se vai ou não, mas quando decide ir vão como heróis e se distanciam da sua feminilidade. Será então, que devemos elaborar uma história da evolução da consciência da mulher baseada no “arquétipo da heroína”?

Na atualidade o relacionamento entre o Masculino e o Feminino está tomando novos contornos porque o relacionamento do homem com a sua *anima* e da mulher com o seu *animus* tornaram-se conscientes. Assim sendo, diante das mudanças e das lacunas existentes, é de extrema importância que se produza conhecimento científico para entender esse novo momento da consciência “pós-patriarcal”, que será que coincide com a alteridade? Vale ressaltar, porém, que a alteridade pressupõe o resgate do feminino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho pretendi dar voz ao feminino e colocar, assim como muitos autores, mais um foco de luz sobre esses aspectos que ficaram durante milhares de anos na sombra, no inconsciente.

A mulher ficou reclusa no espaço privado e quando teve abertura para vir para o Mundo ela perdeu a conexão com o seu Self feminino, os aspectos mais profundos da psique. Nessa vinda, ela pode contar com a ajuda de um herói que a conduz ao Pai. Na entrada no espaço público e patriarcal, ela se alia ao masculino como se ele fosse o Todo poderoso, e realmente é numa sociedade marcada pelo dinamismo patriarcal, e acaba se sentindo inferior e precisando correr para se adaptar a esse mundo e seguir o modelo imposto. Nesse sentido, o seu aspecto masculino interno (*animus*) se vê na sua função e a domina por completo, o que resulta na sua desfeminilização.

Delimitar um tema específico de pesquisa implica em abrir mão de muitos sonhos e desejos, se castrar e não ter tudo. Essa é uma condição imprescindível, porém muito patriarcal porque envolve separação e discriminação. O sentimento de insegurança pode surgir pelo medo de enfrentar o novo e o desconhecido, mas um ego heróico certamente conseguirá passar por essa barreira. E a mulher, tem uma heroína para ajudá-la ou terá que contar mais uma vez com um herói?

Para a elaboração desse trabalho, foi difícil transformar em palavras e em uma linguagem científica aquilo que estava sendo vivenciado internamente por mim em outros níveis, pouco acessíveis para uma consciência patriarcal. É uma tarefa árdua escrever de forma feminina em uma sociedade patriarcal em que crescemos, nos desenvolvemos e fomos treinados a pensar de forma abstrata e racional. Como vimos, o registro escrito marcou o advento dessa nova Era, mas atualmente muitas vezes não paramos para pensar como lidamos com as palavras e com o uso que se faz delas e das idéias dos autores em um trabalho científico. Simplesmente nos apoderamos, o que de certo modo nos dá segurança. No entanto, isso tem algumas conseqüências que merecem um espaço para reflexão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BYINGTON, Carlos. *Desenvolvimento da personalidade – símbolos e arquétipos*. São Paulo: Ática, 1987. p 40-67.
- CABRAL, Álvaro; NICK, Eva. *Dicionário técnico de psicologia*. 14. ed. Ampl. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAMPBELL, Joseph (1949). A partida. In: *O herói de mil faces*. 11 ed. São Paulo: Ed. Cultrix/Pensamento, 2007.
- CORBETT, Nancy Qualls (1988). *A Prostituta Sagrada: a face eterna do feminino*. 5.ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola (1992). *Mulheres que correm com os lobos - Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FARIA, Durval Luiz de. *O pai possível- Conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: Educ: Fapesp, 2003.
- JUNG, Carl Gustav (1967). *O Eu e o Inconsciente*. In: Obras completas de C. G. Jung, vol. VII/2. 20. ed. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. A importância dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1964, p. 20-31.
- JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Obras completas de C.G. Jung, vol.IX/I.2 ed. Pretópolis- RJ: Ed. Vozes, 2000.
- JUNG, Emma (1967). *Animus e Anima*. 5.ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.
- KOLTUV, Barbara B. *A Tecelã: Ensaio sobre a Psicologia Feminina Extraídos dos Diários de uma Analista Junguiana*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.
- MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2000.

- MENIN, Fernanda; LOUREIRO, Lilian; MORAES, Noely Montes. A maldição de Eva: a face feminina da violência contra a mulher. *Psicologia Revista - Faculdade de Psicologia da PUC-SP*. São Paulo, v.16, n.1 e n.2, p. 51-70. 2007.
- MORAES, Noely Montes. *Sapos não viram príncipes: Uma abordagem das perspectivas Amorosas de Mulheres Contemporâneas*. São Paulo, 1994. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1997.
- NEUMANN, Erich. *O medo do feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina*. São Paulo: Paulus, 2000.
- NOEL, Daniel C. Reencontro com o herói. In: DOWNING, Christine. (org) *Espelhos do Self: As imagens arquetípicas que moldam a sua vida*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1998, p. 197-204.
- PENNA, Eloísa M.D.. *O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa*. São Paulo, 2005, p71-94.
- SALLA, Maria Lúcia. *Desfeminização cultural e saúde - um estudo em mulheres executivas na ótica da Psicologia Analítica*. São Paulo, 2005. 177p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SAMUELS, Andrew. Jung e os Pós-Junguianos. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1985.
- SANCHEZ FERRE, Pere. O aspecto feminino da divindade. [Palestra proferida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008]. Acervo da Videoteca da PUC-SP. Publicado em mídia digital.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve História do feminismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

-TOGNINI, Michele Lopez. *Dor crônica e a Vivência do Feminino* - Redescobrimo-se através da Dança do Ventre. São Paulo, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

-VON-FRANZ, Marie-Louise. “Anima”: o elemento feminino e “Animus”: o elemento masculino interior. In: JUNG, Carl Gustav. (org) *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1964, p. 177-195.

-WHITMONT, Edward C (1969). *A busca do Símbolo* – Conceitos básicos de Psicologia Analítica. 8. ed. São Paulo: Ed.Cultrix, 2008.

-WHITMONT, Edward C (1982). *O retorno da deusa*. In: *Consciência em Evolução*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1991, p.57-86.

- WOOLGER, Jennifer B. e WOOLGER, Roger J. *A deusa Interior* : Um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997.

Anotações de aula do Núcleo de Jung do 5º ano do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP. São Paulo, 2010.